2 2

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

PINHEIRO CHAGAS

O naufragio

DE

VICENTE SODRÉ

LISBOA
Livraria de Antonio Maria Pereira, Editor
50 — RUA AUGUSTA — 54
1894

O naufragio de Vicente Sodré

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

PINHEIRO CHAGAS

O naufragio

DE

VICENTE SODRÉ

LISBOA
Livraria de Antonio Maria Pereira, Editor
50 — RUA AUGUSTA — 51
1894

DUAS PALAVRAS DE INTRODUCÇÃO

O BOM acolhimento, feito pelo publico á narrativa historica, intitulada *A descoberta da India contada por um marinheiro*, animou o auctor a empregar a fórma romantica para fazer conhecida dos leitores portuguezes a vida intima dos nossos antepassados, para os fazer penetrar nos segredos da sua politica, para os fazer entrar emfim nos bastidores d'aquellas tragedias epicas, que constituem as nossas grandes e gloriosas guerras.

A velha fórmula do romance historico está hoje decididamente fóra do gosto publico, mas a curiosidade de vêr os personagens historicos apeados do seu pe-

destal, e movendo-se nas peripecias da vida commum, é cada vez mais intensa. O que se não tolera é que a imaginação do romancista procure inventar personagens que se misturam, elles que são filhos da phantasia, com os personagens reaes, e ainda mais, attribuir a estes ultimos pensamentos, planos, objectivos que elles nunca tiveram, e que são muitas vezes absolutamente contrarios ao papel que representaram na scena verdadeira da historia.

O que ha a fazer então para evitar este escolho, e satisfazer ao mesmo tempo a curiosidade cada vez mais viva do publico, curiosidade que se manifesta pela avidez com que são lidas todas as monographias, seguidos todos os estudos que têem por fim descobrir e trazer á luz novas particularidades relativas a homens conhecidos ou a épocas curiosas? O que ha a fazer, parece-me, é não procurar o drama fóra da realidade, não inventar episodios, nem phantasiar personagens, procurar simplesmente vêr as scenas taes como a historia as descreve, comprehender os personagens como elles se revelam nos seus actos, e procurar fixar esta photographia, que se desenhou no nosso espirito, transmittil a ao papel e mostral-a ao publico. Se se conseguir, parece-nos que se farão reviver devéras as épocas historicas, o que não prejudicará o interesse dramatico das narrativas. Tem tantos dramas a vida real, bem mais pungentes, bem mais impressionadores do que os possa inventar a imaginação de um romancista! Pois se os tem agora, teve-os tambem no passado. A questão não é já encontral-os, é *pôl-os em pé,* como se diz em technologia theatral.

Mas em que livros se encontrarão os acontecimentos contados de fórma que seja facil vêr e perceber as physionomias dos personagens, e adivinhar os sentimentos d'onde hão de brotar os dramas? Em França não é difficil. Tem aquelle paiz a sua riquissima collecção de Memorias, onde nos podemos familiarisar com os personagens historicos, onde elles nos apparecem despidos dos seus trajos de etiqueta, e onde podemos perceber se não os sentimentos que os agitavam, pelo menos os que o publico do seu tempo lhes attribuia. Isso já é meio caminho para a verdade, sobretudo se tivermos cuidado de verificar bem qual era a situação politica do author das Memorias, para darmos o desconto necessario ás apreciações que elle fizer dos personagens com quem tratar, e as versões que apresentar com relação aos acontecimentos politicos mais importantes. Esse desconto não é difficil, desde o momento que applicarmos o processo que temos de applicar a um facto contemporaneo contado pelos jornaes dos diversos partidos. Acreditar n'um facto contado por um author de Memorias, que andou mettido na politica do tempo e acceital o como elle o conta, é tão perfeitamente absurdo como acreditar hoje na narrativa de um acto de um governo monarchista contado por um jornal republicano, ou na de um acto de um governo republicano contado por um monarchista. Ha muitos em cuja narrativa se póde crêr, mas em todo o caso, por maior que seja a boa fé do narrador, ha sempre a descontar os erros que elle commette involuntariamente, graças ao prisma que a sua paixão politica lhe põe diante dos olhos, sem que elle dê por isso.

Nós não temos Memorias, mas para a nossa historia da India temos as *Lendas da India* de Gaspar Correia, o livro historico mais valioso que possuimos, porque é o mais humano, o que nos mostra em traços realistas e familiares os caracteres dos homens e o aspecto dos acontecimentos. Não se póde prescindir do estudo apurado e continuado de Gaspar Correia quando se queira fazer a historia séria e util da nossa acção no Oriente no seculo XVI.

E' de Gaspar Correia que me tenho servido para fazer estas tentativas de resurreições historicas. Na *Descoberta da India* inda phantasiei um ou dois personagens, o marinheiro Bastião Fernandes e a sua velha mãe, mas o marinheiro era tão visivelmente a personificação da marinhagem, que me não deixou remorsos a invenção. Agora no *Naufragio de Vicente Sodré* não ha um só elemento de phantasia. Não fiz mais do que metter em scena os personagens, pôr-lhes nos labios as palavras que estavam no seu pensamento, mas que elles talvez não poderiam exprimir com a nitidez com que podemos formulal-as agora.

O quadro que eu procuro traçar não reproduz um acontecimento tão excepcional e tão dramatico como o da descoberta da India, mas agrupa factos bem interessantes para o conhecimento intimo d'aquella época sem apparecer sempre com uma solemnidade que nos fatiga. São as intrigas abominaveis que se teciam em Lisboa para se disputar o commando de uma esquadra, as impressões que os Hindhus recebiam da apparição d'estes estranhos occidentaes, cuja religião tinha com a d'elles tão singulares relações, e finalmente as

villanias, que logo depois da gloriosa descoberta vieram infamar o nome portuguez. A historia tem duas faces, e nenhuma se deve occultar. Não se deve ter para com os nossos antepassados nem a admiração prudhomesca nem o pessimismo desdenhoso. O que é necessario é fazer seguir a *Descoberta da India* pelo *Naufragio de Vicente Sodré,* a gloria pela infamia, as aventuras de um heroe pelas aventuras de um flibusteiro.

I

A CHEGADA DE PEDRO ALVARES CABRAL

QUANDO Pedro Alvares Cabral entrou no Tejo, voltando da sua viagem á India, foi grande a surpreza e não menor o desapontamento. Lembravam-se todos da luzida armada que partira no anno anterior, e que levava não menos de quatorze navios. Ora, quando todos esperavam vêl-a tornar carregada de pimenta e de objectos preciosos, com a perda de tres ou quatro navios quando muito, foi grande espanto vêr-se que tornava Pedro Alvares sósinho! Accumulava-se gente na praia a vêr a nau que fundeava, mas d'essa multidão não saía um grito de enthusiasmo, e pelo contrario o que se ouvia eram os soluços das familias dos que tinham partido, e não voltavam!

Quando se arriou de bordo da nau o esquife que devia trazer a terra o capitão-mór, que ía, como de costume, comprimentar El-Rei, alguns mais impacientes se deitaram aos bateis para irem ao encontro d'elle. Assim formavam um cortejo naval ao escaler do descobridor do Brazil, mas as palavras com que o heroe era acolhido estavam bem longe de se parecer com as que tinham saúdado o regresso de Vasco da Gama. Antes de lhe perguntarem pelas alegres novas que podia trazer da sua longinqua viagem, não faziam senão atormental-o com perguntas ácerca dos navios que faltavam e dos capitães e dos fidalgos que tinham ido na aventurosa expedição.

— Sósinho, Pedro Alvares! perguntava-lhe um fidalgo que mais se approximára do seu escaler. Pois tamanha catastrophe vos succedeu que só a vossa nau pôde escapar ás tormentas?

— Não, por Deus! respondeu Pedro Alvares, surdamente irritado com tão estranha recepção. De Moçambique saí com Braz Mattoso, e Nicolau Coelho, e Nuno Leitão, e, se nos perdemos uns dos outros, espero em Deus que não tardaremos a juntar-nos aqui. Sancho de Toar fôra a Sofala, mas não deve tardar a vir-nos no encalço.

— E Bartholomeu Dias? perguntou outro.

— Lá jaz com o seu navio nas aguas do Cabo da Boa Esperança. Vingaram-se d'elle esses mares que sulcou primeiro, mas deram-lhe ao menos o tumulo que merecia.

— E Vasco de Athayde? perguntou ainda uma ou-

tra voz trémula que Pedro Alvares não conheceu de certo.

— Está fazendo companhia a Bartholomeu Dias, respondeu o capitão-mór, sem saber que era ao proprio filho do morto capitão que dava a tragica noticia.

Um soluço que irrompeu dilacerante de um peito juvenil indicou a Pedro Alvares Cabral o mal que fizera. Tambem logo se espalhou por todos os bateis um silencio profundo, ouvindo-se distinctamente o bater dos remos na agua.

Um dos curiosos quiz vêr se quebrava este incommodo silencio, e perguntou galhofeiramente:

— Como se dá Ayres Correia com os ares da India? Tem emmagrecido muito com o arroz que por lá se come?

— Ayres Correia, tornou Pedro Alvares impaciente, foi morto n'um combate com as gentes de Calicut. E, se quereis decididamente que a primeira cousa que eu faça ao chegar a Lisboa seja dar a relação funeraria dos enterramentos, dir-vos-hei desde já que no cabo da Boa Esperança tambem morreram Simão de Pina e Gaspar de Sousa, e que mais me valêra a mim ter lá ficado tambem, já que em Lisboa a festa que me fazem é d'este jaez.

A impaciencia do capitão-mór serviu-o mal. Todos conheciam instinctivamente a injustiça do que estavam fazendo, e estariam promptos talvez a reparal-a, e a consolar Pedro Alvares de tão estranha frieza, mas um dos homens, cuja morte o capitão-mór indicára,

Simão de Pina, tinha tambem parentes proximos a bordo dos bateis, e a dôr que elles mostravam veio aggravar a impressão causada pelas funebres respostas de Pedro Alvares Cabral.

Mas essa injustiça era realmente flagrante e devia amargurar profundamente o intrepido capitão-mór. O que! pois ainda que se ignorasse o que elle fizera no Oriente, não se sabia já em Lisboa que elle descobrira a terra de Santa Cruz — quer dizer o Brazil? e, emquanto em Castella se celebrava com enthusiasmo a gloria de Christovão Colombo, só porque descobrira terras ao Occidente, elle que tambem para esse lado encontrára terras cobertas de uma vegetação maravilhosa, havia de ser recebido em Lisboa como se fosse um vencido! como se fosse um homem a quem todas as emprezas se mallogravam!

E entretanto o batel seguia para a praia no meio de um cortejo mais luctuoso do que triumphal, e do povo que se accumulava á beira do rio não se elevava uma só acclamação. Pedro Alvares Cabral era homem modesto e absolutamente incapaz de se mostrar espectaculoso, para conquistar os applausos da turba. Trazia comsigo um naire de Cochim, e nada lhe seria mais facil do que excitar assim a curiosidade publica, e logo em seguida á curiosidade o enthusiasmo; porque a vaidade portugueza havia de sentir-se affagada, como se sentiu depois, por vêr nas ruas de Lisboa, como vassallo humilde, um d'esses fidalgos do longinquo Oriente, d'essas terras maravilhosas que a distancia e a lenda aureolavam com todos os prestigios. Não era

um d'estes pretos boçaes da costa africana que a muito custo D. João II fizera acceitar na sua côrte como principes authenticos, era um principe que vestia sedas e usava pedrarias, que vinha de uma d'essas terras das *Mil e uma noites*, onde as crianças brincavam com diamantes como na Europa brincam com os seixos das praias. Que deslumbramento elle produziria em Lisboa, ao passar ao lado de Pedro Alvares Cabral, e como elle concorreria para realçar a figura do capitão-mór!

Mas Pedro Alvares nem pensou n'isso. Não quiz mostrar o seu naire ao povo sem ter primeiro recebido de Sua Alteza permissão para o levar á sua regia presença.

Era assim em tudo. Pois, tendo descoberto a terra de Santa-Cruz, tendo quebrado o encanto que parecia destinar para os hespanhoes as terras do sol poente, outro mais cioso da sua gloria não levaria cuidadosamente para a India o segredo da sua descoberta e não a communicaria só quando regressasse a Lisboa, trazendo elle mesmo tão importante nova? Mas Pedro Alvares cuidou mais do interesse do paiz do que dos interesses do seu nome, e da propria Santa Cruz mandaram logo um navio ao reino a communicar a fausta noticia a El-Rei. Não, que era de primeira necessidade affirmar desde logo a prioridade do descobrimento! Que os hespanhoes n'esse tempo, como os inglezes agora, andavam tambem á cata de qualquer bocado de terras ultramarinas que nos tivesse escapado ou em que não estivesse bem assente e bem consolidado o

nosso direito. A todo o tempo era tempo de receber as congratulações pela sua descoberta.

Como se illudiu o ingenuo explorador! Quando chegou a Lisboa regressando do Oriente já ninguem se lembrava de que fôra elle que descobrira a terra de Santa Cruz! E' que n'estes dramas espectaculosos da vida real é necessario, como nos dramas do theatro, cuidar do fim dos actos. Póde ter um acto scenas que arrebatem o publico: se o final é frouxo, o panno cae friamente, e, quando o auctor espera que o applauso o recompense das formosas scenas que ideou, o applauso desapparece. A scena da descoberta de Santa Cruz fôra de grande effeito sobre o publico, mas o final do acto era frouxo, e o povo via passar Pedro Alvares sem um applauso sequer.

Tinha-se chegado á praia, e o batel abicava no meio de um gelido silencio. De subito porém vê-se ondear a multidão, agita-a como que um frémito de enthusiasmo, e logo um immenso viva atrôa os ares. Mal se distingue o que dizem estas vozes que vem das ultimas camadas da turba, mas no momento exactamente em que Pedro Alvares saltava em terra, a multidão rompia-se e um cavalleiro desempenado, de longas barbas já sulcadas por fios de prata, parava á beira do rio, saltava abaixo do cavallo, e corria para Pedro Alvares. Então ouviu-se distinctamente o que diziam essas vozes confusas:

— Viva D. Vasco da Gama! viva o descobridor da India!

E elle, risonho e altivo, tirando o seu gorro emplu-

mado com uma das mãos, e cingindo com a outra ao peito Pedro Alvares Cabral, gritou com essa voz forte que dominava os temporaes:

— Viva o descobridor de Santa Cruz!

— Viva! disse o povo.

Duas lagrimas saltaram dos olhos de Pedro Alvares Cabral. Apertou convulsamente a mão do generoso heroe. Não disse uma palavra, mas nos seus olhos luzia a doce chamma de uma gratidão profunda.

II

FRAQUEZAS DE UM GRANDE HOMEM

D. Manuel recebeu Pedro Alvares Cabral com muitas honras, e consolou-o um pouco do triste acolhimento que elle tivera. A pouco e pouco foram entrando tambem as outras naus que tinham escapado á viagem, e que traziam pimenta com fartura. Depois a apparição do naire na côrte produzira um effeito enorme. O povo accumulava-se para o vêr passar, com a sua tez bronzeada, com o seu bello olhar sereno e grave. No paço apinhavam-se os cortezãos nas salas para o verem.

Pedro Alvares Cabral estava ao lado d'El-Rei, e do outro lado D. Vasco da Gama. O naire entrou com os seus pannos resplandecentes de brancura e as suas vestes de seda variegadas e vistosas. Trazia nas ore-

lhas uns grossos brincos de oiro, nos braços nús manilhas de oiro tambem, vinha com a sua adarga vermelha e a sua espada, com os negros cabellos corredios e longos atados e entrançados. As damas olhavam curiosamente para elle, e cochichavam entre si, rindo, mas não achando mal disposto o rapaz, porque era muito novo o kchatrya de Cochim.

O moço indio não olhava para ninguem; caminhava direito ao rei, e apenas, antes de se curvar diante d'elle, deitou um rapido olhar e um sorriso a Pedro Alvares Cabral. Depois, porém, uniu os pés, metteu a espada debaixo do braço esquerdo, poz a adarga diante das pernas, uniu as mãos, levou-as assim unidas á cabeça, baixou-as em seguida ao peito, sempre com o corpo muito inclinado, e assim ficou mudo e respeitoso.

— Podeis fallar! disse El-Rei.

E o kchatrya pronunciou na sua lingua algumas palavras sonoras e doces, que foram ouvidas com avidez por toda a turba de curiosos.

Mas o rei enleiado voltou-se a D. Vasco da Gama a perguntar-lhe o que elle dissera.

E D. Vasco respondeu rindo:

— Senhor, devo confessar a Vossa Alteza que me não chegou o tempo para estudar as linguas d'essa gente.

Então El-Rei voltou-se para Pedro Alvares que lhe explicou as palavras proferidas. O indio pedia a El-Rei que lhe perguntasse o que quizesse saber, porque elle não ousava...

— Mas, accrescentou Pedro Alvares, este naire já sabe alguma coisa de portuguez, e creio que na nossa lingua poderá dar conta de si. Permitte-me Vossa Alteza que lh'o pergunte?

El-Rei fez um gesto affirmativo.

Pedro Alvares fez ao kchatrya uma pergunta na sua lingua, a que elle respondeu com um gesto de obediencia. Pedro Alvares disse então a El-Rei, que o indio esperava poder exprimir-se em portuguez.

Então El-Rei perguntou:

— Sois naire?

E elle, pondo primeiro os dedos da mão direita diante da bocca, como fizera já da primeira vez que fallára, em signal de cortezia e de reverencia, disse em portuguez, com uma pronuncia estranha, e fallando devagar, como quem soletra:

— Senhor, eu naire sou, mas agora que estou ante Vossa Alteza, só quero ser perfeito portuguez.

Correu na sala um murmurio de admiração e por pouco que não rebentaram os applausos. Como aquelle rapaz de brincos de oiro fôra discreto no que dissera! e como elle fallava a nossa lingua! Ah! não era realmente para encher de orgulho um coração portuguez vêr os fidalgos d'essas longinquas terras a aprenderem a nossa lingua como a lingua dos seus senhores e dominadores! Todos os olhares se dirigiam tambem para Pedro Alvares, que era, por assim dizer, o cornaca d'aquelle pequeno elephante, o homem que todos agora louvavam e applaudiam.

El-Rei ainda fez algumas perguntas ao kchatrya,

mas a essas já elle respondeu imperfeitamente, não percebendo bem as perguntas e não sabendo formular as respostas. Olhava então para Pedro Alvares, que um tanto confusamente lá conseguiu manter, mas por muito pouco tempo, o dialogo.

Despediu o Rei o naire, como diziam, que saiu recuando, e voltou-se logo depois a conversar com Pedro Alvares Cabral.

— Aprendestes então a lingua d'estes gentios? disse-lhe El-Rei.

— Muito pouco, senhor; emfim sempre entendo alguma coisa, e algumas palavras sei proferir na lingua d'elles; mas, como Vossa Alteza viu, accrescentou Pedro Alvares rindo, não me posso metter em muito altas cavallarias.

Então El-Rei interrogou-o ácerca dos costumes d'esses povos, e Pedro Alvares tudo explicou, sendo tanta a curiosidade dos que assistiam, que foi necessario que El-Rei franzisse o sobr'olho para que os curiosos recuassem.

Vasco da Gama conservava-se absolutamente silencioso.

El-Rei teve a vaga percepção de que o descobridor da India não estaria satisfeito com a scena, que diante dos seus olhos se passava, e em que tinha um papel de comparsa, porque se voltou para elle no momento em que Pedro Alvares acabava de lhe dizer que para um indio o acto supremo de deferencia e de submissão era pôr os dedos da mão direita diante da bocca, como para impedir assim que a impureza

do seu halito fosse contaminar a pessoa a quem se dirigia.

—Esta cortezia dos dedos parece-me bem, disse D. Manuel, mas acho demasiado que elles ponham as mãos. É um acto de adoração que só a Deus se deve. Não achaes D. Vasco?

—Hon! respondeu o interpellado.

Teve El-Rei de se contentar com a resposta, apezar de não ser demasiadamente explicativa, e disse para Pedro Alvares Cabral:

—Emquanto não dou aposentadoria propria a este naire, conservae-o em vossa casa, Pedro Alvares, que eu terei n'isso uma grande mercê.

—As ordens de Vossa Alteza serão cumpridas, disse Pedro Alvares.

Poderá considerar-se como offensa para a memoria de Vasco da Gama o dizer-se que elle ficára descontente com a scena? Não de certo. Vasco da Gama era homem, e seria ridiculo querer suppôl-o isento das fraquezas da raça humana. O seu animo era tão generoso, tão levantado o seu espirito, que n'elles não podia caber nem o mais leve sentimento de inveja. Não era licito porém esperar da natureza humana que podesse deixar de se melindrar um pouco o descobridor da India, vendo que todas as attenções se voltavam para aquelle que não fizera senão seguir o caminho que elle abrira, vendo a sua India como que empolgada por outro, só porque se lembrára de trazer á Europa um naire! Vinte poderia elle trazer se quizesse occupar-se d'isso!

Inveja! Bem mostrára elle que a não tinha quando fôra o primeiro a chamar para Pedro Alvares as saudações populares! Ah! se se tratasse das terras de Santa Cruz, poucas acharia quantas honras se fizessem a Pedro Alvares Cabral, e seria elle o primeiro a render-lh'as! Seria elle quem acclamaria a gloria do seu camarada! Mas a India! A India era d'elle! Era o seu thesouro, a sua joia. Tocar-lhe era roubal-o! Como podia resignar-se a vêr-se alli como esquecido quando da India se tratava! Como se resignaria a tolerar que fôsse Pedro Alvares que lhe estivesse explicando a elle o que os indianos diziam! Essa ferida do amor proprio sentia-a elle mais dolorosa, e logo alli começou a germinar no seu espirito a idéa de que era forçoso que tornasse á India para n'esses mares tempestuosos, onde Pedro Alvares não soubera senão perder navios, retemperar a sua gloria, que era tão facil, segundo parecia, a qualquer lançar na sombra!

Foi pois com um mau humor desculpavel que o grande D. Vasco saiu da sala, onde era cada vez mais densa a turba dos cortezãos, que se apinhavam em torno de Pedro Alvares Cabral a ouvil-o discursar, e contar as coisas estranhas que na sua viagem vira.

Ao sair porém a porta, teve de se desviar vivamente para deixar passar a rainha D. Leonor, a respeitada, a caridosa, a imponente viuva de D. João II. Quando esta o viu passar, sorriu-se e estendeu-lhe a mão.

D. Vasco inclinou-se para lh'a beijar com sincero respeito.

— Sempre occupado das coisas da India, D. Vasco? disse ella.

— E' o meu dever, senhora.

— E o vosso direito, tornou ella. Ninguem o affirmou melhor.

— Folgo, tornou Vasco da Gama, que Vossa Alteza trate com tanta bondade os meus debeis esforços.

— Debeis? disse D. Leonor sorrindo.

E accrescentou:

— Prepara-se agora nova expedição, não é verdade?

— Sim, real senhora.

— Para a India tambem, não é assim?

— Para a India.

— Quem vae commandar a esquadra?

— El-Rei o sabe. Comtudo suppõe-se que seja Pedro Alvares Cabral.

A rainha fez com o gesto um leve movimento de desdem.

— Se eu governasse, disse ella, ninguem andaria no mar senão vós, D. Vasco, porque n'elle Deus vos fez tanta mercê.

— Sempre em Deus puz a minha esperança, senhora, tornou D. Vasco radiante.

Mas a rainha D. Leonor, dando de novo a mão a beijar ao almirante do mar das Indias, saiu, tendo lançado na alma do grande homem um germen, que não tardará a transformar-se em arvore viçosa, como veremos.

III

AS INTRIGAS DO COMMANDO

Como póde bem imaginar-se, não tardou a saber-se o que a rainha D. Leonor dissera a Vasco da Gama, nem este de certo pensára em occultar estas palavras, que tanto o lisongeavam. Bastou que isto corresse para que todos principiassem logo a fazer opposição á partida de Pedro Alvares. Muitas razões concorriam para isso, que são faceis de discriminar.

D. Vasco da Gama collocára-se, logo na sua primeira viagem, tão alto que não podia excitar a inveja de ninguem. Percebiam todos que, por mais que elle fizesse, não podia alcançar maior fama, e que bastava que não fizesse muito para que pelo contrario essa fama diminuisse. Com Pedro Alvares não succedia o mesmo.

Esse havia de empenhar-se em tirar a desforra, e um triumpho brilhante collocal-o-ia logo no primeiro plano, e offuscaria por conseguinte os que lhe tinham inveja. Logo todos acolhiam com fervor a idéa de ser Vasco da Gama o escolhido, visto que para a grande esquadra que se preparava não se podia escolher senão entre dois homens, ou Pedro Alvares, a quem cabia tirar vingança do que soffrêra, ou D. Vasco da Gama, chefe supremo, na sua qualidade de almirante do mar das Indias, das expedições orientaes.

Por outro lado entre os capitães que se preparavam para partir estavam os Sodrés, gente nobre e violenta, não muito bem vista, mas temida, e todos parentes por affinidade de Vasco da Gama. Tanto a Vicente como a Braz convinha immenso que fosse Vasco da Gama o commandante, e por isso não cessávam de prégar no Paço e na Rua Nova, e na Ribeira das Naus e em toda a parte onde se fallava nas coisas da India que era uma barbaridade pôr-se Pedro Alvares á testa de uma esquadra quando Vasco da Gama estava vivo e são, e que se não podia allegar que isto diziam por serem seus parentes, pois que a propria rainha D. Leonor, a santa rainha, cujo são juizo todos reconheciam, fôra a primeira a emittir essa opinião.

Accrescia ainda, que um dos capitães da armada, que tinham chegado depois de Pedro Alvares a Lisboa, fôra Nicolau Coelho, e esse póde bem imaginar-se que era um dos fanaticos de Vasco da Gama. Não accusava Pedro Alvares, antes pelo contrario prestava homenagem á sua bravura, mas referia-se com pezar a alguns

dos factos d'essa viagem, que de modo nenhum lhe agradavam. Assim não podéra levar á paciencia que Pedro Alvares fôsse o primeiro a chegar a Lisboa, quando Vasco da Gama fizera os maiores esforços para trazer os navios unidos, e, em vez de procurar tomar a dianteira aos outros, quando se tratava de trazer a Lisboa nova tão importante e tão alviçareira como era a da descoberta da India, instára com elle Nicolau Coelho para que apertasse com o navio e procurasse chegar a Lisboa antes de todos. Parecia-lhe tambem que muitos dos desastres de Calicut se deviam um pouco a descuidos do capitão-mór. Não lhe perdoava o ter como que fugido da esquadra de Calicut. E, quando lhe allegavam dizer Pedro Alvares que precisava de salvar a carga de pimenta, Nicolau Coelho respondia, com sincera e nobre indignação, que primeiro que toda a pimenta da India estava a honra da bandeira portugueza. Estas palavras sempre produzem effeito nas collectividades, e não havia homem interesseiro e avaro, capaz de trocar todas as bandeiras christãs por um quintal de pimenta, que junto com os outros não applaudisse trovejantemente a idéa de que acima de todas as pimentas do mundo está a honra da bandeira.

Ora, emquanto ía d'esta fórma engrossando a opinião contra Pedro Alvares, este nada fazia para a contrariar. Modesto, retirado, repartia a sua vida entre a convivencia caseira com a sua familia, a fiscalisação da construcção e da reparação e do abastecimento das naus a que se procedia com grande pressa na Ribeira, e uma palestra, que muito o interessava, com o joven

kchatrya, que trouxera de Cochim, e que estava sendo instruido pelo bispo Calçadilha, segundo as ordens d'El-Rei, primeiro na lingua portugueza e depois no cathecismo christão.

E, sereno, no meio das intrigas que se tramavam contra elle, silencioso porque era homem de poucas fallas, Pedro Alvares Cabral excitava por isso mesmo o mau humor de Vasco da Gama, naturalmente expansivo e facilmente violento, que todos os dias se encontrava com o descobridor do Brazil na Ribeira das Naus, ou no Caes da India, sem que entre os dois se trocasse a minima palavra ácerca do que se estava passando em Lisboa.

Era realmente um pouco sem ceremonia. Não se dizia em Lisboa outra coisa, senão que o commandante da esquadra devia ser Vasco da Gama e não Pedro Alvares Cabral, e este ultimo nem se dignava fazer allusão a semelhante facto, como se entendesse que El-Rei não podia hesitar nem um momento, e que o commandante da esquadra que partisse para a India não podia ser senão elle.

Conhecemos Vasco da Gama. Se Pedro Alvares se tivesse queixado de que lhe queriam tirar o ensejo de se levantar do seu desastre, seria elle o primeiro a consolal-o, e a impôr silencio a tudo o que se dizia. Se Pedro Alvares fosse o mesmo que, sabendo o boato, se apressasse a dar a sua demissão para ceder o passo a Vasco da Gama, este obrigal-o-hia a retiral-a, e não consentiria por fórma alguma em substituil-o. Perante o silencio, que parecia desdenhoso, de Pedro

Alvares, Vasco da Gama irritou-se, e sentiu logo um desejo irresistivel de tomar elle o commando.

O silencio de Pedro Alvares não era, como póde bem imaginar-se, nem desdenhoso, nem desprezador; era filho, em primeiro logar, de uma informação muito incompleta do que se espalhava em Lisboa, em segundo logar de uma invencivel timidez que d'elle se apoderava quando tinha de tratar com Vasco da Gama.

Essa timidez ia perdel-o. Apenas Vasco da Gama deixou perceber, por algumas palavras soltas, que tinha vontade de commandar a esquadra, os que faziam opposição a Pedro Alvares repetiram-n'as aos cem echos da fama, tanto que chegaram aos ouvidos d'El-Rei. Havia muito que D. Manuel andava preoccupado com a nomeação do capitão-mór da armada. Não tinha a minima vontade de affrontar Pedro Alvares tirando-lhe o commando, mas tinha enguiço com elle, isso é que é verdade. Depois tudo lhe contavam: o que dissera a rainha D. Leonor, e a opinião de Nicolau Coelho, e a má vontade dos capitães e os murmurios do povo. Tudo isto o trazia perplexo.

Um dia fôra á Ribeira vêr as naus. Não estava Pedro Alvares. Acudiu porém logo D. Vasco da Gama, e com elle andou El-Rei conversando.

— Não é esta a *Batecabello*? perguntou El-Rei apontando para uma nau que acabava de se limpar.

— Senhor, não, respondeu Vasco da Gama, a *Batecabello* saiu ha tres dias do estaleiro Vê Vossa Alteza acolá a *Leonarda* que conhece bem? Estão por traz d'ella tres naus. As duas dos lados, a *Leitôa* e a *Bre-*

tôa, tambem Vossa Alteza as conhece. A do meio é que é a *Batecabello*, a que Vossa Alteza examinou agora é nova, é a *S. Miguel*.

— Oh! disse El-Rei, prouvera a Deus que fossem tambem *S. Raphael* e *S. Gabriel*.

— A *S. Raphael* lá vae, senhor, e com bom capitão, Diogo Fernandes Correia, que Vossa Alteza ordenou que ficasse como feitor em Cochim.

— Ainda que fosse a *S. Gabriel* tambem, tornou El-Rei suspirando, faltava quem soubesse commandar todas tres.

Vasco da Gama calou-se, mas sorriu.

— Vae bem confiada a armada, tornou El-Rei, que Pedro Alvares é homem bom para o rei, mas não é bem afortunado nas coisas do mar!

Vasco da Gama era homem de promptas resoluções, por isso, desdenhando circumloquios e subtilezas, exclamou bruscamente:

— Senhor, para que estamos com rodeios? Eu dôo-me das coisas da India como se ella fosse minha, porque fui o descobridor d'ella com muitos trabalhos e riscos de vida, e Vossa Alteza está desgostoso e desconfiado da duvidosa fortuna de Pedro Alvares Cabral. Pois eu, já que me diz a vontade que vá n'esta armada fazer esta viagem, peço a Vossa Alteza que assim o haja por seu serviço. E esta mercê que eu agora peço já Vossa Alteza m'a tem feito.

— Eu? disse D. Manuel espantado, mas satisfeitissimo no fundo com esta resolução de Vasco da Gama.

— Vossa Alteza. N'uma carta que me outhorgou, Vossa Alteza me deu a capitania de todas as naus que saissem de Portugal para a India em que eu me quizesse embarcar, e mandou que eu sem embargo a podesse tomar, ainda que ella já estivesse em Belem para sahir pela barra. Em troca sou eu obrigado a embarcar logo no praso de seis dias, e Vossa Alteza se obrigou a dar satisfação a qualquer capitão-mór a quem antes estivesse dada a tal armada.

— Tendes razão! exclamou D. Manuel radiante.

— Por mim, nem de tres dias preciso, que hoje mesmo embarcarei, se Vossa Alteza quizer, e Vossa Alteza, cumprindo a sua real obrigação, a Pedro Alvares Cabral satisfaça com muita mercê que muito merece, e, se lhe aprouver, mandae-o na armada do outro anno.

El-Rei ficou um instante silencioso; mas depois meneou a cabeça e disse:

— Deus sabe se me sorri a idéa de vos vêr a capitanear esta formosa armada, e nem podeis imaginar quanto vos agradeço a vontade que tendes do meu serviço; mas vou affrontar um homem que bem me serviu tambem. Haverei prazer que fiqueis para o anno, e que vá agora Pedro Alvares como está ordenado.

Foi intenção d'El-Rei estimular D. Vasco, ou disse essas palavras com sinceridade e desejo de não magoar um servidor leal?

Quem ha de hoje sabel-o? O que succedeu porém foi o que era de prever. A resistencia esporeou o desejo de Vasco da Gama; o orgulho fez-lhe subir o ru-

bor ás faces, e, franzindo o sobr'olho, disse logo assomado:

— Affronta a Pedro Alvares! O affrontado sou eu, pois Vossa Alteza nenhuma razão tem de quebrar a mercê que por carta régia me foi feita! Nas coisas do serviço de Vossa Alteza nunca a minha palavra, nunca a minha obra voltou atraz! Se atraz volta a palavra de um rei, a minha é que não segue esse rumo. Não me cumprindo a mercê que me foi feita, faz-me Vossa Alteza grande aggravo, mas dá-me tambem proveitosa lição. Já este aggravo soffro; fui avisado a tempo. Estou encetado para outros maiores.

O leão rugia, e El-Rei empallideceu. Pôde n'esse momento comprehender como fôra que no mar alto, no meio das tempestades, a vontade de ferro de Vasco da Gama quebrára as mais rijas temperas de marinheiros. Para poder lidar victoriosamente com homens d'aquelles, só D. João II.

— Serenae, D. Vasco. Injustamente vos turvaes. Não penso em aggravar-vos, nem em tirar o que vos tenho dado, antes quero accrescentar-vos em móres mercês. O pejo que me impedia foi só o do aggravo de Pedro Alvares, e a perda que terá da sua fazenda já empregada, mas essa perda eu lh'a satisfarei, e, tenho-o na conta de tão meu servidor, que sei bem que tudo esquecerá para que eu não quebre a minha palavra. A armada é vossa, D. Vasco, e tenho com isso altissimo prazer.

D. Vasco serenou rapidamente, mas ainda se sentia

a agitação da tempestade no mau humor com que respondeu:

— Aggravo! aggravo! Que se aggrave de mim, se quizer, o sr. Pedro Alvares, e que m'o diga. Aggravo! Devia agradecer-me, porque homem que tem desastres no mar o que deve é fugir d'elle.

Mas o bom coração e a alma generosa de Vasco da Gama logo retomaram o seu imperio, e foi mansamente que accrescentou:

— Póde Vossa Alteza dizer-lhe que me obrigo a que todos os empregos de mercadorias que elle já tem embarcadas lhe voltem satisfeitos, e póde até mandar um feitor para vèr o serviço que eu lhe fizer. Tomo a meu rol os gastos que elle houver feito em mantimentos, e ainda lhe dou dois mil cruzados da minha casa das embarcações para um ginete.

— Não! não! disse D. Manuel. Eu tudo satisfarei.

Póde-se imaginar com que alegria Vicente Sodré e Nicolau Coelho e os outros receberam a noticia de que seria D. Vasco da Gama o commandante da armada que para a India se destinava. Correu logo a fausta noticia de bôca em bôca, e não era já uma novidade para Pedro Alvares Cabral, quando entrou, com um sorriso amargo nos labios, no paço, onde El-Rei o mandára chamar.

— Senhor, disse elle, apenas El-Rei começou a expôr-lhe com muito enleio o assumpto de que se tratava, permitta-me Vossa Alteza que eu responda sem esperar toda a pergunta: sei o que se passa, Vossa Alteza deseja que D. Vasco da Gama seja, em minha vez,

capitão mór da armada que vae partir. E' esse o meu desejo tambem. Vale mais do que eu o descobridor da India. Eu apenas descobri umas nesgas de terra para o poente. Já Cristovão Colombo as adivinhára e na côrte de Lisboa riram-se d'elle. Eu encontrei-as, e parece-me que em Lisboa ainda se riem mais. E' sorte. Vasco da Gama teve mais prospera fortuna, e mereceu-a. E' justo que continue.

— Mas, Pedro Alvares, não quero que recebaes escandalo, acudiu El-Rei.

— Nem recebo. Cumprir a vontade de Vossa Alteza é minha gloria e satisfazer o desejo de D. Vasco da Gama é grande satisfação minha. E digo-o do fundo do coração, porque nunca hei de olvidar o modo generoso como elle me recebeu em Lisboa. E já hoje começo a mostrar-lhe que o não esqueci.

— Mas, Pedro Alvares, para o anno parte outra armada, e sereis vós então o capitão-mór.

— Supplico a Vossa Alteza que me dispense d'esse encargo. Já que D. Vasco da Gama tão nobremente se encarrega de vingar a affronta que o rei de Calicut me fez, aproveito o ensejo, se Vossa Alteza m'o permitte, para ir a Belmonte e a Santarem cuidar de minhas fazendas e descançar tambem. A D. Vasco da Gama agradecerei, reconhecido, o consentir que na India se negoceiem as mercadorias que embarcára, a Vossa Alteza agradeço as mercês com que tencionaveis consolar-me e que são inuteis agora, visto que não póde haver consolação quando não ha desgosto.

— Sois um bom e leal servidor, Pedro Alvares, disse-lhe El-Rei ao despedil-o.

Pedro Alvares beijou-lhe a mão e saíu.

N'um patamar da escada parou. Das janellas via-se o Tejo, e na nesga do rio que o olhar abrangia alguns dos navios da armada.

— Nunca mais! murmurou elle, nunca mais vos commandarei, ó naus pujantes, ó finas caravellas! A minha gloria acabou! Nem que m'o peçam de mãos postas, eu voltaria a capitanear uma armada, ou um navio... De intrigas de côrte farto e refarto já estou, mas que D. Vasco da Gama lhes não fosse sobranceiro!... Foi o ultimo desengano!

E a promessa cumpriu-a! .O descobridor do Brazil nunca mais capitaneou nem uma armada, nem um navio!

IV

AS DUAS RELIGIÕES

ENTREMOS n'um dos aposentos que Pedro Alvares occupa em Lisboa. Forram-lhe o chão finas esteiras. Sentados em duas cadeiras proximas da janella d'onde se divisa o Tejo, estão o moço kchatrya, ou naire como os portuguezes diziam, e o bispo Calçadilha encarregado de o catechisar. No momento em que entramos é o joven indiano que falla com a sua voz pausada e grave.

— Christo, diz elle! Sim! sim! adoramol-o. Krishna! Krishna!... E' uma incarnação de Vichnú.

— Não! não! interrompeu Calçadilha... Chamae-lhe Krishna embora... E' a vossa lingua, que adultera o nome sagrado de Christo... Mas é o Deus Filho que se incarna, o Deus que faz parte da Trindade sublime, Padre, Filho e Espirito-Santo!

— Sim! sim! A Trindade! Brahma, Vichnú, Siva... Sim! sim! a Trindade! E' Vichnú que se incarna mil vezes, em mil fórmas, em tartaruga, em peixe, em leão, em javali, em anão, em Rama, em Buddha, em Krishna.

— Que horrores estaes dizendo, desgraçado! O Christo é a incarnação de Deus Filho no ventre purissimo da Virgem Maria...

— Sim! sim! interrompeu com exaltação o indiano, Kríshna incarnou-se no ventre de uma mulher! O rei mau procura-o entre as creanças da sua edade para o fazer matar...

— E' a degolação dos innocentes! murmurou Calçadilha.

— Mas elle escapa milagrosamente, elle, Krishna, a creança sublime, e, creança ainda, dá lições aos brahmanes...

— O menino Jesus entre os doutores! murmura Calçadilha surprehendido.

— O seu olhar fascina, o seu rosto encanta. E' um pastor humilde e todos o admiram. Vence os dragões, os demonios...

— Deus santissimo! murmurou o bispo. Está-me a contar o Evangelho!

— Um dia uma corcunda unge-lhe os pés com o perfume do lodão, e logo o seu corpo se endireita, está formosa como uma rainha e todas as nodoas do seu coração ficam lavadas!...

— Corcunda, Santa Maria Magdalena! exclama pondo as mãos com espanto o digno prelado.

— Na floresta como são formosos os seus amores com as vaqueiras! Multiplica-se nas danças, e cada uma das raparigas o julga ter nos seus braços...

— Christo a dançar! Christo amante das vaqueiras! Que profanação odiosa é essa? Quem foi o apostolo que levou taes mentiras aos vossos espiritos? Christo, o castissimo, o santo!...

E Calçadilha, arrastado pelo enthusiasmo, conta ao ingenuo indiano a vida de Christo, a sua ineffavel pureza, o seu amor immenso pela humanidade, pelos pobres e pelos humildes. O indiano escuta, e, meneando a cabeça, diz:

— Percebo! Vichnú, incarnando-se para vós, tomou uma fórma diversa. Foi Rama, Krisna, Buddha para nós, para vós foi Christo. É mais uma das suas innumeras incarnações.

Então Calçadilha zanga-se e procura destruir aquelle tecido de imposturas religiosas, como elle considera essa maravilhosa efflorescencia legendaria. Tudo acceita o indiano sem perturbação. O Christo será um dos 330 milhões de deuses do Olympo hindostanico. Mas quando chega a comprehender o que é para os christãos o dogma de egualdade e de fraternidade, que as castas lhes são desconhecidas ou antes que as consideram como uma instituição nociva, o indiano abaixa a cabeça e murmura:

— Quero-me baptisar.

Calçadilha olhou espantado para elle.

— Sim, tornou o indiano com a sua voz suave e grave, quero-me baptisar para ficar em Portugal por-

que a India já não é patria para mim. Pelo que ouvi de vossa religião, pelo que dizeis da Trindade, por esse nome de Christo que me soava aos ouvidos como um echo bemdito do nosso Krishna, do nosso deus azul, julguei que todos ereis nossos irmãos na crença, que adoraveis Vichnú n'uma outra incarnação, se não ou por acaso o vosso Christo exactamente o nosso Krishna. Os vossos padres eram como os nossos brahmanes os conhecedores da divina sciencia, e os vossos guerreiros lembravam-nos a raça militante dos kchatryas. Ao chegar a Lisboa, espantei-me de vêr que não havia párias, que os mais humildes podiam beijar a mão d'El-rei, mas entendi que os párias viviam nos campos, talvez, e que não ousavam entrar na cidade para não respirarem os mesmos ares que os nobres respiravam. Vejo porém pelo que me dizeis que, apesar de tantas estranhas semelhanças, a vossa religião é muito differente da nossa, que é outra a vossa sociedade, que não tendes castas, e que o vosso Christo, diante de quem reis e brahmanes se curvam, era verdadeiramente um pária, ou pelo menos, com os párias tratava, aos párias dava a preferencia. É melhor a vossa concepção da vida e do mundo? Não o sei, mas o que é certo é que perdi a casta, é que me manchei com os contactos impuros, é que todos se desviarão de mim na India horrorisados, e que não teria senão angustias e desgostos na minha terra. Quebrem-se pois os laços que á patria me uniam! Dae-me uma patria celeste que me console do que eu perco! Vou tentar conformar-me com estes novos habitos, tornar-

me christão e portuguez, e esquecer á beira do Tejo a doçura das minhas florestas nataes, e na contemplação de Christo as meditações ineffaveis em que eu me enlevava, anhelando por absorver-me completamente no Ente divino.

— Bemvindo sejas tu para a Santa Madre Egreja! e queira o Senhor que o teu nobre exemplo pelos teus patricios seja seguido. Ámanhã te baptisaremos, e será Manuel o teu nome, o teu nome de resuscitado para os explendores da Jerusalem celeste, que as superstições do teu culto te iam fazendo perder.

Assim fallava radiante o bispo Calçadilha emquanto pela face bronzeada do kchatrya corriam duas lagrimas.

....

Dias depois partiu para o Oriente a segunda esquadra, capitaneada por D. Vasco da Gama.

No caes, onde se despediam do almirante das Indias os principaes fidalgos da côrte de D. Manuel, via-se a physionomia melancholica do kchatrya de Cochim agora chrismado em D. Manuel, porque o rei de Portugal déra-lhe, no baptismo, juntamente com o seu nome, o direito de usar o titulo de *Dom*.

— D. Manuel, disse-lhe D. Vasco da Gama, quanto lamento que não queiraes vir commigo!

— Eu não posso voltar á India, disse-lhe o joven indiano, que já fallava correntemente o portuguez, perdi a casta, e seria considerado pelos meus patricios

renegado e reprobo. Mas, por que me fazeis a honra de vos dirigirdes a mim, consenti que eu vos diga algumas palavras, que poderão talvez servir-vos.

— Fallae, D. Manuel! disse-lhe com deferencia D. Vasco.

— Senhor, n'aquelle vasto Indostão ha uma raça docil, affavel, meiga, sem grande força de espirito, mas affectuosa e facil de se prender áquelles que sabem fazer-se amar. É a raça dos meus patricios, é a raça, póde dizer-se, dos verdadeiros e dos legitimos senhores do Indostão. A sua religião, debaixo de um aspecto estranho, é perfeitamente irmã da vossa... da nossa, quero dizer. Tão irmã, que em Cochim se imaginou que era a mesma, que o vosso Christo não era senão o nosso Krishna, ou que pelo menos não era senão mais uma das numerosas incarnações de Vichnú, um Buddha do occidente, que a vossa Trindade não era senão a Trimourti das nossas crenças, Brahma o Padre, Vichnú o Filho, Siva o Espirito Santo. Enganei-me. A religião é diversa, e mais santa de certo a christã, mais propria para, á sombra d'ella, a humanidade se desenvolver, religião que não tem por ideal o nirvana, nem por doutrina a convicção de que tudo são apparencias fugazes. O christianismo é, bem o sinto, a religião dos vencedores, o brahmanismo a dos eternos vencidos.

— Pois vinde, D. Manuel, interrompeu D. Vasco, exactamente para auxiliar os nossos missionarios na obra da conversão.

— Não! não! tornou o indiano. Escutae-me, D.

Vasco! Muitos de certo se converterão, como eu me converti, só pela influencia da palavra dos vossos padres, muitos outros porém ficarão afferrados á religião dos seus paes, mas não desprezeis esse culto em que parece haver tantos reflexos do vosso, se não foi no vosso que se engastaram tantos fulgidos diamantes da crença oriental.

— Não blasphemeis, D. Manuel! interrompeu o almirante.

— Não blasphemei! disse gravemente o indiano. O futuro explicará esses mysterios, que o são. Lembrae-vos apenas, D. Vasco, vós que sois grande e generoso, que a vossa religião é toda de amor e de caridade. Lembrae-vos que somos francos e affectuosos. Acolhei-nos bem, protegei-nos com a força das vossas espadas, não nos calqueis aos pés, não nos esmagueis. Os vossos inimigos na India não somos nós, são os musulmanos, nossos tyrannos tambem. A India toda estará comvosco, se as vossas espadas forem para os musulmanos, e para os indios os vossos escudos. Se tendes no rajah de Calicut um inimigo, é porque em Calicut são os musulmanos que dominam, mas a India está com o rajah de Cochim, affectuosa e benevola para comvosco. Animae as conversões, fareis bem; mas não procureis impôl-as violentamente. Os meus irmãos de raça precisam de tutor. Sêde-o vós, portuguezes! E fundareis no Oriente um vasto, um colossal, um indestructivel imperio. Adeus, D. Vasco da Gama, beijae por mim as mangueiras de Cochim, que eu nunca mais tornarei a vêr.

E, cobrindo o rosto com os seus pannos brancos, afastou-se a chorar.

Ah! esses conselhos não os seguiu Vasco da Gama: só um grande portuguez, póde dizer-se, comprehendeu o papel brilhante que nos era destinado—Affonso de Albuquerque.

V

A PRIMEIRA FAÇANHA DE VICENTE SODRÉ

Não é nosso intento contar a segunda viagem de Vasco da Gama. Deixemol-o passar por Quiloa, a Kilwa moderna, que assalta violentamente e onde deixa profundamente impresso o terror das nossas armas. Passemos, sem a contar, pela entrevista, aliás interessantissima, do capitão portuguez com o seu velho amigo o rei ou o scheick de Melinde, que, apenas chegava alguma nau portugueza ao seu porto, a primeira coisa que perguntava era se vinha Vasco da Gama, tendo d'esta vez o prazer ineffavel de se encontrar com elle, e de matar saudades, e passemos tambem sem nos demorar pela sua estada na India. A preoccupação dominante de Vasco da Gama n'esta viagem foi dissipar a

impressão de fraqueza que Pedro Alvares incontestavelmente deixára. Apezar do mal que Pedro Alvares fizera a Calicut, o que era certo era que o feitor portuguez fôra assassinado pela gente da terra, e que d'esse crime não se tirára sufficiente vingança. Vasco da Gama ia resolvido a infundir um verdadeiro terror, e conseguiu-o, mas praticando violencias extraordinarias, mostrando-se implacavel, como na tomada da nau arabe, em que manifestou uma inflexibilidade lamentavel.

Tinha elle todo o cuidado, é certo, de se mostrar bondoso com os rajahs indigenas, de tratar como dedicadissimos alliados os de Cochim e de Cananor, mas forçava a nota mostrando-se terrivel com os musulmanos. Que elle guerreasse estes a todo o transe, favorecendo os hindhús, perfeitamente, mas que levasse a sua intransigencia a ponto de não poupar um só dos tripulantes de uma nau arabe, era arriscado. Effectivamente que certeza tinha elle de que todos, absolutamente todos os tripulantes, fossem arabes? E demais, quando uma nação está tão intimamente ligada em questões de commercio com outra, embora esta no fundo a deteste, sempre ha entre uns e outros nacionaes ligações de interesse e de amizade pessoal, que tornam necessario fazer-se n'essa guerra a todo o transe uma escolha cuidadosa, de modo que se não offendam aquelles mesmo que se querem proteger. Ninguem mais do que nós detesta hoje a Inglaterra. Uma nação alliada, que viesse proteger-nos contra a influencia d'essa nação, seria acolhida por nós de braços abertos, mas

que de subito esses alliados arruinassem as casas inglezas existentes em Lisboa e no Porto, enforcassem ou fuzilassem os negociantes inglezes aqui de ha muito estabelecidos, e as reclamações e as queixas da nossa parte seriam immediatas. Era o que succedia na India.

Não estranhavam os indigenas que se fizesse guerra aos musulmanos, mas, quando se aprezava uma nau arabe, não eram só interesses arabes que se feriam, eram tambem conjunctamente interesses de muitos mercadores hindhús.

Não o deixou de bom humor tambem a expedição contra Calicut. Bombardeou, destruiu, encheu de terror a cidade, mas não a tomou como podia tomal-a. Annos depois alli se mallogrou uma enterpreza relativamente formidavel, dirigida pelo proprio Affonso de Albuquerque e pelo marechal D. Fernando Coutinho. Vasco da Gama teve de reconhecer que seria perigosa qualquer tentativa que fizesse para se apoderar da cidade indiana.

Nada d'isso podia concorrer para o pôr de bom humor. Sentiu vagamente que a sua segunda expedição prejudicára um pouco a primeira. Debalde esmagou, antes de regressar a Portugal, uma esquadra de Calicut, isso não bastava. Calicut continuava a ser o reino mais poderoso d'aquella parte da costa do Malabar a que os portuguezes tinham aportado, e os rajahs de Cochim e de Cananor, principalmente o primeiro, tinham tudo a receiar d'esse inimigo dos portuguezes, que não podéra deixar de ficar exacer-

bado com os estragos, com as devastações feitas pelos portuguezes, com a derrota inflingida á sua esquadra, coisas que tinham servido para o humilhar e o irritar, mas que, longe de o terem desarmado, não faziam senão atear no seu espirito uma implacavel sêde de vingança.

Da violencia natural do genio de Vasco da Gama e do despeito que sentira por lhe não terem corrido as coisas tão brilhantemente como esperava, resultou effectivamente proceder elle ás vezes com verdadeira fereza contra os arabes, e não cuidar muito de captivar os hindhús. Mas o peior ainda eram os officiaes que elle tinha, e que requintavam em tudo. O mais terrivel de todos era Vicente Sodré, parente proximo de Vasco da Gama, homem de maus figados, que nunca pensou senão em ir enriquecer á India, e que não podendo fazer o que desejava, emquanto se achava debaixo das ordens de Vasco da Gama, se desforrava exaggerando as violencias, que pareciam lisongear n'essa época a paixão do grande homem.

Saíra a esquadra de Vasco da Gama de Cananor, e navegava para Cochim, quando vieram a despedir-se d'elle algumas almadias com gente do rajah. Não era tanto a cortezia que os levava ao bota-fóra, como o receio em que estavam das vinganças dos arabes e do Samodri rajah, que cairiam terriveis sobre os que se tinham tornado amigos dos portuguezes, logo que estes se affastassem.

— Senhor, dizia o emissario do rajah, dirigindo-se a Vasco da Gama, quem nos protegerá contra estes

arabes desmandados, que só esperam que volteis costas para cahir sobre nós? Bastou que saísseis do porto para que logo se mostrassem insolentes.

— Que fizeram? perguntou altaneiramente D. Vasco.

— Senhor, apenas saístes, saíram logo tres naus arabes carregadas, sem que o dono d'ellas quizesse pagar os direitos. Quando lh'os pediram, respondeu que os fossem pedir aos portuguezes, que já bastante haviam roubado, e tinham de sobra com que pagassem.

Vasco da Gama não respondeu. Voltou-se para Vicente Sodré, que estava então a bordo, e disse-lhe:

— Vicente, vae com a tua nau buscar os arabes, e leva-os a Cananor para que paguem o que devem. E, se resistirem...

Vicente Sodré encolheu os hombros. Não era necessario fazer-lhe a esse respeito recommendações. Mas não foi sem mau humor que elle partiu para desempenhar a missão de que era incumbido.

Desfaziam-se em agradecimentos os emissarios do rajah de Cananor, mas Vicente Sodré disse-lhes com mau modo que tinha pressa, e os pobres hindhús foram-se logo, não sabendo já se deveriam ter mais medo de Vicente Sodré, se dos arabes.

Como se póde imaginar, apenas da nau de Vicente Sodré se fez signal aos arabes para que o seguissem, estes obedeceram sem tardança, e voltaram para Cananor. Apenas chegaram, o dono das naus veiu ter com Vicente Sodré, trazendo já saccos de dinheiro para se resgatar.

Vicente Sodré percebia porém que não era essa a occasião de fazer negocio. Conhecia bem de perto o seu terrivel parente para saber que tinha de cumprir a ordem á risca, e que o dinheiro quem o havia de receber era o rajah de Cananor, que o não merecia.

— Vae para as profundas do inferno mais o teu dinheiro, disse-lhe elle com voz trovejante. A vontade que eu tenho é de t'o fazer engulir derretido. E vós outros, continuou dirigindo-se ao rajah, ide dizer a El-Rei que as naus aqui estão, e que, se quizer, é um instante em quanto as metto no fundo ou as queimo, e esta ralé moura vae tambem parar ao inferno, ou pelo caminho da agua ou pelo caminho do fogo, que tudo lá vae ter.

— Senhor! não façaes tal! bradaram os homens aterrados. Que se diria se se soubesse que em Cananor se queimam ou se mettem no fundo as naus que aqui vêm negociar!

— Então que vim eu cá fazer? Vim para fazer entrar debaixo do pallio em Cananor estes cães d'estes mouros? Ide já direitinho a El-Rei, e dae-lhe o meu recado, e que me responda depressa, que eu não posso estar a perder o meu tempo fundeado em Cananor.

Mais mortos do que vivos desappareceram os emissarios do rei, que não sabiam se haviam de regosijar-se se entristecer-se com o soccorro que D. Vasco da Gama tão promptamente lhes enviára.

Voltaram n'um momento, trazendo a tremer a confirmação do que já tinham dito: que el-rei de Cananor em que tinha verdadeiramente empenho era que

se não fizesse mal ao mercador, e que apenas desejava que o mandassem pagar o que devia.

— Levae-o! disse Vicente Sodré bruscamente, mas concisamente tambem.

E andou a passear na tolda da nau, praguejando contra mouros e indios e contra D. Vasco da Gama que o obrigava a desempenhar tão fastidiosa e infructifera commissão.

Infructifera, porque Vicente Sodré bem sabia que, apezar do parentesco, bem caro lhe faria pagar D. Vasco o fructo que da commissão poderia ter auferido que tão facil lhe seria auferir.

E era isso sobretudo o que mais o despeitava, e que mais o exacerbava contra todos esses mouros e indios, que não podia esfolar no sentido metaphorico, mas que tinha por isso mesmo vontade de esfolar no sentido real e verdadeiro.

Pouco depois appareceram a bordo os emissarios do rajah, que vinham agradecer humildemente a Vicente Sodré a efficacia da sua intervenção, participar-lhe que o homem pagára integralmente o seu debito, e pedir-lhe que deixasse partir as naus, agora que tudo estava terminado.

O homem esperava, carrancudo mas submisso, dentro do esquife da sua nau que Vicente Sodré o soltasse. O rude portuguez encarou-o com maus olhos, mas pensava que, assim como assim, nada lhe podendo fazer, escusava de estar alli a perder tempo em Cananor.

Com um gesto mandou embora o arabe.

— E as naus? perguntou este lá de baixo.

— Que vão para as profundas dos infernos e quanto mais depressa melhor, respondeu com voz trovejante Vicente Sodré, assim que a pergunta lhe foi traduzida.

O arabe não quiz ouvir mais. Affastou-se, emquanto Vicente Sodré passeiava resmungando, sem fazer caso dos emissarios do rajah de Cananor, que não se atreviam a despedir-se.

Passeiando, Vicente Sodré ouviu alguns dos marinheiros rir a um canto do navio, com uma historia que lhes era contada animadamente por um que fôra a terra e que assistira á scena do pagamento do tributo.

— Que estaes vós a rir? bradou logo Vicente Sodré, dirigindo-se para elles.

— Não é nada, capitão, responderam-lhe.

— Nada? gritou Vicente Sodré. Quero saber o que foi.

— Não valia a pena contar, capitão, disse o narrador. É que o demonio do mouro estava furioso quando teve de pagar a somma, e os de Cananor ouviram o bom e o bonito. O que me fez estoirar de riso foi vêr que elles cá são como nós na nossa terra, que, em querendo aggravar alguem, é logo na mãe que vamos bulir. Cá a mãe do rei de Cananor é tambem quem paga.

— O que! elle chamou ao rei de Cananor filho da?...

— Tal e qual.

— E estes que ainda ahi estão o que diziam?

— Não diziam nada. Riam-se.

— Ah! sim! pois ainda me vou divertir um bocado.

E, correndo para o lado onde estava o mestre, gritou-lhe:

— Já um esquife ao mar, e aquelle perro mouro que d'aqui se ausentou que venha á minha presença.

— Que lhe quereis, senhor? bradaram os de Cananor, emquanto o mestre cumpria religiosamente as ordens que recebera.

— Que lhe quero? exclamou com voz trovejante Vicente Sodré. Ainda m'o perguntaes, vós, falsarios e vis, que deixaes insultar o vosso rei por um perro chatim, e não o desaffrontaes logo! Vou eu desaffrontal-o, e, se vos não mando arrancar a vós a lingua que fica muda quando o vosso rei é insultado, é porque não quero emfim penalisar El-Rei, que não sabe de certo que servidores em vós tem. Elle vos castigará, se quizer, mas a este vou castigar eu.

Os hindhús, sem perceberem coisa alguma, olhavam espantados uns para os outros.

N'isto chegou o arabe convulso e espantadissimo.

— Despi esse homem! bradou Vicente Sodré.

N'um abrir e fechar de olhos os marinheiros portuguezes executaram a ordem, apezar dos gritos da victima, dos protestos dos arabes que o acompanhavam, e da intervenção dos homens de Cananor.

— Que fazeis, senhor? bradaram estes.

— Que faço? Vou obrigar este malandrim a acabar de pagar a sua divida. Vós já o fizestes pagar o dinheiro que elle recusava a El-Rei, isso pouco é, eu vou-lhe fazer pagar o que elle ficou devendo á honra

d'El-Rei que muito vale. Açoitae-o! tornou voltando-se para os marinheiros, e com valentia, que as carnes são boas. Que barrigudo que o homem me saiu! Até os cabos hão de ter gosto em lhe mortificar esses quadris, e esse ventre, que bem servia para boia de amarração do meu navio. Estou com tentações de lhe mandar deitar a fateixa.

Os portuguezes riam, o arabe soltava gritos lamentosos, e os hindhús bradavam:

— Elle não aggravou a honra d'El-Rei!

— Ai! não chamaes aggravar a honra da mãe d'El-Rei o que elle ousou dizer! Santa dama que eu não conheço ou não conheci, que nem sei se é viva ou morta, mas cuja honra vou zelar e vingar de um modo, que ha-de ser escarmento aos arabes futuros.

Os açoites ferviam, e o homem estava já meio morto, quando Vicente Sodré mandou que se suspendesse a dolorosa execução, mas, como não estava satisfeita ainda aquella raiva fria que o devorava lá por dentro, quiz completar com um requinte de crueldade aquella punição absurda.

Disse algumas palavras em voz baixa a um homem da equipagem que voltou d'ahi a pouco com um vaso na mão e um prato com toucinho na outra.

— Olhae, perro de Mafamede! disse Vicente Sodré, e o homem ia traduzindo. Escarmentaste o que fizeste, e assim ficou sanada a passada culpa, mas é bom prevenir o futuro. Para que a tua bocca fique sabendo quanto lhe podem custar os desmandos que tiver com soberanos alliados d'El-Rei de Portugal, vaes ter o

castigo que no meu paiz se dá aos calumniadores e refeces. Lixo na bocca e por cima do lixo um pouco de toucinho, que vós outros não comeis, mas que vos ha de saber melhor por isso mesmo e pelo tempero.

Quando os arabes perceberam o que era esse *lixo*, soltaram altos gritos, e um d'elles estendendo para Vicente Sodré a mão com um saco de dinheiro que trazia comsigo:

— Dez mil pardaus de oiro! dez mil pardaus de oiro para que lhe não façaes semelhante injuria!

Nos olhos de Vicente Sodré luziu um lampejo de cubiça, mas a imagem severa do seu parente Vasco da Gama logo lhe appareceu tremenda e implacavel, e foi com um grito de colera, cuja causa os de Cananor estiveram longe de adivinhar, que elle bradou:

— Tirae isso da minha vista, villão ruim, que vos faço tambem amarrar a um mastro e vos faço engulir o mesmo acepipe.

O arabe tremeu de susto, e o supplicio chegou ao seu fim. Abatido, humilhado, derramando lagrimas silenciosas de raiva e de angustia, a triste victima das furias de Vicente Sodré, desligado afinal e despedido bruscamente, saltou com o rosto entre as mãos para dentro do esquife que o trouxera, e partiu acompanhado pelos seus para o navio que fôra causa de tantas torturas e de tantas agonias.

Os de Cananor confundiam-se em agradecimentos, um tanto constrangidos, porque nunca tinham chegado a comprehender bem aquella furia de amizade para com o seu rei, mas levaram incontestavelmente uma

grande impressão, causada pelo desinteresse com que Vicente Sodré repellira o resgate que lhe offereciam. Ainda Vicente Sodré não desferira as vélas quando lhe apparecem de novo a bordo emissarios do rajah trazendo-lhe os agradecimentos e os presentes do seu soberano. Mandava este a Vicente Sodré mil pardaus de oiro, e pedia-lhe que acceitasse, emquanto estivesse fundeado no porto, um pardau de oiro por dia para a sua meza, e que egual mercê faria a todos os capitães portuguezes que fossem a terra em lembrança do modo como fôra a sua auctoridade defendida por um homem d'essa nação.

Suppomos que o pobre rajah ficára tão espantado como os seus mensageiros com aquella vingança feroz tirada por Vicente Sodré de injurias que em nada tinham incommodado quem d'essas injurias fôra alvo, mas, como elles, devia ter-se impressionado com a manifestação do desinteresse, e fôra essa que elle entendera dever recompensar com tão singular mercê. Vicente Sodré acceitou, com altivo desdem, a dadiva, achando pouco, e ainda menos agradeceu a mercê platonica do pardau de oiro que lhe era concedido por dia quando elle tinha de se ir embora; e a do pardau de oiro que os seus futuros collegas haviam de receber por conta d'elle, essa esteve a ponto de o enfurecer por tal fórma que lhe luziam os olhos, e os emissarios aterrados chegaram a suppôr que a virtude feroz de Vicente Sodré lhes iria fazer engulir derretidos os mil pardaus de oiro. Isso augmentaria ainda a reputação de Vicente Sodré, mas incendiar-lhes-ia o estomago de um

modo extremamente desagradavel. Vicente Sodré porém era homem de reflexão, apezar das suas coleras subitas, e por isso houve por bem acceitar a dadiva, e metter magnanimamente nas algibeiras os mil pardaus, não sem um suspiro, ao fazer o rapido calculo mental de que mil pardaus de oiro são apenas a decima parte de dez mil!

Tal era o homem, que, depois de Vasco da Gama, de Pedro Alvares Cabral, e de João da Nova, ia ficar representando e sósinho, nos mares e nas costas da India, o nome, o prestigio e a gloria de Portugal!

Era Vicente Sodré effectivamente quem ía ficar commandando a pequena esquadra que D. Vasco da Gama deixava na India.

VI

O ABANDONO DO RAJAH DE COCHIM

Por maiores que fossem as festas com que D. Vasco da Gama foi recebido em Lisboa, é certissimo que elle teve a consciencia de que não offuscára a viagem de Pedro Alvares Cabral. A felicidade, que sempre mais ou menos o acompanhou e que justificou o dito da rainha D. Leonor, fez com que elle podesse entrar em Lisboa com as suas dez naus flammantes e carregadas de mercadorias. Isso bastou para enthusiasmar o povo, isso bastou para justificar o *Te-Deum* na Sé e as mercês com que El-Rei distinguiu o almirante, mas no fundo da sua consciencia Vasco da Gama sentiu que não valêra a pena tirar o commando a Pedro Alvares para conseguir tão insignificantes resultados.

Nem de Calicut se tirára a ambicionada vingança, nem se fizéra mais do que tratar com exaggerada crueldade as naus dos negociantes arabes.

Mas Pedro Alvares Cabral, que saíra com uma poderosa esquadra, entrára em Lisboa com um navio só, embora muitos outros se lhe juntassem depois; Vasco da Gama trazia os dez navios com que saira de Melinde, e sabia-se que deixára cruzando na India outros cinco debaixo das ordens de Vicente Sodré. A recepção foi brilhante.

E entretanto Vicente Sodré soltava um grande suspiro de allivio, ao vêr desapparecer no horisonte as naus em que seguia para o reino o seu terrivel parente Vasco da Gama. Estava livre emfim! Elle diria agora ao rajah de Cananor se ia perder o seu tempo a levar-lhe para o porto as naus mercantes que lhe não queriam pagar tributo. E sobretudo elle diria ao rajah de Cochim se seria capaz de o impedir de ir ao estreito encher-se á farta da cubiçada preza.

Este rajah de Cochim, tal como nos apparece nas paginas das nossas chronicas indianas, e sobretudo na ampla narrativa do nosso bom Gaspar Correia, tem uma physionomia tão sympathica e boa como a d'aquelle scheick de Melinde, que tão affeiçoado se mostrou a Vasco da Gama. Aquelle meigo brahmane vira nos portuguezes uns defensores contra as insolencias dos musulmanos, e prendera-se por laços de sincera admiração a esses homens fortes do Occidente, que eram ao mesmo tempo cordeaes e affaveis, porque, por baixo da sua brutalidade e muitas vezes da sua

ferocidade, os portuguezes mostravam sempre esta promptidão em se familiarisar, que captivava os meigos e timidos filhos do Indostão. Foi necessario que tomasse proporções inauditas o despejo dos nossos aventureiros para que toda a raça indiana se não enlaçasse comnosco em indestructivel união.

O rajah de Cochim bem sabia que o Samodri de Calicut jurava que o havia de punir severamente pelo gasalhado que dera aos portuguezes. Contava porém com o auxilio dos seus amigos, que tanto juravam que o defenderiam a elle como defenderiam o seu proprio rei. E então Vicente Sodré inspirou-lhe a mais perfeita confiança. Não fôra elle que tão asperamente defendera a honra da mãe do rajah de Cananor? Se tanto fizera por uma desconhecida, e por um soberano a quem os portuguezes não deviam o affecto que ao rajah de Cochim tinham merecido, o que não faria por este ultimo?

Voltara Vicente Sodré a Cochim, e desembarcára para ir descançar na feitoria, mostrando-se enfadado com a recepção que o rajah lhe fazia, e a que Vicente Sodré pôz termo depressa.

— Estes malditos, dizia elle estendendo-se n'uma commoda cadeira, imaginam que eu estou disposto a estar sempre com grandes cortezias e a dar-lhes grandes louvores, como fazia D. Vasco? Estão mal acostumados.

— Gostam d'isto, disse-lhe sorrindo o feitor Lourenço Moreno. O rei então ri-se a perder do susto que tiveram os mercadores quando o sr. D. Vasco man-

dou despejar para cima d'elles uns frascos de essencia de flôr de laranja! E, sempre que me falla, me lembra a scena que o enlevou. Parecem verdadeiramente umas crianças.

— Pois eu, tornou Vicente Sodré, é que não vim á India para desmamar crianças.

— Que quereis, senhor? tornou Lourenço Moreno o feitor, que era homem reflectido e prudente. São assim. Já me acostumei a estudal-os e a conhecel-os. Os mouros são gente má, effectivamente, mas não os odiamos mais nós outros no nosso querido Portugal, do que os detestam elles aqui, os que são verdadeiramente da terra, os que seguem a religião dos seus deuses, tão estranha, e que tanto se parece, Nosso Senhor me perdôe o peccado, com a nossa santa religião! Esses são em geral excellentes pessoas, incapazes de fazer mal ao mais pequenino insecto, não só pela bondade da sua indole mas porque isso mesmo lh'o ordena a sua religião. Eu estou convencido, sr. Vicente Sodré, que isto é gente que toda acceita facilmente a religião christã, e que, ainda que fique afferrada ás suas crenças, toda se inclina para nós. Teem d'estas infantilidades que ha pouco vos notei, mas por isso mesmo facilmente acceitam a nossa tutoria. Acreditae-me, sr. Vicente Sodré, grande serviço prestareis a Vossa Alteza, se vos accommodardes com as maneiras d'esta gente; e se os favorecerdes e acarinhardes, d'elles tereis tudo que quizerdes. Bem forte de condição é o sr. D. Vasco da Gama, e aqui o vi a derreter-se em finezas com o rei de Cochim e

a aturar-lhe as longas perlendas que o interprete mal podia traduzir.

—Vejo que sois excellente prégador, Lourenço Moreno, respondeu com um sorriso sarcastico a franzir-lhe o labio desdenhoso o nosso Vicente Sodré, tereis tempo de vos entreterdes com este rei de cobre, se o divertimento vos apraz. Eu é que o não tenho para o supportar, que d'aqui ao Estreito ainda é longe, e as naus dos mouros não esperam.

—O que! Ides partir para o Estreito? tornou Lourenço Moreno com espanto.

—Podéra! Quereis que fique aqui a despejar frascos de essencia de rosas sobre a cabeça dos mercadores para divertimento dos reis de Cochim? Ainda que o quizesse fazer, falta-me a essencia. Ora é isso exactamente o que eu vou buscar ao Estreito.

—Sr. Vicente Sodré, exclamou Lourenço Moreno, consenti que vos lembre que o tempo não é azado para motejos. Digo-vos que o Samorim de Calicut não espera outra coisa senão que a esquadra portugueza abandone Cochim para tomar crua vingança d'este pobre rei, e parece-me que é vosso dever não o desampararardes...

—O meu dever! bradou Vicente Sodré furioso e cerrando os punhos, sois vós, Lourenço Moreno, que vos atreveis a lembrar-m'o! Sabei que quem aqui governa sou eu, e veremos se ha quem desobedeça.

Vicente Sodré dizia isto com vozes descompostas, que attrahiram os capitães e outros portuguezes, que

estavam na feitoria. Vicente Sodré voltou-se para os capitães que o rodeiavam.

—Eh! lá! homens de prol! Nós viemos á India para defender gentios contra gentios, ou para arruinar o commercio dos inimigos da fé e ganhar as legitimas prezas com que havemos de assegurar o futuro das nossas familias, pobres fidalgos que todos somos, que vimos affrontar tempestades e pelouros para podermos depois ter vida farta e consolada com a lembrança das façanhas que praticámos contra os inimigos do sangue christão? E' no Estreito que passam as ricas naus mouras abarrotadas de especiarias. Havemos de ir tomal-as ou deixar que ellas levem ao Grão Turco tantas riquezas, ficando nós de guarda a este rei de latão por causa dos dares e tomares que elle possa ter com outro rei da mesma especie?

— Ao Estreito! ao Estreito! bradaram com os olhos luzentes de cubiça a maior parte dos capitães.

Mas Ruy de Mendanha bradou:

— Vêde o que fazeis, sr. Vicente Sodré! Será vergonha para nós que deixemos desamparado na guerra este rei de Cochim, que tão nosso amigo tem sido.

Vicente Sodré teve um impeto de raiva, mas conteve-se, porque Ruy de Mendanha era homem considerado e respeitado.

— A guerra de Cochim, disse elle friamente, ou será certa ou não, e eu quero segurar as presas que tambem sou incumbido de fazer.

— A guerra de Cochim é certa! bradou o feitor, e vós, sr. Vicente Sodré, tendes obrigação de arriscar

todos os portuguezes para que tão nobre rei não fique em perigo de por nossa causa perder o seu reino. E a razão das prezas não é razão que se dê, quando se trata da honra d'El-Rei de Portugal e do credito dos portuguezes.

— Sabeis vós, Lourenço Moreno, de que se trata? bradou Vicente Sodré com um accesso de furia indescriptivel. Trata-se do medo que tendes de ficar aqui em Cochim exposto aos perigos da guerra. A honra d'El-Rei de Portugal! Da vossa pelle é que se trata, amigo feitor, e é para a conservardes em cima da vossa carne que vos oppondes a que vamos seguir nosso caminho.

— Bofé! que isso é uma affronta que me pagarieis caro, se não fosseis o capitão-mór da armada! bradou o feitor fazendo-se pallido de colera.

— Que eu pagaria caro! exclamou Vicente Sodré levantando-se de um pulo. Cautela! que vos arranco as barbas, pifio chatim, perro e traidor.

— Tomae tento em vós! bradou um dos capitães, Gomes Ferreira, que, juntamente com Ruy de Mendanha, se interpozéra ao capitão-mór e ao feitor, elle tem razão! Não se affronta assim um leal e honrado servidor d'El-Rei!

— Requeiro que me passeis instrumento, bradava o feitor ardendo em ira, de que eu requeria da parte d'El-Rei Nosso Senhor que invernasseis aqui para defender, como vos é ordenado, el-rei de Cochim contra o exercito do Samorim de Calicut, e que vós não quizestes fazel-o.

— O instrumento eu já vol-o escrevo na face, villão refece e ruim, bradou Vicente Sodré desembainhando a espada e avançando para o feitor, que tambem arrancou da espada, como fizeram Ruy de Mendanha e Gomes Ferreira, ao passo que os outros capitães, tambem de espada em punho, bradavam:

— Não toqueis no capitão-mór.

Ia travar-se de certo uma lucta medonha, e a grita emfim d'esses capitães desnorteados, já se ouvia lá fóra, e a marinhagem e alguns gentios iam-se approximando, sendo já por si manifesto o escandalo Um lampejo de razão passou pelo cerebro escandecido de Vicente Sodré, e mostrou-lhe o alcance que essa scena ignobil teria, logo que fosse presenceada ou conhecida. Por isso embainhou a espada, sendo logo por todos imitado, e disse:

— O instrumento que requereis, feitor Lourenço Moreno, podeis tirar e quantos mais quizerdes. Dispenso porém os conselhos que não peço. O commandante da armada sou eu, e, se algum erro commetter, eu darei contas a quem m'as puder tomar. O que eu requeiro agora a todos é que me sigam ao Estreito, como determino da parte d'El-Rei.

— Vamos todos! bradaram os capitães.

— Menos eu! disse Ruy de Mendanha.

— Menos eu! acudiu Gomes Ferreira, e peço que se me passe instrumento dos motivos por que o faço.

— Eu tambem! tornou Ruy de Mendanha.

— Por falta de instrumentos não haverá duvida! disse ironicamente Vicente Sodré, mas a vós, Ruy de

Mendanha e Gomes Ferreira, e a vós Lourenço Moreno, que tanto vos empenhaes pela salvação do rei de Cochim, será bom lembrar que, se viesseis ao Estreito, desviarieis a guerra qne o Samorim só por vossa causa quer fazer.

— O primeiro a não consentir em tal villania, disse com um leve tom de desprezo o feitor, seria o pobre rei de Cochim, que julgaria opprobrioso abandonar no perigo os seus amigos, e como nós o não abandonamos, ou com elle morreremos, ou morreremos por elle se com a nossa morte o podermos salvar.

Vicente Sodré mordeu os beiços a ponto de lhe espirrar o sangue, mas não respondeu palavra. Apenas, voltando se para Ruy de Mendanha e Gomes Ferreira, lhes disse:

— Bem! irão os mestres nas vossas caravellas.

E saiu!

Era a primeira scena d'essa longa serie de discordias vergonhosas, que mancharam e ensanguentaram tantas vezes o nosso governo na India. A cubiça apparecia tambem pela primeira vez, infrene, soffrega, antepondo-se a todas as condições de patriotismo, de pundonor, de lealdade.

O commando perdia a sua força, e comtudo Vicente Sodré era um exaltado e um violento. Mas a força é bem diversa da violencia. A colera sagrada dos grandes capitães, que fez tremer o Oriente, nada tem de commum com a colera descomposta dos capitães de piratas, que não querem ouvir a voz da razão e os conselhos da lealdade. Vasco da Gama só, de espada

em punho, domava toda a marinhagem revoltada, porque era a imagem da Patria e do Dever. Vicente Sodré, tendo por seu lado a maioria dos seus officiaes, recuava diante de tres subalternos indignados, porque elles representavam as revoltas sagradas da Honra e da Consciencia.

VII

A VINGANÇA DE CALICUT

PÓDE-SE bem imaginar com que surpreza o pobre rajah de Cochim soube da boca do proprio Vicente Sodré que ia ser abandonado pela esquadra que elle julgava e com razão que Vasco da Gama lhe deixára para o defender. Mostrou-se comtudo da mais absoluta serenidade, applaudindo muito a resolução tomada pelo capitão portuguez de ir para o Estreito. Realmente esse pobre rajah de Cochim deu, por mais de uma vez, aos portuguezes lições de lealdade e magnanimidade.

— Senhor, dizia-lhe Vicente Sodré, eu bem desejaria ficar em Cochim para vos defender, se por acaso El-Rei de Calicut vos quizer fazer mal; mas não me

parece que elle agora cuide de semelhante coisa, nem eu posso invernar aqui ou em Cananor, sem perigo gravissimo para a armada. Ora foi exactamente o que o sr. D. Vasco da Gama me recommendou mais foi que tratasse bem de segurar a armada, porque...

— Recommendou muito bem, interrompeu o rajah de Cochim com um leve sorriso, que não deixava de ter a sua magestade, ao passo que n'elle transluzia tambem uma bondade que de todo captivaria outro que não fosse Vicente Sodré, e deveis cumprir o seu mandato. Não penseis nas guerras que possa haver na India, que primeiro está a segurança da armada, tanto mais que, indo á caça das naus de Meca, prestaes-nos um serviço, porque nos livraes d'esses musulmanos que nos dominam e nos exploram. Ide, ide, sr. capitão mór.

Vicente Sodré, que vinha preparado para responder asperamente ás recriminações do rajah de Cochim, ficou perfeitamente desarmado com esta mansidão, e um pouco envergonhado tambem. Por isso accrescentou brandamente:

— Mas, em todo o caso, se o rei de Calicut vem fazer guerra a Vossa Alteza por causa do feitor e dos outros portuguezes, permitti-me que os leve a Cananor, onde o rei os agasalhará, livrando-vos d'esse fardo que póde ser perigoso.

— Leval-os a Cananor! disse o rajah de Cochim levantando a voz um pouco irritada então; bom conselho me daes na verdade! Se julgaes que ficaes assim mais desobrigado para irdes ao Estreito, já vos

disse que podeis ir á vontade, sem magua nem remorso! Mas tirar-me d'aqui o feitor e os portuguezes! Não! não! Seria contra a minha honra! Cuidariam os arabes que mais confiaes do rei de Cananor do que de mim. Podeis partir, já vol-o disse, que os portuguezes não os entregarei, nem que tenha de perder as minhas terras todas. E peço-vos, por quem sois, que não profiraes nem mais uma palavra a esse respeito, porque me offendeis, offendeis-me devéras. Dizei-me pois, Vicente Sodré, tendes a armada bem abastecida de victualhas e refrescos? Sabeis que podeis tomar em Cochim tudo aquillo de que precisaes.

Vicente Sodré agradeceu, e tratou de se eclipsar assim que pôde. Bem vontade tinha elle de destemperar com o rajah, se este o reprehendesse e o accusasse, ou o tratasse com desprezo, chamando-lhe covarde e villão se elle descesse ás supplicas, mas a attitude tão cheia de dignidade e de cordura do pobre rajah desapontára-o. Saíu de cabeça baixa, e o que fez foi ir dizer á feitoria que muito instára com o rei ou para que consentisse que ficasse com a armada, ou que levasse os portuguezes, mas que o rei é que terminára dizendo-lhe que fosse para o Estreito que assim prestaria á India maior serviço. Os que o ouviam sorriam e encolhiam os hombros, mas já não ousavam dizer-lhe coisa alguma, porque bem sabiam que nada conseguiriam, e não faziam senão azedar as suas relações sem vantagem para o serviço.

De Cochim saíu logo Vicente Sodré para Cananor, onde conversou com o rajah, dizendo-lhe que o de Co-

chim estava disposto a affrontar sem receio todo o poder de Calicut, e que parecia ter toda a confiança na victoria, tanto assim que nem quizera que elle ficasse, nem consentira ao menos que lhe tirassem de lá o feitor e os portuguezes.

— Bem é! bem é que o rajah de Cochim esteja assim esforçado, disse elle esfregando as mãos com a satisfação d'um homem que vê agglomerar-se uma trovoada ao longe, trovoada que sabe com certeza que não fará mal ás suas terras. Demais o perigo ainda vem distante. Emquanto fôr verão não se move Calicut, e, quando vier o inverno, que se engrossarem os rios e desabarem as chuvas, ha de ter tanta difficuldade de mantimentos que não ha de fazer a Cochim o mal que se receia.

— Assim é, tornou o capitão-mór satisfeitissimo com essa inesperada adhesão. Se El-rei de Cochim tivesse que temer, não ficava tão socegado e tranquillo como eu o deixei.

Estava presente o feitor de Cananor, amigo do seu collega de Cochim, e que por elle fôra informado do que ali se passára. Agastou-se com a vileza do procedimento do rajah de Cananor, que evidentemente estava satisfeitissimo com o desastre que ia caír em Cochim, e voltando-se para elle disse-lhe:

— Se fosse para as terras de Cananor que tivesse de se dirigir o rei de Calicut, não dirieis o que acabaes de dizer, nem ficarieis tão satisfeito de vêr partir a armada portugueza. E vós, sr. Vicente Sodré, continuou voltando-se para o capitão-mór, se quereis

cumprir a vossa obrigação para com El-Rei Nosso Senhor, lembrae-vos só d'isto: que El-Rei de Calicut não aguarda senão que a armada portugueza se affaste para cair sobre Cochim, e tanto mais quanto receia que ella venha a invernar á India e por conseguinte não espera pelo inverno.

— As obrigações que tenho para com El-Rei Nosso Senhor que Deus guarde, observou Vicente Sodré lançando um olhar furioso ao feitor de Cananor, sei-as eu perfeitamente, e nem preciso nem quero que m'as ensinem. E emquanto aos perigos que póde correr El-Rei de Cochim, é elle que tem as dôres: se as não toma, acho pouco acertado que alguem as tome por elle.

E saiu. N'essa mesma tarde sairam de Cananor os cinco navios portuguezes, a cujo bordo iam homens devorados por aquella *auri sacra fames,* que tem perdido tantas gerações. E dias depois era a noticia acolhida em Calicut com transportes de enthusiasmo, e logo em seguida marchavam sobre as terras de Cochim as hostes do Samodri.

. . . .

Não tardou a succeder o que todos previam. O Samodri nem encontrou resistencia. Em pouco tempo o rajah de Cochim perdeu todo o seu reino, como os portuguezes lhe chamavam, e viu-se obrigado a refugiar-se nas ilhas onde não foi atacado, porque a ilha de Repelim, especialmente, era objecto de um culto

religioso. Para as ilhas o acompanharam os portuguezes, que debalde supplicaram ao rajah que os deixasse combater. Não queria elle consentir, allegando que era um dever de honra entregal-os intactos como os recebera ou a Vicente Sodré, se voltasse, ou a outro capitão-mór que apparecesse vindo de Portugal. Não insistiam os portuguezes, em primeiro logar porque não podiam ir contra a vontade do rajah, em cujas terras estavam, em segundo logar porque ainda não conheciam bastante a India e os seus habitantes para poderem suppor que, pouquissimos como eram, alguma coisa podessem fazer n'uma lucta com forças tão innumeraveis. Mordiam-se de raiva porém, e as maldições choviam sobre Vicente Sodré, que assim deshonrára o nome portuguez, abandonando tão fiel alliado, e abandonando-o para ir satisfazer com as prezas maritimas a sua torpe cubiça.

A cada instante chegavam novas de maiores estragos, a gente de Calicut achava-se tão proxima do sitio onde o rajah de Cochim se refugiára que, se quizessem, facil lhes seria tomarem o proprio rajah e os portuguezes. Suppunham estes tambem que, reunindo alguns dos mais valentes kchatryas, não lhes seria difficil darem nos invasores, causando-lhes grande perda.

N'isso porém é que não consentiu o rajah de Cochim, tambem tomado de supersticiosos receios. Dizia que a gente, que estava nas ilhas, não podia, sem macula, aventurar-se a combates, e que a salvação portanto só podia vir de fóra.

Por isso tambem os portuguezes sondavam anciosa-

mente o horisonte maritimo, esperando vêr apparecer algum navio da sua nação.

— E' impossivel, diziam, que Vicente Sodré não se arrependa e não volte para traz.

— Elle o que tem, observou Gomes Ferreira, é ser homem contumaz e de porte. Por isso mesmo que insistiamos e lhe supplicavamos que não desamparasse o rei de Cochim, se obstinava elle em não fazer o que se lhe pedia. Agora porém que está só, e entregue ás suas proprias reflexões, verá que é uma vergonha o que está fazendo, e não tardará a apparecer ahi, dizendo que soube que não havia naus no Estreito, ou coisa assim.

— Quão enganado estaes, sr. Gomes Ferreira! observou o feitor. Conheceis mal Vicente Sodré. Abertamente dizia em Lisboa que não vinha á India senão para enriquecer, e por isso fez todos os esforços para que não fosse Pedro Alvares Cabral o commandante da armada. Não, que elle bem sabia que, se Pedro Alvares fosse, não seria elle que ficaria capitão-mór do mar. Tudo era então dizer que Pedro Alvares não sabia commandar, que se arruinava quem viesse com elle. E julgaes que tomava ao menos o pretexto de dizer que a honra do nome portuguez exigia que fosse D. Vasco da Gama o commandante? Isso sim! Na Ribeira das Naus lhe ouvi eu dizer, batendo o punho: Tenho familia, eramá! Não vou arriscar a pelle para que os meus fiquem depois pobres e desamparados. Eu cá não vou descobrir terras de Santa-Cruz, nem outras bagatellas d'esse feitio. Vou correr ás naus de

Meca, e não é com este belmontez de má morte, que se poderá fazer coisa com geito!

—Pois gente assim é que na côrte se quer, ao que parece! observou amargamente Ruy de Mendanha. Vêde como o pobre Pedro Alvares foi logo posto de parte!

—Então, sr. Ruy de Mendanha, a D. Vasco da Gama todos cederiam o passo!...

—Pois fel-a boa o nosso grande almirante! exclamou Ruy de Mendanha. Dar o posto de capitão-mór do mar a Vicente Sodré, que elle devia conhecer bem!...

—Era seu parente! acudiu o feitor. Por mais homem de prol que se seja, ninguem resiste a estes laços de familia.

Isto diziam os portuguezes passeiando na praia assombreada por altas palmeiras, e tão anciosos todos estavam de saber quando chegariam navios portuguezes, que havia por toda a parte vigias que déssem logo conta das vélas que se avistassem. Estavam uns nas almadias, que saíam ao mar, e as proprias palmeiras se tinham transformado tambem em observatorios. Foi do alto de uma d'essas palmeiras que um marinheiro portuguez bradou para os tres que passeiavam conversando melancholicamente:

—Vélas portuguezas!

Respondeu-lhe lá de baixo um formidavel grito de alegria:

—Has de ter alviçaras, Leonardo! disse-lhe com enthusiasmo Ruy de Mendanha. Quantas vélas são?

— Tres.

— Tres! exclamou Gomes Ferreira. É Vicente Sodré que volta!

— Não, disse lá de cima o marinheiro.

— Não é Vicente Sodré?

— Não!

— Como o sabes?

— Estava arranjado se não conhecesse, á distancia a que as vélas estão, os navios em que eu andei.

— São então navios que vem de Portugal? exclamou Ruy de Mendanha. Mas só tres! E' uma armada como a de João da Nova que El-Rei manda agora á India.

— Só tres! respondeu o marinheiro. No mais distante horizonte não se descobrem outras vélas que não sejam as de esteira das almadias, que o rei de Cochim mandára para darem noticia da armada que viesse.

N'este momento já os dois capitães e o feitor podiam distinguir perfeitamente os tres navios, que avançavam rapidamente com as vélas cheias pela brisa marinha.

O gageiro, que déra noticia da approximação da armada, descia rapidamente da palmeira, e corria a toda a pressa a informar o rajah, de quem esperava obter a recompensa promettida.

Já tivera quem o precedesse, e teve de se contentar com as alviçaras que Ruy de Mendanha lhe promettera.

Os capitães encontraram o rajah mais afflicto que satisfeito com a noticia que recebera. No principio da

guerra, bastariam os navios de Vicente Sodré para impedir a conquista, mas agora, que todas as terras de Cochim estavam nas mãos dos invasores, agora que da ilha de Vaipim se podiam vêr a cada instante os vassallos do Samodri a receberem tranquillamente os tributos dos *zemindares*, de que serviam tres naus portuguezas?

Comtudo o desembarque do commandante da armada fez raiar o clarão de uma esperança na alma afflicta do rajah de Cochim.

Era um homem de alta estatura, de physionomia resoluta, de olhar duro, mas de palavras cortezes. A sua voz máscula quasi que bastava para infundir confiança n'aquelles timidos filhos da India.

Chamava-se Francisco de Albuquerque, e era primo d'esse Affonso de Albuquerque, que tão grande e tão justa reputação tinha de vir a conquistar n'essa peninsula, em que bastante tempo o nosso nome foi ouvido com terror e com respeito.

Os dois primos tinham saído juntos de Lisboa, tinham-se porém separado no mar, mas Francisco de Albuquerque esperava que dentro em pouco Affonso lhe apparecesse.

Essa esperança ainda mais concorreu para reanimar o rajah de Cochim. Se Affonso de Albuquerque viesse e se Vicente Sodré voltasse, as tres armadas reunidas talvez conseguissem expulsar a gente de Calicut.

Mas até lá? Não teria o Samodri a mesma idéa, e essa preoccupação não o levaria a quebrar o respeito que até então mostrára pela ilha sagrada, afim de des-

truir o poder do rajah de Cochim, antes que se empregassem as forças que o poderiam defender e salvar?

Mas Francisco de Albuquerque sorriu-se quando elle lhe communicou esse receio.

— Não lhe daremos tempo para essas reflexões. A'manhã mesmo começaremos o ataque.

— Não façaes tal cousa! exclamou o rajah de Cochim aterrado. A minha residencia na ilha de Vaipim e na de Repelim constitue uma tregua sagrada. Não ousam elles rompel-a, mas tambem não a devo eu romper. Se o faço, se dou tão funesto exemplo, estou perdido.

— Respeito, embora os não comprehenda, os vossos escrupulos, tornou Francisco de Albuquerque, mas a mim, que sou christão, não podem prender-me. A ilha de Repelim não é para mim nem Jerusalem onde morreu Jesus Christo, nem Roma onde vive o seu vigario na terra.

— E que o fosse! resmungou em áparte Ruy de Mendanha, que assistia á conversação, e que se lembrava perfeitamente do modo como os catholicos respeitavam Roma, e do modo como os christãos veneravam Jerusalem.

— Mas, dizia o rajah quasi a chorar, as minhas tropas é que não poderiam de fórma alguma auxiliar-vos, e, se todos juntos mal poderiamos agora derrubar o immenso poder do Samodri, como podericis vós sós affrontal-o, tão poucos como sois?

— Espero que havemos de chegar a bom resultado!

tornou Francisco de Albuquerque sorrindo. A minha artilharia, apezar de ser pouca, já agora infligiu de passagem uma boa lição á cidade de Calicut.

— A artilharia! exclamou ainda mais aterrado o pobre rajah. Ides então destruir-me a cidade.

— Vossa Alteza não me deixou acabar, interrompeu um pouco altaneiramente o capitão portuguez; a artilharia foi para Calicut. Em Cochim empregarei as escopetas, as lanças e as espadas.

O rajah não respondeu. O seu terror era completo. Pela primeira vez pensou em abandonar os portuguezes. Se elles eram assim perfeitamente tresloucados, o que podia fazer-se-lhes? Deu ordem em segredo para que, emquanto se travasse o combate, que não podia deixar de ser infeliz para os portuguezes, tudo se preparasse para que a sua familia passasse da ilha de Vaipim, onde estavam n'esse momento, para a ilha de Repelim, onde, abraçados á pedra branca venerada, conseguiriam escapar talvez á furia dos vencedores.

Foi ao romper da manhã que Francisco de Albuquerque deu começo ao projectado ataque. Andára com acerto não o demorando. Os de Calicut na vespera tinham ficado aterrados com a apparição dos portuguezes, mas, logo que viram que armada se compunha apenas de tres navios, ficaram perfeitamente tranquillos, pela mesma razão porque tão sobresaltado ficára o rajah de Cochim. Não lhes entrou nem por sombras na cabeça a suspeita de que os portuguezes com tão debeis forças pensassem em atacal-os.

A surpreza não concorreu pouco para a derrota. Os

portuguezes, que vinham da Europa quasi todos acostumados ás luctas das praças africanas, a nossa grande escola militar, ficaram comtudo ligeiramente perturbados quando viram que tinham de ir sósinhos para a lucta, e afim de atacarem uma cidade absolutamente cheia de inimigos. Na Africa era outra coisa: um punhado de homens defendia, é certo, uma praça contra um turbilhão immenso de inimigos, mas quem se lembrava de ir atacar Fez com quarenta ou cincoenta homens? E era comtudo de façanha semelhante que se tratava agora.

Todavia ninguem hesitou um momento. Se lhes faltasse o animo, ainda bastavam para lh'o restituir a alegria e o enthusiasmo com que organisavam o ataque Ruy de Mendanha e Gomes Ferreira, a quem Francisco de Albuquerque confiára, como hoje diriamos, a direcção das operações.

Podéra! Havia um mez que elles mordiam o freio, impacientes, desesperados, passando todas as manhãs a estudar a posição do inimigo, a planear o meio de o expulsar, e todas as tardes a tentar debalde levar o rajah de Cochim a consentir na lucta!

Por isso pulavam de contentamento ao poderem tirar emfim a desforra das suas longas impaciencias! Apenas rompeu a manhã, os marinheiros portuguezes desembarcaram silenciosamente nos pontos escolhidos pelos dois capitães. Os primeiros hindhús, que elles cortaram com as espadas, soltaram gritos de terror que despertaram todos e os pozeram desde logo em desapoderada fuga. O que se seguiu não foi um com-

bate, foi uma carnificina. Aquella pobre gente de Calicut vinha humildemente para o matadouro, como rezes enganadas, como cordeirinhos imbelles.

Para que o numero de mortos subisse, como os nossos historiadores unanimemente affirmam, a mais de mil, foi necessario que cada um dos portuguezes matasse mais de dez inimigos, e que ficassem perfeitatamente derreados no fim do ataque.

Não se póde imaginar a surpreza do rajah de Cochim, quando, ao erguer-se da cama para partir para a ilha de Repelim, soube que estava tudo acabado, que o inimigo deixára innumeros mortos no campo de batalha, se assim se póde chamar á eira onde elles tinham sido malhados como o milho pelos mangoaes dos portuguezes. Correu ao encontro de Francisco de Albuquerque, que vinha tranquillamente dar-lhe parte do acontecido, e quasi se lhe lançou aos pés. Para elle e para os seus subditos, os portuguezes eram verdadeiramente deuses. Tambem pouco depois um brahmane poeta reproduziu, n'uma d'aquellas peças em que tanto se compraz o theatro infantil da India, as façanhas epicas dos portuguezes, comparando-as com as legendarias façanhas do grande Rama.

Era Rama Francisco de Albuquerque, e o primo Affonso, que depois conheceram, o irmão Lakshmam. O Samodri era Ravana, e Vicente Sodré, que se não resolvia a combater, era Djatayou, o rei dos abutres, e parece que havia n'esta personalisação uma allusão maliciosa á soffreguidão do capitão-mór do mar. Mas Ravana era vencido, como de razão, e o rajah de Co-

chim, que tinha de desempenhar — o que era forçar um pouco a nota — a formosa Sita, voltava com Rama n'um carro divino para Ayadhyá, a sua capital arrancada das mãos do inimigo.

Emquanto a musa epica, já decadentissima, da India fazia de Vicente Sodré Djatayou, o rei dos abutres, Francisco de Albuquerque pensava em dar ao tal rei dos abutres uma lição severa.

— Não lhe vale, dizia elle para Ruy de Mendanha, o ser parente de D. Vasco da Gama. O almirante, se tivesse vindo, ainda lhe infligiria castigo mais severo do que o que eu lhe reservo. Não, que todos os sacrificios que nós fazemos, todas as façanhas que praticamos em cumprir o nosso dever, tudo isso o desfaz e o annulla a cubiça infrene d'este escumalho das galés, d'estes bandidos que El-Rei devia mandar para o mar não em caravellas como vem a flôr da nossa fidalguia, mas em carroças como vão as fezes e as podridões da cidade!

VIII

A CATASTROPHE

Não tinha que voltar á India Vicente Sodré, como veremos se o seguirmos na sua navegação de pirata por aquelles mares fóra, caminho do Estreito.

Parou por algum tempo na ilha de Socotorá, e depois ahi começaram os nossos navios a atacar as naus que vinham de Calicut e de Cambaya, carregadas a trasbordar das mais preciosas mercadorias, e foi tal a preza que já os nossos não tomavam senão o que as naus tinham de mais importante, deixando completamente a pimenta e outras especiarias valiosas. Não se podia consolar Vicente Sodré de ter que abandonar tanta coisa que lhe podia render muito dinheiro, mas tinha apenas tres naus e tres caravellas, precisava de

metter mantimentos, e não havia espaço para tantas coisas.

Carregada de preciosidades, foi a armada fundear nas ilhas de Kuri-Muri, onde encontrou com abundancia não só mantimentos, mas ainda muitos objectos preciosos que os habitantes vendiam por vil preço. A enseada era boa, a gente hospitaleira e docil. Vicente Sodré, fatigado do seu longo cruzeiro, deixou-se ficar alguns mezes n'aquelle *dolce far niente*, o que não deixava de causar certa surpreza em homem tão activo, e tão soffrego de riquezas, e por conseguinte tão naturalmente desejoso de ir a Portugal gosar as que adquirira; mas teve tres razões que facilmente o explicam:

Em primeiro logar a caravella de João Rodrigues Badarças fazia agua que era uma lastima. Seria de bom conselho inutilisal-a, passando a tripulação e a carga para o resto dos navios, mas era indispensavel então alijar tambem uma parte da preza, e a isso é que Vicente Sodré se não resignava facilmente; em segundo logar Vicente Sodré não encarava sem um certo receio o dia de apparecer na India sem estar liquidada a discordia entre Calicut e Cochim, ou pelo menos sem ter chegado uma nova armada de Portugal. Se chegasse a Cochim emquanto durasse a guerra, ou emquanto não estivessem na India navios portuguezes, vêr-se-hia obrigado a demorar-se e a entrar na contenda, e essa idéa é que de modo nenhum lhe servia, não porque fosse covarde, mas porque estava ancioso por ir gosar em Portugal o fructo das suas ra-

pinas; em terceiro logar porque, não partindo para a India senão quando a monção fosse completamente favoravel, podia evitar o ir carregado de mantimentos, e por conseguinte com menos espaço para levar prezaa.

Assim se íam deleitando os nossos patricios com a sua arribada ás ilhas de Kuri-Muri, e, como estavam fartos e saciados, já não tinham preza a fazer, nem sitio onde a levar, deixavam expandir-se esta cordialidade que é em nós tão natural, e que tão facilmente nos conquista a estima e a affeição dos povos com que lidamos.

Vicente Sodré, não precisando de maltratar pessoa alguma, deu ordem aos marinheiros que tratassem com o maximo carinho os arabes, que abandonavam as suas casas dispersas e collocadas nas alturas, para virem armar feira na praia, construindo alli barracas ligeiras de ramos de arvore e de colmo. Alli folgavam e riam com os portuguezes, e sobretudo as arabes, feias como o peccado, mas em todo o caso mulheres, não se mostravam queixosas do trato dos portuguezes, que, andando ha tanto tempo no mar, acceitavam como caído do céo qualquer maná do sexo feminino; e os maridos entretanto, deixando os portuguezes a guardar-lhes as casas, íam ao mar alto nas suas almadias fazer as suas pescas, trazendo peixe excellente que os portuguezes pagavam bem n'aquelles generos que não valem senão para as trocas com povos semi-selvagens, de que os portuguezes ainda tinham um resto.

—Bom peixe! diziam então os portuguezes aos pescadores.

E as arabes, que os escutavam com o rosto meio escondido no seu *haik*, e que já conheciam as finuras da lingua portugueza, riam-se á socapa lisongeadas, e os maridos tambem se riam lisongeados egualmente. Este qualificativo effectivamente podia ser applicado ao peixe que elles deixavam em casa e ao peixe que íam buscar ao mar. Os portuguezes comiam de um e de outro.

Um dia porém os pescadores voltaram com torvo aspecto e modos preoccupados, e disseram aos portuguezes que partissem immediatamente, porque vinha ahi um temporal que lhes despedaçaria os navios.

— Temporal como? disse João Rodrigues Badarças, o commandante da caravella que alli mesmo fôra com todo o cuidado reparada e calafetada. O que vem é o vento da monção que nos ha de levar á India n'um abrir e fechar de olhos.

— Não! não! tufão! tufão! tornaram os pescadores.

— Tufão! tornou João Rodrigues Badarças olhando em torno de si, o céo está azul e sereno sem uma nuvem, sem um ponto negro sequer que ameace vendaval. As ondas estão serenas, convidando a um banho! Onde vêdes vir signal de tufão? E como é que podeis saber que elle não tarda? Bem sei que o tufão póde vir de um momento para o outro, mas ha sempre signaes que o annunciam. Como podeis portanto adivinhal-o?

— Pela pesca, senhor.

— Pela pesca?

— Sim, ha uns peixes, que, apenas sentem vir de

longe temporal, tratam de se acolher a terra. Em tempos regulares andam muito pelo mar alto e nunca nós os encontramos nas redes das nossas almadias; mas, apenas por signaes que elles lá sabem, o tufão se annuncia, eil-os que se approximam da costa. Como é que as aguas lhes revelam esse segredo? Só Allah o sabe! mas a verdade é esta. Já hoje pescámos alguns d'esses peixes, que valem muito, não pelo sabor que é mau, mas pelo aviso que é bom.

João Rodrigues Badarças ficou impressionado com esta revelação, e foi transmittil-a a Vicente Sodré. O capitão-mór quiz ouvir os pescadores, e perguntou-lhes:

— Mas ainda que o tufão ahi venha, não é bem segura esta enseada, não estamos nós bem presos com solidas amarras?

— Ah! é que não sabeis, senhor, tornou um dos pescadores, como são estes tufões! Não ha amarras que lhes resistam. Ergue-se uma onda tamanha, que entra pela terra dentro, e ás vezes chega a alagar as nossas casas, que lá estão em cima. Se estivessem na praia, n'um instante o mar as tragaria. Por isso tambem nos haveis de vêr, senhor, a desfazermos as casas que fizemos na praia para salvarmos o que lá temos dentro. Emquanto ao vento, esse é por tal maneira forte que faz dançar os navios, como um redemoinho faz dançar as folhas seccas da tarde. Não ha amarras que durem, trinca-as o mar, e despedaçam-n'as os sacões dos navios agitados pelo vento. Parti, senhor! o tufão leva dois dias talvez antes que chegue cá. No mar, ha-de-vos fazer passar momentos amar-

gos, mas aqui atira-vos para cima dos rochedos, onde vos despedaça.

Ficou abalado Vicente Sodré, mas consultou os capitães. Não havia coisa que o resolvesse a voltar á India sem se estar em plena monção. Os mestres das caravellas, com excepção de João Rodrigues Badarças, não conhecendo senão o feitio dos temporaes da Europa, ou quando muito do Cabo da Boa Esperança, riam-se da historia d'essa ventania tamanha que havia de dar cabo de navios solidamente fundeados e amarrados. Dos dois capitães das naus, Pedro de Athayde dizia que era bom se fizesse o que os pescadores aconselhavam, mas o outro, Braz Sodré, irmão do capitão mór, não fazia senão o que o irmão quizesse.

O irmão hesitava.

— São variaveis estas gentes do Levante, dizia elle, parecia que estes nos eram affeiçoados e nos desejavam conservar. Mas de um momento para o outro mudam as tenções, e parece que elles agora nos querem vêr pelas costas. A historia dos taes peixes que adivinham o temporal com tantos dias de antecipação parece-me invenção, como a do passaro que põe os ovos dentro dos quaes cabem uns poucos de homens, e outras tantas patranhas de que o Levante é fertil. Demais os nossos marinheiros têem-se divertido mais com as casadas das ilhas do que seria para desejar, e não me espantaria que os pescadores se lembrassem d'este meio de se vêrem livres d'elles.

Pero d'Athayde abanou a cabeça com incredulidade. O caso porém ficou para ser decidido no dia immediato.

Mas no dia seguinte viram effectivamente os portuguezes que os arabes tinham desmanchado as suas cabanas da praia, e tomavam todas as precauções contra o furacão annunciado. Deu-lhes isto que pensar, e trataram de vêr se ao menos podiam fundear em enseada mais segura. Havia uma protegida pela montanha da ilha, maz não tinha fundo senão para as caravellas. Vicente Sodré principiava a inquietar-se. Reuniu de novo em conselho os capitães, e deliberou partir. Infelizmente o vento, que até ahi soprava favoravel, amainára de todo, estava completamente morto, como diz Gaspar Correia, e era impossivel fazerem-se de véla.

—Ao primeiro sopro de vento que se levantar partimos, disse Vicente Sodré ao pescador que lhe déra as primeiras noticias, e que instava com elle para que se não demorasse.

—Já não tendes outro vento senão o da tormenta, respondeu gravemente o pescador.

O caso estava sendo sério, e os signaes que annunciavam a approximação do vendaval já eram d'aquelles que todos os marinheiros conhecem, porque em todos os paizes e em todos os temporaes são identicos.

—Passemos para as caravellas! disseram os tripulantes das naus a Vicente Sodré, se os navios se perderem, paciencia! Não nos perdemos nós e nas caravellas sempre se poderá ir ate á India.

Mas contra isso revoltou-se Vicente Sodré!

Abandonar os navios! e a preza! e o fructo de tantas rapinas, de tantas fadigas e de tantas infamias!

accrescentemos nós. Vicente Sodré não accrescentava que elle sobretudo não abandonaria o seu navio onde tinha bem resguardado e bem recatado o espolio que elle tomára secretamente para si, e que era bem mais valioso ainda que o avultado quinhão que lhe havia de pertencer na preza quando ella se repartisse.

Estava-se ainda n'este debate quando começou a ventar fortemente do lado do mar.

Caia a noite, e o mar, extraordinariamente enfurecido, arrojava á praia vagas formidaveis. Comtudo Vicente Sodré esperava poder facilmente resistir. Se o vento não fosse mais forte, e se as vagas, que arrebentavam já com furia, não tomassem proporções descommunaes, o perigo não era de desesperar.

Peiores tormentas, vagas mais altas se encontravam no cabo da Boa Esperança.

Comtudo ninguem dormia de noite a bordo das naus, que tinham um balanço enorme. As amarras rangiam, mas aguentavam-se bem. O mar é que fazia um estampido medonho, mas os intrepidos marinheiros escutavam sem desmaiar esse estrondo formidavel. «E' a artilheria do mar das Indias», dizia gravemente um velho marinheiro.

Rompeu a manhã, e com ella principiou a raiar a esperança, que não durou muito. Não se fortalecia a claridade duvidosa que annunciava o nascer do sol, mas que servia apenas para se poderem divisar melhor os corceis espumosos das vagas que iam para terra n'uma galopada furiosa, e que voltavam mais desgrenhados ainda no galope da ressaca. Com o romper da

manhã não abrandára o vento, pelo contrario atiçava-se cada vez mais, e o navio em vez de ter só balanços principiava a correr com a onda sobre a amarra, e a voltar com a ressaca. Os marinheiros faziam esforços desesperados para se conservar de pé e para aligeirar o navio: ao meio dia porém caíu de repente uma grossa chuva de pedra, e o vento então desencadeiou-se com uma furia inaudita. Era um concerto medonho, em que o sopro stentoriano do vento alternava com o ribombo dos trovões e com o estampido formidavel do mar.

Os navios eram sacudidos com uma violencia indescriptivel, ora iam levados sobre a terra como se fossem despedaçar-se nas rochas, ora a ressaca os atirava de novo ao mar, atravessando-os, e trincando-lhes as amarras. De repente viram de bordo da nau de Vicente Sodré a de seu irmão Braz Sodré, que era a que lhe estava mais proxima, apanhar um golpe de mar que a tombou, caindo comtudo com os mastros para o lado da terra.

— Senhor Deus, misericordia! bradaram os marinheiros.

— A boa hora a pedis! bradou o velho mareante, que chamava «artilheria do mar» ao estampido das vagas. Faltaes aos seus mandamentos, sois desleaes e ladrões, e quereis depois que Elle vos oiça. Ao inferno é que vamos todos parar, mais o capitão que a esta desgraça nos trouxe.

Ninguem o ouviu. O momento não era azado para recriminações e o barulho dos elementos não consentia

que se ouvissem as vozes. Via-se porém á luz dos relampagos, porque a escuridão, apezar de se estar em pleno dia, era quasi tão medonha como a da noite, um espectaculo odioso. Vicente Sodré, e outros, devorados como elle pelo fogo da avareza, arrastavam a carga para a tolda, e o capitão-mór sobretudo empurrava com ancia para a amurada um cofre pesadissimo, que encerrava o seu espolio mais precioso. O mar n'um momento fez o que fizéra com a nau de Braz Sodré, atirou-a á costa, deu-lhe novo empuxão com a ressaca, atravessou-a, e, apanhando-a de travez, tombou-a, mas a carga estava toda para o lado do mar, e foi para o lado do mar que a nau se virou.

Vicente Sodré soltou uma blasphemia medonha, um grito de raiva insana e impotente. Agarrado ao cofre, caiu nas aguas sem o largar, mas esse peso enorme esmagou-o e afundou-o!

Esse homem, que sacrificára ao seu amor da riqueza a honra, a lealdade, e o prestigio do nome portuguez, morria esmagado por ella!

. . . .

O mar ainda n'essa noite não serenou, nem no dia immediato. A nau de Vicente Sodré perdera-se completamente, e a de Braz Sodré tambem, mas d'esta ultima escaparam todos os tripulantes, porque, ajudando-se com os mastros, tinham conseguido chegar a terra. Da nau de Vicente Sodré, que tombára para o mar, só pouquissimos escaparam a nado. A de Pero

de Athayde aguentára-se bem. As caravellas mantiveram-se sem perigo na enseada segura, que tinham escolhido. Quando, amainado o tufão, se juntaram em terra os capitães, tratou-se de escolher novo capitão-mór, e Braz Sodré reclamou a herança de seu irmão, mas levantou-se tal grita entre os que assistiam á conferencia, que Braz Sodré, apezar de ser tão aspero como seu irmão, nem ousou insistir no pedido. O desastre tornára odioso o nome de Sodré, que seria levantado ás nuvens, se todos voltassem a Lisboa ricos e satisfeitos. Pois o crime não seria menor, ainda que a felicidade o absolvesse.

Tomou pois Pero de Athayde o commando dos navios, e com elles voltou para a India.

Já a esse tempo estavam em Cochim, restaurada, os dois primos, Francisco e Affonso de Albuquerque.

Não os recebeu bem Affonso de Albuquerque, que foi o capitão a quem se apresentaram, mas Pero de Athayde allegou que desapprovára o procedimento de Vicente Sodré, mas que lhe obedecêra porque era elle o seu capitão-mór. Affonso de Albuquerque, que prezava acima de tudo a disciplina, e que por isso, se condemnára asperamente o proceder de Vicente Sodré, não approvára muito o de Ruy de Mendanha e de Gomes Ferreira, mostrou-se logo menos aspero.

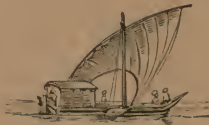
— Deus, disse elle, encarregou-se de castigar Elle proprio o homem que taes vilanias commetteu, que bastariam para deshonrar aos olhos dos filhos da India um christão e um portuguez. O primeiro capitão-mór do mar da India ennodoou o cargo que recebêra. O

seu successor apagará o estygma. Duarte Pacheco, sois vós de hoje em diante o capitão-mór do mar da India. Juraes fazer tudo para resgatardes os crimes do vosso antecessor?

—Até derramar a ultima gota do meu sangue, respondeu Duarte Pacheco.

—Bem, disse Affonso de Albuquerque, com a sua voz varonil e grave. Duarte Pacheco, eu vos confio a honra da bandeira portugueza.

Mãos heroicas a entregaram, heroicas mãos a receberam.

Como Duarte Pacheco se desempenhou da promessa, inscreveu-o a historia portugueza em lettras de oiro n'uma das suas paginas mais gloriosas.

A galveta de Antonio Moniz

I

Havia uns poucos de mezes que estava Diu cercada, e cercada pela segunda vez. Corria o anno de 1546, governava D. João de Castro a India, e era D. João de Mascarenhas que tinha de manter, contra as tropas de Cambaya, a fortaleza, que Antonio da Silveira tão heroicamente defendera e salvára. A fortuna d'esta vez, porém, parecia decidida a voltar-nos as costas, porque os inimigos eram muitos e escasseiavam os soccorros, porque, se os braços portuguezes continuavam a ser fortes, e destemidos os seus corações, já não era igualmente rija aquella disciplina que é a força dos exercitos pequenos, aquella disciplina de ferro que tornava inabalaveis no meio de multidões inimigas a phalange

macedonica e a legião romana. A decadencia começava.

Mas o sol portuguez, inclinando-se ao poente, banhava com torrentes de ouro e de purpura as nuvens do seu occaso. A segunda defeza de Diu, se não mostrou nas suas varias peripecias a firmeza de direcção de um chefe inquebrantavel, assignalou-se por actos de tão alto valor, de tanta audacia e de tão doida tenacidade, que não ha pagina guerreira na historia universal que possa avantajar-se-lhe. Já se não obedecia cegamente ás ordens do governador, mas a desobediencia cifrava-se na temeridade e não na covardia. Não havia quem bradasse «Alto!» como em Alcacer-Kibir, quando a ordem superior era para avançar; Diogo de Reynoso, no baluarte em que morreu D. Fernando de Castro, bradava «Alto» quando a ordem era para recuar. Mas era mau o symptoma; os romanos só foram invenciveis quando Manlio Torquato punia implacavelmente o filho que vencera desobedecendo-lhe. A indisciplina de que os bravos blasonam não tarda a ser uma desculpa para os covardes.

Estava-se no principio de agosto, e a fortaleza de Diu podia-se dizer que não existia já. As bombardadas, as explosões das minas tinham-n'a transformado n'um monte de escombros. A temeridade de Diogo Reynoso causára a morte de D. Fernando de Castro e de sessenta homens sepultados nas ruinas do seu baluarte. As vagas abertas pelo ferro e pelo fogo inimigo, pela fome e pelas doenças, já se não podiam preencher, porque o inverno cerrado, os mares verdes impediam as

frotas portuguezas de trazer reforços a Diu. D. João de Mascarenhas mandára um catur a Chaul contar as suas afflicções e o temeroso lance em que se via. Singelamente os emissarios que elle enviára, e que através de mil perigos tinham conseguido sahir d'aquelle inferno de Diu, cumprida a sua missão, voltaram á fortaleza. E ninguem se espantou. Já tinha liga então o bom ouro portuguez do tempo de Vasco da Gama e de Affonso de Albuquerque, mas essa liga era de duro ferro ainda.

Era tal, comtudo, a ruina da fortaleza, tanto se sentia que escasseiavam os defensores, que os sitiadores consideravam-n'a irremediavelmente perdida, e de boa fé espalharam a noticia da sua quéda. Pois se já soldados musulmanos até acampavam em cima dos proprios muros da fortaleza, não querendo os nossos tentar expulsal-os para se não expôrem aos tiros da artilheria das estancias! Pois se as ruinas formavam tão facil escada por onde se descesse para os eirados, que as odaliscas do harem de Bahdur podiam entrar na fortaleza sem precisarem que lhes estendessem a mão os portuguezes, sempre galanteadores! Como, n'estas condições, se resistiu ainda, como esses oitenta homens válidos que compunham toda a guarnição activa, em vez de se sublevarem para exigir de D. João de Mascarenhas que assignasse uma capitulação, só se rebellaram para lhe exigir que os conduzisse a uma sortida insensata, é o que mal se póde comprehender quando se não pense que dois seculos de luctas incessantes tinham feito a raça portugueza, que pelejava

na India, tão forte como os leões das florestas indianas, ao passo que as riquezas do Oriente accumuladas em Lisboa iam fazendo aquelles que as disfructavam tão fracos como os arbustos dos jardins do Tejo, que a menor brisa acama.

II

Foi por esta occasião que D. Alvaro de Castro, o filho mais velho do governador da India, pôde romper emfim com soccorros mais avultados, e chegou ao golfo de Cambaya exactamente quando por toda a parte se espalhava a noticia da tomada de Diu. O inverno cerrára-se outra vez, o mar tornára-se de novo tempestuoso, e D. Alvaro de Castro, fundeado com a sua frota na ilha das Vaccas, perguntava a si mesmo se deveria demandar a fortaleza, onde era mais que provavel que já estivesse hasteado o estandarte de Cambaya, e onde poderia encontrar perdição segera. Por outro lado, havia de abandonar a fortaleza, se ella se defendia ainda, estando assim tão cerca d'esse glorioso campo de bata-

lha, onde já tinham ganho os nossos uma gloria immortal? Que lhe diria seu pae se elle voltasse a Gôa, sem lhe levar novas de seu irmão Fernando, o Benjamin da familia, cuja morte era ainda pelos seus ignorada?

E entretanto as furias do inverno que ia acabar parecia que redobravam; sacudidas furiosamente pelas vagas, as pequenas embarcações portuguezas mal se podiam aguentar nas amarras. Passeiando agitadissimo na praia, envolto no seu manto, sem attender á chuva que o ensopava, D. Alvaro escutava um Hindhú de Baçaim, que estivera dias antes em Diu.

— Vi as tropas de Rumi-Khan—dizia-lhe o Hindhú — assentes e fortificadas no alto dos muros dos baluartes. Já os portuguezes nem tentavam defender-se. Um escravo, que fugira da fortaleza, contava que lá dentro se morria de fome. Como quereis vós, senhor, que, sendo já passados quatro ou cinco dias, estejam as cousas ainda no mesmo estado?

— Pois que estejam ou não! — exclamou impetuosamente D. Alvaro, batendo o pé com furia — ou irei morrer com elles se os vou encontrar nas vascas da agonia, ou morrer vingando-os se encontrar a fortaleza rendida.

O Hindhú encolheu os hombros, afastando-se. Decididamente os portuguezes eram doidos.

—Senhor D. Alvaro, — disse um moço de bella physionomia, de brilhantes olhos pretos, destacando-se de um grupo de officiaes portuguezes que assistira mudamente á conversação que findára — porque ha-

veis de arriscar em tão temeraria tentativa toda esta bella armada? Não poderá um de nós ir espreitar a fortaleza, saber noticias certas do que alli se passa?

— Quem teria essa audacia? Não seria um crime dar similhante ordem, quando o mar está assim tempestuoso, quando qualquer navio mal se póde governar com a tormenta, e cahiria quasi infallivelmente nas mãos do inimigo?

— Senhor, passa despercebido um navio pelos sitios por onde não passaria uma esquadra, e as tormentas d'estes mares nunca fizeram recuar, Deus louvado, os marinheiros portuguezes! Só para levar a Lisboa a noticia de estar fundada a fortaleza de Diu arriscou-se a perigos bem mais terriveis, em bem fragil navio, o heroico Diogo Botelho. Que muito é que a alguns perigos se arrisque um portuguez para saber se ainda ha esperanças de salvar essa mesma fortaleza que está em risco de se perder?

— E quem teria essa audacia, Antonio Moniz? — perguntou D. Alvaro de Castro, cujos olhos lampejavam.

— Eu, senhor.

— Vós! — exclamou D. Alvaro — Não! não! vosso pae está em Gôa velho e doente. Que me diria elle se soubesse que a tão certa morte eu enviára seu filho!

— Dir-vos-hia, senhor, que não é muito que o filho de um simples cavalleiro arrisque a sua vida, quando em maiores perigos está desde muito um dos filhos do

vice-rei da India, quando o outro está prompto a ir elle proprio affrontal-os.

— Ah! meu valente rapaz — exclamou D. Alvaro, abraçando-o. — Como ha de cahir o nosso poder na India, emquanto aqui estiverem portuguezes da vossa tempera? E que dizeis vós, senhores? — tornou, voltando-se para o grupo — Acceito a offerta?

— Sem duvida! — responderam todos — E viva Antonio Moniz!

— Deus o proteja! — tornou D. Alvaro, descobrindo-se — Ides no vosso navio?

— Sim, senhor. A minha galveta é fina e ligeira. Poucos remeiros a tripulam. Posso levar dez homens com espingardas e murrões e polvora.

— Vêde bem que tendes de passar subtilmente por junto do inimigo.

— Por isso, tenciono levar apenas um dos murrões accêso para me não achar desarmado, se tiver de vender cara a vida.

— Deus tal não permitta! E mantimentos?

— Com o mar que está, não levo menos de dois ou tres dias a chegar á fortaleza. Lume não o posso accender. Além de biscouto e de queijo e dos côcos e de jagra, sem a qual os remeiros não passam, parece-me bem levar tambem arroz pisado e linguiças assadas. Assim teremos que comer no caminho, e ainda levaremos alguns refrescos aos nossos pobres patricios.

— Agouro bem da vossa tentativa, — disse um fidalgo de forte e severo aspecto, aproximando-se dos dois que conversavam — porque tendes, a par da ou-

sadia, prudencia e bom conselho. Não é esse o costume dos rapazes de agora.

— Sois severo com os novos, sr. D. Francisco de Menezes, — disse sorrindo D. Alvaro — mas tanta justiça fazeis ao meu bravo Antonio Moniz, que acceito a censura, só para que mais realce o elogio.

— Ha largas excepções, felizmente —disse D. Francisco. Mas, o tempo urge, senhor, e bom seria que Antonio Moniz partisse. Talvez para a tarde o tempo levante...

Não se justificou a previsão. O tempo cerrára cada vez mais. O horisonte ennegrecia. Comtudo, em vez de dez espingardeiros de boa vontade, foram cem os que appareceram, e teve D. Alvaro de fazer a escolha. Os remeiros, que eram indios, bradavam que não queriam ir tentar a Deus, mas Antonio Moniz, com a espada nua n'uma das mãos, e uma bolsa cheia de pardaus na outra, fez-lhes comprehender que tinham tudo a lucrar embarcando de boa vontade.

Apinhavam-se os portuguezes na praia, quando Antonio Moniz, descobrindo-se respeitosamente, se curvou diante de D. Alvaro de Castro a pedir-lhe as suas ultimas ordens. Atraz d'elle os dez espingardeiros esperavam encostados ás suas pesadissimas armas.

D. Alvaro quiz fallar, mas tinha um nó na garganta. Apertou fortemente a mão de Antonio Moniz. Foi D. Francisco de Menezes que disse gravemente, adiantando-se:

— O mar está rijo, e parece querer tragar a galveta, mas mais forte que o mar e mais poderosa que

o inferno é a Virgem Purissima, Senhora Nossa, Mãe de Deus e Mãe dos homens. Tu vaes combater as ondas, Antonio Moniz, pelo teu Deus, pelo teu rei e pelos teus irmãos. Se, apesar d'isso, Nosso Senhor te chamar a si, é porque te quer no céu, e bemaventurado tu serás e os que comtigo morrerem. Seremos nós os peccadores que não mereceremos a gloria de irmos salvar os nossos irmãos e a fortaleza de el-rei. Para nós e não para ti, deveremos implorar a misericordia da Virgem. Senhora da Assumpção! — continuou elle cahindo de joelhos — conduzí com o vosso sôpro bemdito esta galveta, que vae levar aos nossos irmãos em Diu a consolação e o confôrto!

Todos cahiram de joelhos, e d'aquella pinha de guerreiros, entre os rugidos do vento que sibillava nos rochedos, sahiu como um dôce murmurio a oração angelical:

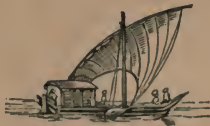
— Ave-Maria, cheia de graça, o Senhor é comvosco, bemdita sois vós entre as mulheres, bemdito é o fructo do vosso ventre, Jesus!

— Senhora da Assumpção! — tornou D. Francisco de Menezes — aplacai as ondas rugidoras para que este moço, mensageiro de libertação, vá dizer a esses fieis, que pelo Christo Crucificado pelejam e morrem, que os não abandonou Deus nas suas angustias e provações.

— Santa Maria Mãe de Deus, — tornou a turba, n'um submisso murmurio — rogai por nós peccadores, agora e na hora da nossa morte: Amen, Jesus.

Antonio Moniz levantou-se como que reanimado e

forte. De um pulo estava na galveta, e d'ahi a instantes estavam ao seu lado os dez espingardeiros. Ao seu gesto imperioso, os remeiros curvaram-se e deram o primeiro sacão. A galveta saltou sobre uma onda, e como que desappareceu depois no abysmo que ella cavava, mas, quando voltou acima, Antonio Moniz, de pé, na pôpa, ouviu um immenso clamor de saudação, e viu agitarem-se na praia os gorros dos fidalgos e os capacetes da soldadesca. Depois tudo desappareceu. A noite cahiu com uma rapidez extraordinaria. O horisonte, por toda a parte cerrado, não mostrava senão trevas em que alvejava a crista espumosa das vagas. Ao longe, porém, para o lado da ilha das Vaccas, uma luz estranha rompeu a escuridão densissima. Desenhava-se nos ares uma cruz luminosa. Fôra D. Francisco que se lembrára de cruzar dois madeiros e de illuminal-os no cimo de uma collina. Mas ao vêl-a, Antonio Moniz ajoelhou, e bradou com fervor:

— Bemdito sejaes vós, ó dôce Jesus, que assim me enviaes a esperança.

III

A galveta voava pelo mar escuro, mas voava ao acaso, impellida para um e para outro lado pelas ondas que jogavam com a pequena embarcação, como se póde jogar com uma pella. Longe de abrandar a tempestade, a noite fizera-a recrudescer. Cahia uma chuva miuda que penetrava até aos ossos, e regelava os portuguezes. Depois o embate das ondas alagava a cada instante a pequena embarcação. No céo nem uma estrella: tudo forrado de preto como a tampa de um athaude. Via-se apenas de quando em quando alvejar a espuma das ondas, como os dentes anavalhados de lobos que uivassem na sombra. A agua, á força de entrar, já ía pesando no barco, e não houve remedio senão despejal-a. Felizmente Antonio Moniz, que tanta previdencia mostrára, não se esquecera de se munir de baldes, e a faina de

esvasiar o barco servia para que não gelasse o sangue nas veias dos que não remavam. Comtudo não tardou muito que os remeiros, exhaustos de fadiga, deixassem cahir das mãos os remos. Foi necessario que os espingardeiros os substituissem, mas era indispensavel que alguem continuasse com o serviço dos baldes, porque o mar alagava a cada instante a embarcação. Antonio Moniz dividiu então a sua gente em tres turnos: um remava, outro despejava a agua, o terceiro descançava, mas resultava d'ahi que nem se vasava a agua com bastante celeridade, nem os remos davam ao barco um impulso bastante vigoroso.

E entretanto a noite ia deslisando com uma lentidão implacavel. Não havia esperança no nascer da lua, porque já ía no fim o quarto minguante. Anciavam todos pela aurora, e que longe que ella vinha ainda! Prestavam o ouvido ao rugir das vagas, esperando a cada instante no seu ruido algum signal que lhes denunciasse a approximação da terra. Nada! nem um só indicio do sitio em que se achavam!

Seria meia noite talvez quando a escuridão foi de subito rasgada por uma pallida phosphorescencia, a que se seguiu em breve o surdo rugido de um primeiro trovão. Antonio Moniz quasi agradeceu a Deus essa nova peripecia da tempestade. A luz dos relampagos podia-lhe servir talvez para lhe alumiar o caminho. Foi servido o seu gôsto. N'outros pontos do horisonte não tardaram a accender-se iguaes phosphorescencias, e por todos os lados começaram as descargas electricas. Não era uma trovoada, eram tres as que se tinham

formado na atmosphera tempestuosa. O estrondo era medonho. Os relampagos succedíam sem descanço uns aos outros com uma intensidade extraordinaria. Ai! mas o que elles illuminavam era sempre, constantemente a immensidade infinita do Oceano.

O terror começava a invadir todos os animos. Eram uns desamparados de Deus esses pobres soldados, esses pobres marinheiros que se viam isolados na sua galveta alagada, perseguidos pelos raios, pelas ondas, como se o Omnipotente houvesse entregado por uma noite o governo dos elementos a Satanaz, o eterno revoltado! Houve um momento em que os raios estalaram a tão pouca distancia da galveta que um dos espingardeiros cahiu assombrado.

Até ahi os remeiros, tranzidos de medo, sentindo as mãos paralysadas, tinham sido comtudo mantidos no trabalho pela energia de Antonio Moniz, coadjuvado pelos espingardeiros, mas d'esta vez os remeiros cahiram todos de bruços, gritando: «Misericordia!» e debalde Antonio Moniz, inquebrantavel, de espada em punho, ordenava aos espingardeiros que os fizessem levantar. Estes sacudiam a cabeça, e um d'elles murmurou:

— Não! agora, em boa verdade, já é tentar a Deus!

— O' desgraçados! — exclamou Antonio Moniz — Quem tenta a Deus é quem abandona o cuidado da sua salvação no meio dos perigos e dos terrores com que Deus experimenta a nossa constancia! Deixaes ir a galveta a Deus e á ventura, só porque os raios nos

cercam sem nos tocar, como se Deus, se quizesse punir-nos, não podésse ha muito ter reduzido a cinzas o barco e os que o tripulam!

Os espingardeiros não responderam, mas não se moveram tambem, e a galveta, sem governo, emborcando o mar a cada instante, ameaçava virar-se sem que aquelles insensatos parecessem comprehender o perigo.

— Por Deus! — exclamou Antonio Moniz — Se os homens que eu levo a Diu têem coração de gallinha, e são incapazes de olhar de frente para o vigario João Coelho, que, não sendo nem marinheiro nem soldado, nunca teve medo nem de mares nem de tiros, prefiro morrer a passar por similhante vergonha! Que Deus vos salve se o quer, ou que Satanaz vos guarde para irdes ser a perdição da fortaleza. Eu n'estes mares ficarei, e Deus Nosso Senhor tenha compaixão da minha alma!

E, fazendo o signal da cruz, Antonio Moniz, de cabeça perdida, ia atirar-se ás ondas, quando um espingardeiro o agarrou violentamente pelo braço.

— Pois vá! com seiscentos diabos! — exclamou o espingardeiro — Já que vossa mercê quer que dêmos aqui ao diabo o canastro, faça-se a sua vontade, e vamos a isto, rapazes! Eh! lá! — continuou elle, atirando um valente pontapé ao remeiro que estava mais proximo—toca a trabalhar, que onde nós morrermos com o suor do nosso corpo, não hão-de vocês ir para o fundo á boa vida.

O pontapé teve o seu effeito de descarga electrica.

O remeiro pôz-se em pé de um pulo e os outros imitaram-n'o. A galveta voou de novo sobre as ondas.

Como se o céu quizesse recompensar aquelle acto de constancia, a trovoada serenou. Mas, de repente, quando já se não ouviam senão uns trovões muito distantes, como que se abriram as cataractas do céu, e um chuveiro medonho desabou em cima da galveta, embarcação de bocca aberta, que não tinha um unico recanto onde se podéssem refugiar os tripulantes.

Agora, porém, já ninguem protestava, já ninguem se queixava. Estavam resignados a tudo, silenciosos e azafamados.

Quando no oriente, depois de longas horas de fadiga e tormenta, começou a alvejar uma delgada fimbria de luz, todos os olhos se fitaram ávidamente no horisonte. O dia foi raiando, mas as nuvens continuaram tão densas e carregadas que a luz do sol encapotado assimilhava-se vagamente á luz baça de um dia polar. Comtudo, distinguiam-se os objectos, e isso servia apenas para dar o golpe mortal em todas as esperanças. Não se via senão agua por todos os lados. Tinham-se perdido evidentemente: longe de se aproximarem de Diu, achavam-se talvez em pleno mar indiano.

— Sr. Antonio Moniz, — disse submissamente o velho espingardeiro que o agarrára por occasião da trovoada, e que era um velho soldado da India — não tomeis á má parte o que vou dizer. Perdemo-nos no caminho, é mais que certo. Não seria de bom conselho voltarmos á ilha das Vaccas? Não vos fica mal, porque o mesmo tiveram de fazer ha dias o sr. D. Alvaro

de Castro e o sr. D. Francisco de Menezes, que ninguem póde taxar de covardes.

— Meu pobre Diogo Vaz, — respondeu abanando a cabeça Antonio Moniz — de bom grado seguiria o teu conselho, sem balofas prosapias; mas se não sabemos onde estamos, se perdemos o caminho de Diu, como queres tu que encontremos a ilha das Vaccas? Iremos onde Deus nos quizer levar.

Estas palavras foram ditas em voz baixissima. Diogo Vaz comprehendeu que eram justas, e com um gesto resignado voltou a despejar baldes de agua.

O dia correu silencioso e triste. Fôra, comtudo, mais serena a manhã, o vento acalmára e as vagas deixavam algum descanso á galveta, mas depois do meio dia tornou a refrescar o vento, e quando se aproximou a noite, a tempestade desencadeou-se com toda a violencia. Veio a noite de novo, e com ella o desespêro. O vento soprava com furia brava, as ondas atropellavam-se, galgando pelas amuradas da galveta. Era muito. Aquella pobre gente sentia que a brancura da espuma d'essas ondas invasoras era a brancura de uma mortalha. Então, resignados, não pensando já em salvar as vidas, mas em salvar as almas, cahiram de joelhos, bradando:

— Senhor Deus! misericordia!

Antonio Moniz ajoelhára tambem.

— Virgem Maria Senhora Nossa! — disse elle, com a sua voz grave e sonora — é ámanhã o dia da vossa gloriosa assumpção! Intercedei com vosso Filho para que elle receba no seio da sua infinita misericordia

as nossas almas, purificadas pelas angustias d'estes dias.

Fez-se um silencio absoluto, e no meio d'esse silencio, que até o vento parecera respeitar, ouviu-se um rumor estranho como o de vaga que quebra com estampido nas rochas.

—Senhor!—bradou um dos remeiros—terra pela prôa!

—Terra! — bradaram todos, levantando-se n'um impeto e correndo com tanta precipitação para uma das amuradas, que iam virando o barco.

— O mar corre comnosco! — tornou o remeiro — e Deus me não salve se não é na bocca de um rio que nos achamos.

— Terra! terra! — bradaram os espingardeiros, apontando para uma massa escura, que se ia tornando perceptivel, apesar da densa escuridão da noite.

— Que terra será? — disse anciosamente Antonio Moniz — Parece montanha que nós vêmos.

— Não é montanha, snr. capitão, — tornou um dos remeiros com voz alegre — é uma torre e peço alviçaras, porque é uma que eu bem conheço! a torre de entrada da ribeira de Diu.

Foi uma explosão de gritos de enthusiasmo, que o vento que soprava rijo dispersou pelos ares. «Bemdito seja Deus!» — exclamou Antonio Moniz — e pelo rosto de alguns dos espingardeiros correram silenciosamente algumas lagrimas. Os remeiros, recuperando todo o seu vigor, faziam correr a galveta pelo rio acima, e agora viam já todos, ainda que vagamente, deslisar por diante d'elles o vulto negro da fortaleza.

Nem uma luz! nem um rumor! E' verdade que o vento agora era tal que todos os ruidos se perderiam na confusão da tormenta. A tempestade chegára ao seu auge. O vento encanado dava mil fórmas á sua voz terrivel, e ora se parecia ouvir gemidos de moribundos, ora rugidos de leões, ora ruidos phantasticos que faziam correr calafrios nas veias dos supersticiosos.

— Rapazes! — disse Antonio Moniz em voz baixa — o mais terrivel começa agora! E' nossa a fortaleza, ou está já em poder dos mouros? Como sabel-o se a noite está escura como breu, e a propria fortaleza mais a adivinho do que a vejo? Passamos por entre fustas dos mouros sem nós as percebermos, nem ellas darem por nós? Quem sabe? E' certo, porém, que estamos rentes da fortaleza e que d'ella nos virão dentro em pouco ou saudações alegres, ou tiros de bombarda, Ouvi-me, pois.

Todos os espingardeiros, agrupados silenciosamente em torno de Antonio Moniz, escutavam o que elle dizia em voz baixissima. Os remeiros, de remos erguidos, deixavam o barco seguir a maré.

— Accendei agora, com as maiores precauções, todos os murrões que trazemos. Cosei com a terra a galveta quanto poderdes. Ou muito me engano, ou devemos estar nas alturas da couraça pequena. Esperemos depois ou que chegue a manhã, ou que algum signal nos venha de terra.

Tudo se executou como o capitão mandára. A galveta balouçava-se brandamente nas aguas, e todos os espingardeiros, de ouvido á escuta, com uma das mãos

na espingarda carregada e com a outra estendida para os murrões accesos e escondidos, esperavam silenciosamente. Antonio Moniz sentia bater-lhe o coração no peito com uma força indescriptivel.

O vento soprava cada vez mais forte, e no seu desordenado concerto zumbiam todas as maldições, todos os lamentos, todas as furias de uma catastrophe immensa.

De subito estremeceram todos. Claro, argentino, vibrante, soára nos ares um sino, e aquelle toque, confundido com os clamores do vento, fizera raiar no animo de todos uma ineffavel esperança.

— Não teem sinos os mouros!... — murmurou Diogo Vaz.

— Podem tel-o conservado! — segredou Antonio Moniz, fazendo um gesto para que o espingardeiro se calasse.

Ouvira-se claramente um brado, o brado da sentinella, mas, se se sentira a voz, não se percebera a palavra.

— E' portuguez? é mouro? — murmuravam.

— Por Deus! que vamos sabel-o! — exclamou Antonio Moniz.

E desempenando a sua bella estatura, resguardando a voz com o concavo das duas mãos levadas á bocca, bradou com toda a força dos seus pulmões:

— O' da vigia!...

E escutou. Silencio absoluto. Só lhe respondeu o vento, entoando mais lugubremente o seu cantico de morte.

— O' da vigia! — tornou a bradar Antonio Moniz.

Novo silencio. E o vento, que parecia querer tomar parte no dialogo, soltou um uivo tão lamentoso, que passou um calafrio pelas veias do joven capitão.

— Rapazes! — disse elle, e a voz tremia-lhe um pouco — Murrões á mão, e olho attento na fortaleza! Remeiros, mão nos remos, e ala á primeira voz. Nosso Senhor seja comnosco.

E, levando de novo as mãos á bocca e fazendo um esforço supremo, bradou:

— O' da vigia!

E acima dos rugidos do vento, uma voz clara, vibrante, portugueza de lei, respondeu:

— Quem é? quem chama?

E, ao ouvir aquellas duas palavras, ao sentir vibrar por entre a tempestade a boa lingua portugueza, foi tal o ineffavel jubilo de Antonio Moniz, que, ainda antes de redarguir, cahiu de joelhos, bradando:

— A fortaleza é nossa! Viva El-Rei de Portugal!

E, n'aquella noite de escuridão e de tempestade, pairando nas azas negras do vendaval medonho, passou por diante dos olhos d'esse punhado de heroes a visão luminosa da patria triumphadora e audaciosa e nobre e grande, como no meio de vendavaes de outra especie, na escuridão da mais abjecta tempestade, vimos agora, ao escrever estas linhas, passar por diante dos nossos olhos a visão radiosa dos heroismos de Diu.

IV

Apenas a sentinella ouviu, em resposta á sua pergunta, estas palavras que vinham da escuridão e da procella, prolongadas e quasi ululantes:

— Sou Antonio Moniz; venho da armada que vem aqui perto.

Sem lhe responder sequer, largou a correr, doido de alegria, pela fortaleza fóra a caminho da casa de D. João de Mascarenhas, porque este ordenára que qualquer nova que houvesse, por mais grave que fosse, lh'a levassem primeiro a elle. Dormia-se pouco na fortaleza, apezar de estarem todos, mesmo as mulheres e as creanças, rendidos de cançasso pelos trabalhos diurnos. Por isso a aldravada que a sentinella deu na

porta do capitão fez não só com que logo apparecesse D. João de Mascarenhas, de espada em punho, mas que outras janellas proximas se entre-abrissem, no sobresalto constante em que os mouros traziam a fortaleza.

— Mouros? — foi tambem a primeira palavra de D. João de Mascarenhas.

— Não, senhor, — respondeu a sentinella offegante da corrida — portuguezes... na couraça... Antonio Moniz... armada vem perto.

— Volta já! — tornou D. João de Mascarenhas — Nem uma palavra! que nas estancias nem o sonhem! que o não suspeitem os mouros! Eu vou em seguida e levo a chave do postigo.

Partiu de novo a sentinella em carreira desenfreada, mas já as portas se abriam, e appareciam mulheres, creanças, soldados feridos que mal se arrastavam a perguntar com anciedade o que havia.

— Boa nova! — exclamou o soldado o mais baixo que pôde, e afastando rudemente as mulheres mais curiosas para redobrar na carreira.

Mas por todos os lados se sentiam já bater as portas, appareciam aqui e além luzes errantes que o vento da tempestade fazia ondular doidamente. A resposta do soldado, mal ouvida, já se transformava em noticia de combate, e uma rapariga não se pôde ter que não cahisse de joelhos, chorando e bradando: «Senhor Deus! misericordia!» Tambem logo se levantou, porque uma tremenda bofetada lhe veio provar que a misericordia divina se manifesta ás vezes de um modo

um tanto brusco. Era Isabel Fernandes, a famosa velha de Diu, que, com os cabellos brancos desgrenhados, e já de partazana na mão, para o que désse e viesse, commentava da seguinte fórma o texto inicial do bofetão:

— Aqui em Diu não se resa de joelhos! Resa-se dando pancadas nos mouros, ou curando as feridas dos christãos! Entendes, D. Fufia?

E entretanto o soldado chegava á couraça, e fallava com os da galveta, já outra vez inquietos e suppondo-se victimas da manha de algum renegado.

— Porque não vem D. João de Mascarenhas? — perguntava Antonio Moniz, desconfiado.

— Não tarda ahi, senhor.

— Dizei então a Diogo Reynoso que venha.

— Diogo Reynoso morreu.

— Pedi n'esse caso que venha ao sr. D. Fernando de Castro.

— O sr. D. Fernando de Castro morreu tambem.

— Estranha cousa na verdade! — bradou com surda irritação Antonio Moniz.

— Mas verdadeira, sr. Antonio Moniz, — disse a voz grave de D. João de Mascarenhas, que chegava n'esse momento — o filho do vice-rei morreu gloriosamente ha cinco dias, e, ainda que se não chore n'esta fortaleza, onde a morte faz todos os dias a sua visita, vertemos todas as lagrimas do nosso corpo por esse heroico adolescente, por esse gentil e adoravel rapaz, que tão cedo foi arrebatado da terra. Desembarcae, desembarcae, sr. Antonio Moniz, que, se tres dias tar-

dasseis, não encontrarieis de certo quem vos abrisse a porta.

Já n'esse momento, e apesar de todas as precauções, se apinhava gente no postigo, e nas proprias estancias, aonde chegára a nova, só ficaram as vigias indispensaveis. Alguns archotes allumiavam a scena, que tinha na apparencia um aspecto tragi-comico, que logo se transformava em heroico quando se pensava no que estava alli succedendo. O soccorro que entrava triumphalmente na fortaleza, e que era acolhido como trazendo comsigo a salvação, constava de dez homens encharcados, a cuja frente marchava um moço quasi imberbe. A guarnição que o acolhia não era superior a sessenta homens. Os vinte que faltavam prescrutavam nas estancias o arraial dos mouros, temendo a cada instante algum rumor suspeito. D'esses sessenta alguns traziam por baixo do capacete o rosto envolto em ligaduras, revelando cutilada recente, outros o braço ao peito, outros caminhavam coxeando encostados aos mosquetes, e todos revelavam nos rostos macerados a fadiga das noites perdidas, e da faina dos combates e dos reparos e a falta de alimentação sadia e reparadora. Em torno d'elles as mulheres e as creanças, doidas de alegria, davam pelo menos um tom pittoresco ao singular triumpho, mas Antonio Moniz, rapaz e naturalmente trocista, devia hesitar entre o riso e as lagrimas com o aspecto das velhas soldadescas, armadas como soldados, que fariam estalar de riso a côrte de D. João III se Gil Vicente as mettesse n'uma das suas farças, mas que tinham de ser con-

templadas com respeito por quem se lembrasse de que lhes devera Diu a salvação, quando Djezzar Khan entrára surrateiramente pelo lado da igreja no amago da fortaleza. E todo aquelle cortejo estranho de soldados estropiados, velhas de cabellos desgrenhados, raparigas mal vestidas, creanças quasi nuas, saltando, pulando, á luz trémula dos archotes, seguia fortaleza dentro, e, como D. João de Mascarenhas prohibira severamente que se levantassem gritos ou saudações, penduravam-se ao pescoço dos espingardeiros, estalavam os beijos n'aquellas faces bronzeadas, por onde corriam, disfarçadamente, á mistura com os pingos de agua que gottejavam dos cabellos alagados pela chuva, algumas lagrimas discretas.

Mais estranho ainda que os personagens era o scenario. Os recemvindos, desconhecendo o terreno, tropeçavam a cada instante em pedregulhos soltos, escorregavam em terra revolvida e transformada em lama. De subito vinha uma rajada de vento que apagava os archotes, mas ao seu ultimo clarão ainda se podiam vêr os muros completamente escancarados da fortaleza, pelo rasgão os campos envoltos na escuridão da noite, e ao lado da immensa brecha immoveis as sentinellas portuguezas que miravam de longe a estranha procissão. E havia em tudo isso um sôpro tal de heroismo n'esses muros derrocados, n'essas sentinellas immoveis em pleno perigo mortal, n'essas mulheres desgrenhadas, n'esses soldados mutilados, n'essas creanças que brincavam com os pelouros como as de hoje pódem brincar com as pellas de borracha, que Antonio Mo-

niz, levado por um impeto irresistivel, tomou a mão de D. João de Mascarenhas, e, levando-a aos labios, murmurou:

— Ah! senhor! que pagina immortal tem esta mão escripto na historia portugueza!

Para o lado do Oriente uma faxa tenuissima indicava a aproximação do dia. Cessára a chuva e amainára o vento. De subito, na igreja por onde passavam deu o sino o toque de Ave-Marias. A porta da igreja abriu-se. Viu-se o altar allumiado, e o vulto austero do vigario João Coelho, paramentado para dizer a missa do romper de alva, appareceu de mãos postas.

— Bemdita seja a gloriosa paixão de Nosso Senhor Jesus Christo! — disse o padre com voz commovida e grave — Irmãos, que a misericordia de Deus trouxe, por entre os perigos do mar, a esta santa fortaleza, entrai na casa divina! Vamos dar graças aa Altissimo, que nunca abandona os seus filhos.

O Christo Crucificado abria os braços no altar, e o seu rosto pallido parecia illuminado por um sorriso da aurora. Ao longe ouviu-se um estrondo vago, como se um orgão longinquo viesse acompanhar a missa. Era o bombardeamento que principiava.

Dias depois chegava D. Alvaro de Castro com a sua flammante esquadra, mas a lucta continuava terrivel e ás vezes sem esperança; o mar, porém, estava aberto e os soccorros affluiam. Quando emfim chegou D. João de Castro com a sua poderosa armada, ninguem duvidou da victoria. Conhecem todos a gloriosa sortida em que os assaltantes foram completamente

derrotados, cahindo nas mãos dos portuguezes prisioneiros sem conto, bandeiras e canhões, um dos quaes ainda conserva dentro dos muros de Lisboa a memoria d'esses dias heroicos. Homem do seu tempo, cultor da antiguidade como todos os eruditos da Renascença, D. João de Castro celebrou a victoria com um triumpho á romana, mas no triumpho esqueceu o que nós quizemos n'esta singela narrativa perpetuar — a intrepida galveta de Antonio Moniz.

A passagem do Bojador

I

EM SAGRES

O vento do mar soprava rijamente nas agruras do Promontorio Sacro, onde se erguia a Villa do Infante; a onda furiosa quebrava nas penedias escalvadas, que formam um parapeito natural e altissimo, d'onde o espectador contempla o Oceano profundo e irado a tentar debalde ultrapassar os limites que a mão da Providencia lhe impôz. Algumas arvores raras e infezadas estorciam-se gementes ao sôpro agudo do noroeste. Era triste a paysagem, nebulosa a tarde, e os ultimos raios do sol, que se escondia no occaso, apenas tingiam com desmaiada côr a crista espumea das vagas.

Dois homens passeiavam entre os rochedos, indifferentes á impressão desagradavel que o vento cortante

que lhes sibilava aos ouvidos, produzia em quem se expunha ás inclemencias d'essa tarde do principio da primavera. Estava-se em março de 1434.

Um dos dois homens, alto e forte, de physionomia um tanto severa, mas que os olhos, cheios de viveza e de luz, abrandavam quando a indulgencia lhe scintillava nas pupillas, fallava com energia, em quanto o outro escutava com deferencia e respeito.

O primeiro era o infante D. Henrique, filho d'el-rei D. João I, e irmão do monarcha reinante, D. Duarte; chamava-se o seu interlocutor Gil Eanes, e era natural da proxima villa de Lagos.

— E não ousastes ainda, Gil Eanes? dizia o infante. Pois sois denodado e audacioso, que eu bem o sei! Mas que tem esse cabo Bojador, que tal susto vos infunde a todos, assim que o divisaes de longe? São outros mares aquelles? teem outro aspecto as ondas? As procellas, que tão socegadamente affrontaes aqui no mar do Algarve, ou na bahia da Byscaia, ou nos estreitos de Inglaterra, onde são peiores, apavoram-vos só porque erguem a voz rugidora junto de desconhecidas terras? Voto a Christo que tinha mais confiança na vossa bravura, Gil Eanes!

— Senhor, redarguiu Gil Eanes, dizem que para aquelles lados a terra é mais baixa que o mar, que o sol queima as praias escalvadas, e que as correntes impetuosas arrastam com irresistivel força os navios para terriveis paragens, onde a morte é certa.

— E quem vos diz isso? tornou o infante com intimativa. Quatro marinheiros que nunca sairam da car-

reira de Flandres, e que julgam que tudo o mais são africas impossiveis! Se a natureza para além do cabo Bojador tem mysterios, não vos sentis com animo de os devassar? Se a empreza fôra pequena, não vol-a confiára, Gil Eanes; qualquer maritimo me serviria. Os homens de altos espiritos são para as altas façanhas.

— Senhor, tornou ainda o marinheiro, a um tempo lisonjeado e envergonhado com o elogio; se os perigos fossem de natureza terrestre, não temeria eu lançar-me a elles, e com jubilo procuraria a morte, se para vosso serviço fosse necessario. Mas eu jogo a alma arriscando-me a esses mares onde o demonio impera!...

— Não cingis uma espada, Gil Eanes? perguntou o infante.

— De que serve a espada, senhor, contra inimigos infernaes?

— A espada de um christão tem lamina e tem cruz: lamina bem temperada para derribar os infieis, cruz bemdita para afugentar os espiritos maus.

Gil Eanes conservou-se algum tempo em silencio.

— Mas, senhor, redarguiu elle, os mareantes affirmam que no cabo Bojador levantou ignota mão estatuas mysteriosas, que guardam esses mares, e que prohibem aos homens a passagem. E' de certo com o consentimento de Deus que taes estatuas lá campeiam, e o aviso que dão aos navegantes não pode deixar de ser um aviso da Providencia.

— E quem as viu? tornou D. Henrique meio impaciente. Ninguem. Credulos sonhos formados pela ima-

ginação timorata dos que se acolhem ao porto apenas vêem acastellarem-se no horisonte as nuvens, e ennegrecerem as ondas ao primeiro sôpro da procella! Não julgaram os antigos que Hercules levantára no estreito de Gibraltar uns pilares com uma inscripção defendendo aos humanos a entrada no Atlantico, por ser elle o mar das trevas? Bastas vezes tendes atravessado o estreito, Gil Eanes! Vistes por acaso os pilares, lestes a inscripção? D'aqui d'onde estamos divisa se até ao extremo horisonte a amplidão do Oceano. O que tem elle de tenebroso? A sombra que a noite, que principia, lhe espraia sobre as ondas. Quando resplende o sol, não brincam tão docemente os seus raios de oiro na espuma do seu dorso, como podem voltear sobre o lucido cristal das aguas do Mediterraneo? E' mais severo este nosso velho leão, é mais alto o seu rugir, são mais tremendas as suas iras, do que as coleras femininas do mar interior? Talvez por isso mesmo eu lhe queira mais; parece-me lêr n'elle melhor a grandeza do Omnipotente, do que a leio no Mediterraneo, assim como a percebo melhor nas viris apostrophes de Isaías do que na mystica doçura do *Cantico dos canticos*.

E o infante contemplou com amor o velho Oceano, que encurvava a juba e arremessava as suas ondas de encontro á penedia, onde quebravam com estampido, arrojando aos ares uma nuvem de scintillante espuma.

Gil Eanes abaixou a cabeça e não respondeu.

— Ah! pois eu não sou ingrato, continuou o infante com amargura. Que perigos ha no mundo tão grandes

que não vos anime a affrontal-os a certeza de que obterieis recompensa superior a tudo quanto podesseis sonhar?

Gil Eanes interrompeu-o de subito.

— Não falleis assim, senhor, disse elle erguendo a cabeça. Não me falleis em recompensas; servir-vos é o que eu desejo, e, se um ignoto pavor se não houvesse apoderado de mim e dos meus quando o anno passado chegámos á vista do cabo, já o mysterio estaria desvendado, ou nós todos jazeriamos no fundo das aguas. Mas, senhor, não será tentar a Deus perseverar n'uma empreza diante da qual todos... todos teem recuado?...

— Não, meu amigo, tornou o infante com ardor, não, porque as nossas intenções são puras e santas. O que desejâmos nós? Alargar o dominio do christianismo, propagar a fé até aos confins do mundo, procurar esse mysterioso monarcha, nosso correligionario, que vive entre gentios, esse Prestes-João, de que houve remota noticia pela embaixada que enviou ha seculos ao Santo Padre de Roma. Com esses pios intentos, Gil Eanes, póde-se entrar illeso até no proprio inferno. Para visitar as regiões sombrias, aos mortaes defesas, colheu Enéas no bosque mysterioso o ramo de oiro protector. Mas onde ha ramo de oiro conhecido das sibyllas que seja melhor talisman do que a propria cruz de Christo? Empunhae a cruz, Gil Eanes, tende fé, e vereis dissiparem-se os vãos prestigios com que o demonio vos aterra. Ai! continuou elle exaltando-se, sonhei que aos portuguezes estava reservada a gloria de alargar

os limites do mundo conhecido, de derramar a luz no Oceano! Acreditae-me! Deus não condemnou a sua propria obra, tornando inhabitavel uma tão grande porção do planeta onde collocou o homem; e, quando o exilou do paraizo, deu-lhe ao menos a terra inteira para morada. Aos pagãos da antiguidade, que o blasphemavam, que estavam ainda debaixo do peso do peccado original, negou elle o conhecimento do mundo; mas, se Christo veiu para nos redimir, porque não nos conduzirá tambem de novo ao paraizo terrestre? A columna de fogo não guiava os israelitas á terra promettida? Quem sabe se a doce estrella do Calvario não nos deve guiar tambem á radiosa habitação dos nossos primeiros paes? Confiados n'ella, vamos trilhando o caminho espumoso do pelago! A estrella dos reis magos conduziu-os ao berço da humanidade! E que gloria para Portugal, se fossemos nós o povo escolhido! Encurralados entre o mar e Castella, parece que nos quiz Deus negar a faculdade de respirarmos livremente; quem sabe se nos deu isso antes como incitamento para desafogarmos pelo Oceano? A empreza é digna de nós, Gil Eanes, que somos filhos dos heroes de Aljubarrota. Vejo a cada instante partir cavalleiros portuguezes para se illustrarem com feitos d'armas em terras estrangeiras. Lá andou por Borgonha, França e Italia, Soeiro da Costa, o nosso valente alcaide de Lagos; lá andou por Inglaterra D. Alvaro Vaz de Almada; andou tambem por Allemanha o meu irmão D. Pedro. Praticaram generosas façanhas? Quem as não pratica na Europa? Valentes cavalleiros tem

meu cunhado Filippe, o duque de Borgonha; valentes cavalleiros pelejam á sombra da bandeira de Carlos VII de França; briosos fidalgos tem na sua côrte meu primo Henrique VI de Inglaterra. Todos aparam e distribuem cutiladas. Mas qual d'elles ousaria medir-se com os perigos do Oceano? Talvez nenhum. Pois essas emprezas, diante das quaes os outros recuam, eram as que nós deviamos tentar. Fomos embalados com o rugir da vaga, affrontemol-a peito a peito, e saibamos arrancar-lhe do seio as perolas que lá jazem occultas.

— Que grande sois, senhor! exclamou Gil Eanes como que aterrado.

— E entretanto, continuou o infante, os meus presentimentos não me enganam. Ilhas a que talvez já os nossos portuguezes abordaram quando meu bisavô Affonso IV enviava os seus marinheiros ás Canarias, e de certo mais longe ainda, appareciam vagamente designadas nos mappas; suppuz que essas ilhas não estavam alli por acaso, enviei cavalleiros meus a demandal-as, e Zarco arrancou-me das ondas aquella preciosa Madeira, e Gonçalo Velho lá me anda desentranhando do alto mar novas ilhas, que serão talvez um archipelago. Para além do Bojador, Gil Eanes, não traçam os mappas senão linhas confusas. Não poderei eu substituil-as pelos contornos reaes da costa africana? Essa gloria que eu sonhava não me estará reservada? Oh! de certo que hei de realisar o meu sonho. Lançar-me-hei eu sósinho com um piloto no primeiro batel que se me deparar, e verei se a fortuna de Cesar virá tambem poisar a mão no leme do meu barco.

— Oh! senhor! exclamou Gil Eanes.

— Talvez então me sigam os que hoje tremem, continuou o infante; quando diante de Ceuta houve soldados portuguezes que ousaram duvidar da bravura de um filho do mestre de Aviz, jurei que seria eu o primeiro ou o unico a saltar em terra, porque não me importava saber se me seguiriam ou não. Atropellaram-se todos nos bateis para me acompanharem; mas talvez hoje não succedesse o mesmo, porque os soldados de Ceuta, que não tremiam diante dos moiros, tremem diante de phantasmas que só deviam amedrontar crianças.

— Oh! não será assim, senhor, bradou Gil Eanes exaltado, não precisareis de tal. Aqui vos juro em presença do Oceano que demandarei o cabo Bojador, e que só voltarei a Portugal depois de o ter dobrado, ainda que todos os demonios do inferno estejam apostados a impedir-me a passagem.

O som rouco do mar, quebrando nas penedias, dava uma solemnidade terrivel a esse juramento, que o leão das aguas era obrigado a testemunhar.

— E's um bravo, disse elle.

— Senhor, tornou o marinheiro beijando-lhe a mão, se a minha barca não tornar, quando o Oceano soar assim tristemente batendo nos rochedos de Sagres, se vos parecer ouvir uns gemidos vagos entre o referver das ondas, rezae um Padre-Nosso por alma do vosso servidor.

O infante só respondeu estreitando-o nos braços.

Descêra a noite; mas o mar aplacára as suas furias, e no céo estrellado parecia sorrir a esperança.

II

O QUARTO DA MADRUGADA

LÁ vae a fragil barca sulcando as ondas do mar africano; já lhe fica pela pôpa o cabo de Não, balisa fatal das navegações da edade média. Já lá fica tambem longe a mesa do cabo de Não, alta montanha que se levanta no meio do longo areial d'essa costa, como unico ponto de reparo em que se póde demorar a vista dos navegantes.

Vae quasi a findar a noite, mas nem só a gente de serviço está desperta; ninguem dorme, e toda a tripulação, agrupada á prôa, conversa em voz baixa, olhando com terror para a costa onde pallidos reflexos scintillam entre a névoa produzida pela resaca, alli fortissima, da onda.

E' a lua que se vae a sumir, e que faz brilhar, antes de desapparecer no horisonte, as areias da praia.

Sentado á pôpa, envolto n'um amplo manto moirisco chamado *alquice*, divisa-se um vulto pensativo; é o vulto de Gil Eanes.

Nada ha, comtudo, que pareça infundir terror; sopra brandamente o vento de feição, a onda quebra preguiçosa no costado da barca, e no ceo azul e sereno scintillam as estrellas.

O Oceano embala no dorso das suas vagas a barca aventureira; dir-se-hia que o luar dorme recostado no leito de espumas que branqueia.

Mas o terror transluz na physionomia e nas fallas dos marinheiros agrupados á prôa.

— Lá vae a costa parece que a desfazer-se, dizia em voz baixa um dos algarvios, relanceando a vista para a terra, que mal se distinguia entre a névoa da resaca; quando chega ao Bojador some-se de todo, e está-se no mar das trevas.

Um calafrio correu pelas veias dos circumstantes.

— Já houve imprudentes que o demandaram, exclamou um velho marinheiro de voz auctorisada e grave; foram portuguezes tambem; as aguas eram negras como breu, as ondas referviam e erguiam-se como montanhas; os nossos patricios fizeram o signal da cruz e investiram para diante; nunca mais se soube d'elles; um barinel que não se atreveu a avançar voltou a Portugal, mas ninguem na nossa terra conhecia os maritimos; tinham ido na flor da mocidade, voltavam de cabellos brancos.

— Credo! bradou um moço de Lagos, passando involuntariamente a mão pelos cabellos negros, e lem-

brando-se da noiva gentil, que lhe dera ao embarcar, lavada em lagrimas, o beijo da despedida.

— Mas, ó sr. Lourenço Dias, tornou o primeiro que fallára, como estivestes lá nos reinos do Norte, haveis de saber a historia de um santo, que dizem que andou por esses mares, e que chegou até ao paraizo de Deus.

— E' verdade, tornou Lourenço Dias, o Nestor da assembléa; quando eu fui á Irlanda, a Galway, ou como demonio se chama a terra do tal loiraça que foi criado do sr. infante, os marinheiros irlandezes contaram-me a historia de S. Brandão.

Todos se acercaram com curiosidade.

— Chegou ao paraizo, isso é que não tem dúvida; mas o que passou antes de lá chegar? este mar está semeado de ilhas que pertencem a Satanaz, e onde os que lhe entregaram as almas soffrem as penas do inferno. N'uma estava sósinho Judas o traidor; n'outra não se ouviam senão gemidos e prantos; sentiam-se n'outra as patadas de cavallos de fogo, que galopavam sempre, sempre, montados por infelizes que soltavam gritos horriveis. S. Brandão, como era santo, zombou do cão tinhoso, e chegou a uma ilha resplandecente, que era o paraizo, onde cantavam passaros de oiro, azas de prata, peito de purpura e de açafrão; quando voltou á Irlanda, trazia ainda no fato um aroma suave, que bem se percebia não ser da terra.

Os marinheiros olharam uns para os outros enlevados.

— Quem me dera lá ir tambem! disse o enamorado moço de Lagos.

— Tu és santo? redarguiu Lourenço Dias. Se és santo, arrisca-te; mas olha que primeiro deves fazer voto de castidade.

O interpellado torceu o nariz e não replicou.

O vento refrescára com a aproximação da madrugada, e os seus gemidos funebres assimilhavam-se aos queixumes das almas penadas; muito ao longe ouvia se um som rouco e mal distincto, como do mar quebrando com furia nos rochedos.

A companha caíra em silencio profundo; mas o terror pintava-se em todas as physionomias.

O vento gemia lugubremente nas enxarcias; o mar tingira-se de um vermelho escuro; parecia ter perdido a liquidez, e na superficie baça das vagas ficára por largo espaço traçada a esteira da barca aventurosa.

Os marinheiros contemplavam com terror esse phenomeno, cuja causa é conhecida hoje de todos os navegantes; para o sul do cabo de Não, a muita areia soprada pelo vento do deserto avermelha as aguas do Oceano e torna-as espessas; mas os marinheiros de Gil Eanes julgavam que era um prenuncio da approximação do mar Tenebroso.

De repente levantaram-se todos, exclamando:

— Jesus!

O navio corria com uma velocidade pasmosa.

— E' a corrente, é a corrente do Bojador! exclamou um dos marujos.

— Estamos perdidos, bradou o enamorado.

— Vira de bordo, vira de bordo, gritou Lourenço Dias com voz clara, mas trémula.

Os marinheiros já corriam á manobra.

Porém Gil Eanes desembuçára-se com presteza, e luzia-lhe na mão a espada.

— O primeiro que dá um passo morre, disse elle.

Todos estacaram.

— Não morre ninguem, acudiu Lourenço Dias recobrado do primeiro assombro; o navio já vae levado pela corrente para o mar das Trevas; não nos importaria perder as vidas, mas não queremos perder as almas.

— E' verdade, é verdade, bradaram os outros.

Gil Eanes abaixou a espada com melancolia.

— Ide pois, disse elle, já que tendes animo para apparecerdes diante do sr. infante sem terdes cumprido a vossa promessa; mas antes d'isso lançae-me um batel ao mar, e deixae-me ir sósinho demandar o Bojador.

— Sósinho! exclamaram os marinheiros.

— O que prometti hei de cumpril-o; terei por mortalha as vagas, mas o infante D. Henrique não me dirá, ao menos, quando eu voltar: «Sois perjuro e sois covarde.»

— Covarde!

— Covarde, sim; porque tão covarde é quem recúa diante do inferno quando se trata de servir a Christo, como quem recúa diante dos inimigos quando se trata de servir el-rei.

Houve um momento de silencio.

— Deus tenha piedade das nossas almas! disse em fim Lourenço Dias. Invistâmos com o Bojador!

O navio continuava a correr, impellido pelo vento, com a mesma velocidade; o costado gemia, quando a barca se inclinava toda, obedecendo á pressão da vela.

— Animo, meus bravos companheiros! exclamou Gil Eanes. Deus é comnosco. Todos a postos.

Os marinheiros chegaram para a manobra. O ruido do mar, quebrando ao longe com furia, era cada vez mais distincto; o referver das ondas indicava a aproximação do promontorio; a barca jogava com violencia.

Ouvia-se o murmurio das orações que todos rezavam n'este momento supremo; Gil Eanes, pallido mas firme, encostado ao mastro da barca, preparava-se para montar o cabo.

De subito divisa-se ao longe uma enorme lingua de terra que entra pelo mar a grande distancia; as ondas refervem n'um vortice medonho, ouve-se o estampido do Oceano quebrando com furia nos rochedos, e vê-se uma nuvem de espuma que tolda ao longe a fronte pouco elevada das dunas de areia.

— O Bojador! o Bojador! exclamam todos pávidos, caíndo de joelhos.

— Coragem, amigos! brada a voz sonora de Gil Eanes, dominando o rugir do Oceano e o sibilar do vento. Coragem! o nosso nome será grande no futuro, e nossos netos hão de se gloriar de terem por antepassados os companheiros de Gil Eanes!

E, excitado por uma verdadeira febre de enthusiasmo, o bravo marinheiro commanda a manobra. Muda de rumo para oeste e segue longo tempo essa direcção,

coisa que sempre assustava os mareantes d'esse tempo. A sua voz, em que não se conhece a minima alteração, e que vibra cheia e sonora no meio dos rumores do Oceano, infunde animo em todos os marujos.

Está-se já proximo da extrema ponta occidental do cabo. Reina silencio absoluto na embarcação. A' luz dubia da madrugada parece mais desmaiada ainda a pallidez de todas as physionomias.

Gil Eanes descobre-se vagarosamente.

— Senhor, diz elle com voz grave, é só para mais longe plantarmos a arvore da cruz que ousamos devassar os mysterios do Oceano. Se vos agrada a nossa tentativa, protegei-nos, Senhor; mas se involuntariamente vos offendemos, acolhei-nos na vossa misericordia, Deus Omnipotente!

— Misericordia, Senhor! bradou a companha, caíndo de joelhos.

Um ultimo impulso do leme quebrára o velho encanto. Estava dobrado o cabo Bojador. Todos se ergueram soltando um grito de enthusiasmo.

O sol surgira a final do oriente, e o seu alegre resplendor mostrava aos espantados marinheiros a terra ondulada e arenosa que seguia para o sul do famoso promontorio; até onde a vista podia alcançar para o lado do Oceano viam-se espumar as ondas alegres e luminosas; na terra nem sombra de estatuas, no mar nem vestigio de negras vagas. O sol banhava-se com delicias no seio esverdeado das aguas, e os seus raios brincavam á flor da espuma como scintillantes golphinhos.

— Graças vos sejam dadas, Senhor! exclamou Gil Eanes em quanto a barca, aplacada a velocidade da corrente, seguia, embalando-se airosa, para ir fundear n'um ancoradoiro proximo.

E ajoelhou. Um rio de lagrimas corria-lhe pelas faces bronzeadas.

De tantos marinheiros rudes que o acompanhavam, não houve um só que não chorasse; mas eram prantos de alegria.

Estava montado o cabo Bojador; estava praticada a maior façanha da historia moderna, maior não pelo que em si valia, mas pelas consequencias que viria a ter. Diante da audacia de Gil Eanes caíra a terrivel porta que tinha cerrada para a civilisação metade do globo terrestre. Agora os outros que seguissem o caminho que elle traçára: estavam quebrados os encantos, desfeitas em pó as estatuas mysteriosas que a imaginação dos arabes alli erigira como guardas de desconhecidos mundos.

III

AS ROSAS DE SANTA MARIA

Os marinheiros que passassem n'esse anno de 1434 á vista do cabo de S. Vicente podiam divisar todas as tardes, ou estivessem o mar e o céo serenos, ou a onda quebrasse com furia nas penedias da costa, e o vento soprasse rijamente, açoitando as arvores infezadas de Sagres, um vulto immovel n'este ultimo promontorio, mirando com olhos longos o extremo horisonte, onde se atropelavam as ondas como a espumante matilha do Scylla do paganismo.

Era o infante D. Henrique, duque de Vizeu, que vinha todos os dias espreitar a volta da barca de Gil Eanes.

E todos os dias voltava suspirando a palacio, porque nenhuma véla branca surgia no horisonte distante.

Uma tarde em que o sol se escondia nas aguas, escoltado por um cortejo magnifico de nuvens de purpura e oiro, mas em que o vento agudo, encrespando a face das ondas, arripiava as carnes, D. Henrique voltava, cançado de esperar, ao seu palacio, deixando que o sol se atufasse nas aguas sem o ter a elle por espectador.

Quando se retirava, murmurou com um suspiro:

— Meu pobre Gil Eanes!

— Quem passar o cabo de Não ou voltará ou não, disse sentenciosamente um dos seus companheiros.

O infante fez um gesto de impaciencia, e tornou a fitar de novo os olhos no Oceano.

Subito soltou um grito.

— Que ponto branco é aquelle que eu diviso além? perguntou D. Henrique apontando para sudoeste.

— E' uma vela, senhor, é uma vela! acudiu um dos pilotos de que elle sempre andava rodeado.

— E' a barca de Gil Eanes! exclamou o infante com um grito de alegria.

O navio aproximava-se, e o sol poente, banhando-o com os seus ultimos raios, transformava-o n'uma d'essas galés doiradas com velas de purpura que deslisavam no Archipelago ao longo das plagas resplandecentes da Grecia.

— E' ella! bradaram todos com enthusiasmo.

— Meu bravo Gil Eanes! exclamou o infante.

Correram todos á praia.

Como se ha de descrever a scena de alegria, de enthusiasmo, que alli se passou, quando a barca lançou

ferro ?! N'um momento se viu rodeada de botes, e no convez não cabiam os visitantes que se atropellavam. A confusão era inacreditavel, mas póde-a conceber quem se lembrar de que a tumultuosa assembléa se compunha pela maior parte de algarvios.

Entretanto Gil Eanes desembarcava e era recebido nos braços do infante.

— Senhor, disse elle, a minha promessa está cumprida; foi dobrado o cabo Bojador. A terra para além do promontorio é arenosa, e n'ella não encontrei nem rastos de homens, nem de habitações. Para prova, comtudo, da minha estada lá, aqui vos trago estas rosas de Santa Maria, colhidas ao sul do Bojador. Dissestes-me que Enéas colhera o ramo de oiro para penetrar nas regiões do inferno; estas rosas, que teem o nome da Virgem Santa, valem de certo mais do que o ramo de oiro da profana sybilla. Aqui vol-as entrego, senhor.

— Ah! meu valente Gil Eanes! exclamou o infante apertando-o nos braços; perante os teus feitos como desmaiam as acções do troyano Enéas! Se esta terra não fôr mais escassa de poetas do que de heroes, haverá um Virgilio para cantar tão gloriosas viagens; e, se a posteridade não fôr ingrata, o teu vulto, lavrado em marmore, ha de lembrar sempre ao mundo a heroica façanha com que soubeste grangear a immortalidade.

E, encostando-se-lhe ao braço, dirigiu-se, conversando sempre, para o palacio da sua residencia.

Enganava-se o nobre infante. Não faltou um Virgilio,

aos navegadores portuguezes, pois que tiveram Camões; mas onde campeia a estatua de D. Henrique? do glorioso iniciador dos nossos descobrimentos? do homem a quem mais deveu a patria? de um d'aquelles a quem mais deveu o mundo? E, se foi olvidado o homem do pensamento, como o não seria tambem o homem da acção? Somos pobres, e não estranhamos que, onde ha tantos heroes a reclamarem o pagamento de uma divida, faltasse uma estatua a Gil Eanes; mas o heroe, que primeiro montou o pavoroso promontorio, não merecia que ao menos a geração que se lhe seguiu indagasse onde lhe repousavam as cinzas? Fomos grandes outr'ora, somos hoje pequenos, mas, pequenos ou grandes, uma coisa fomos sempre: ingratos! [1]

[1] Reimprimindo esta narrativa historica no anno de 1894, é-me agradavel dizer que n'este anno a cidade do Porto, patria do grande infante, celebrando em maravilhosas festas o seu centenario, e erigindo-lhe n'uma das suas praças a sua estatua, resgatou a divida da patria, e apagou a nota da ingratidão.

INDICE

O naufragio de Vicente Sodré

A galveta de Antonio Moniz

A passagem do Bojador

F. J. CALDAS AULETE

DICCIONARIO CONTEMPORANEO

DA

LINGUA PORTUGUEZA

FEITO SOBRE UM PLANO INTEIRAMENTE NOVO

2 vol. com 1900 paginas, já á venda.
Encadernados 10$000 réis

Este diccionario, que sem exaggero se póde qualificar como o melhor que até hoje se tem publicado, — sob todos os pontos de vista, — é precedido de um largo prologo onde o sr. Caldas Aulete expõe e desenvolve o plano a que a obra obedece, fazendo ao mesmo tempo a analyse dos outros diccionarios portuguezes. Eis alguns trechos d'esse prologo, que é não só um trabalho critico e scientifico de verdadeiro valor, como um curioso estudo sobre os mais bem conceituados diccionarios, aquelles em que até aqui o publico depositava mais confiança:

Os diccionarios portuguezes geralmente adoptados no uso e no ensino são machinalmente copiados uns dos outros, tomando para base o *Vocabulario portuguez* do padre Rafael Bluteau, que tem proximo de dois seculos de existencia. O resultado é que transcrevem para os termos technicos as definições que lhes deu aquelle laborioso lexicographo, segundo os preconceitos scientificos da sua epocha, e para os mais vocabulos acepções, umas vezes erroneas, outras deficientes, omittindo aquellas a que o progresso os tem applicado, e que são hoje moeda corrente.

Os diccionarios a que nos referimos inscrem os nomes dos corpos simples que antigamente se conheciam, definidos com todos os ridiculos preconceitos da velha

sciencia, e omittem os d'aquelles que o progresso tem descoberto!

Abrindo os diccionarios de melhor nota lemos:

»*Azote*, s. m. A materia primeira do metal.» — *(Moraes.)*

Azote não é materia primeira do metal, é um gaz incolor, inodoro, sem sabor, que entra por 0,79 na composição do ar atmospherico.

»*Manganez*, metal muito solido da côr do ferro amarellado.» — *(Lacerda.)*

Aqui não podemos deixar de collocar a seguinte observação puramente incidental: Se o manganez tem a côr do ferro, quando elle é amarellado, não faria melhor o sr. D. José de Lacerda em o comparar com alguma cousa que de sua natureza fosse amarellada, como uma folha resequida do outono ou um enfermo atacado de ictericia?

«*Antimonio*, corpo composto de enxofre e azougue.» — *(Lacerda.)*

O antimonio é um corpo simples.

. . . .

Em mechanica não apresentam mais exacção:

«*Machina*, artificio com que se facilita o movimento para levantar.» — *(Roquete.)*

»*Alavanca*, varão de ferro ou de qualquer outra materia solida, com uma ponta da feição da cunha, e da outra parte um bico.« — *(Lacerda.)*

Os que conhecem as variadissimas fórmas que póde ter uma alavanca, sorriem de certo ao ler a ridicula definição do illustre academico.

«*Alavanca*, varão de ferro ou de outra qualquer madeira solida com que se levantam pesos.» — *(Roquete.)*

Aqui ha evidentemente erro typographico, porque a madeira não é ferro, nem póde deixar de ser solida.

Em medicina, as definições apresentadas pelos nos-

sos diccionaristas representam em geral a ignorancia da idéa, alliada ao burlesco da fórma, ou a mais desbragada sordidez de phrase acompanhando o grotesco da idéa. Citaremos alguns exemplos, pedindo para isso previamente venia aos nossos leitores.

«*Sarna*, s. f. erupção de grãosinhos, cheios de aguadilha, que causa grande coceira.» — *(Lacerda.)*
«*Sarna*, s. f. doença que consiste n'uns grãosinhos que vem á pelle, muito comichosos...» — *(Moraes.)*

O restante da definição não se póde transcrever sem offensa do pudor.

«*Tisica*, s. f. doença causada de chaga no bofe.» —*(Moraes.)*
«*Tisica*, s. doença causada de chaga no bofe.«— *(Roquette.)*
«*Glandula*, porção de carne esponjosa que serve de attrahir e separar o sangue dos vasos contiguos.» — *(Lacerda.)*
«*Inanição*, s. f. vacuidade de algum vaso do estomago, falto de liquido ou corpo que o encha.» — *(Moraes.)*
«*Fuligem*, s. f. entre os medicos é vapor, que de escrementos adultos se levanta á cabeça para nutrir os cabellos.» — *(Moraes.)*

Não alongaremos este vergonhoso quadro; de sobra é elle já para nos demonstrar a ignorancia e a falta de consciencia com que os termos scientificos se acham definidos.

Não apresentam mais exacção nos termos das instituições politicas.

Definem:

«*Moderador*, o que modera.» — *(Roquette, Lacerda* e *Moraes.)*

E guardam sobre a usual expressão — *poder moderador* — um tal silencio, que parece que a carta constitucional ainda não foi promulgada.

Definem:

«Constitucional, que pertence á constituição.» — *(Roquette, Lacerda* e *Moraes.)*

Esquecem-se da expressão — *monarchia constitucional,* — e do nome dos partidarios dos governos monarchico-liberaes.

«*Preboste*, s. m. hoje é o executor de alta justiça dos regimentos.» — *(Moraes.)*

No exercito portuguez não ha prebostes.

«*Litro*, equivale a uma canada e quarto ou pinte de Paris.» — *(Lacerda.)*

Não chega lá.

«*Estampilhas*, laminas de cobre em que estão abertas letras; notas de musica para se estamparem em papel.» — *(Roquette.)*

Ao ler esta definição fossil — permitta-se-nos a phrase — dir-se-ha que as estampilhas de franquia para o correio estão ainda envoltas nas brumas do futuro.

»*Sello*, lamina, peça metallica em que estão gravadas as armas de um principe.»

E não nos falam dos sellos em papel, como signal do imposto denominado do sello.

Outra falta, e não pequena, é a deficiencia com que alguns termos são definidos.

Exemplifiquemos:

«*Achetos*, s. m. (h. n.) o mesmo que orthópteros.» — *Roquette.)*

Ora partindo do incontestavel principio, que um diccionario deve inserir todas as palavras de que faz uso, seria de esperar que o termo *orthoptero*, demais a mais pouco empregado na linguagem commum, apparecesse definido no diccionario de Roquette. Apesar d'isso, o consultor d'esse livro, peza-nos dizel-o, se procurar aquella palavra, passará pela desillusão de a não encontrar.

«*Hera*, s. f. arbusto conhecido.» — *(Idem.)*
«*Bexigas*, doença conhecida.» — *(Idem.)*

Como se os arbustos e as doenças não conhecidas podessem ser definidas!

Frequente é encontrar um termo explicado pela mesma palavra, o mesmo pelo mesmo. Este methodo consiste em remetter o leitor, por uma evolução altamente comica, para o mesmo vocabulo cuja significação procurava saber. Melhor se comprehenderá este systema adduzindo alguns exemplos, que os nossos diccionaristas complacentemente nos fornecem em abundancia:

«*Gallinha*, a femea do gallo.» — *(Roquette.)*
«*Gallo*, macho da gallinha.» — *(Idem.)*

Tendo aberto aqui um breve parenthesis para apontarmos á profunda admiração do leitor os desenvolvidos conhecimentos ornithologicos do conego Roquette, passaremos a transcrever mais um exemplo do seu diccionario:

«*Senador*, membro do senado.» — *(Roquette.)*
«*Senado*, corpo de senadores.» — *(Idem.)*

Isto será serio?

«*Perytoso*, que contém perytes.» — *(Lacerda.)*

Esta orthographia não pecca por demasiado correcta. Accresce a circumstancia de se não encontrar em Lacerda a definição de *pyrites*.

Entretanto, como o leitor já conhece o commodo systema de definição dos nossos diccionaristas, poderá supprir a falta, redigindo *in mente* a seguinte explicação: *Pyrites*, corpo pyritoso.

Moraes, esse, não seguiu n'este ponto as pisadas dos seus collegas, pelo menos em parte. Abrindo o seu diccionario, lemos o seguinte:

«*Duqueza*, mulher do duque.»

Como se uma duqueza não podesse ser viuva ou mesmo solteira!

Attendendo comtudo á habitual sordidez de phrase d'aquelle auctor, e ao seu profundo desprezo pelas incommodas conveniencias sociaes, ainda teremos a agradecer-lhe não nos dar definições por este teor:

> «*Duque*, macho da duqueza. — *Duqueza*, femea do duque.»

Roquette e Lacerda definem:

> «*Baroneza*, mulher do barão.»
> «*Barão*, homem forte e valoroso, homem de merecimento notavel.»

Não iremos ressuscitar as pungentes satyras do visconde de Almeida Garrett sobre este titulo, mas sómente nos permittimos duvidar que todos os barões sejam homens illustres. Hoje escreve-se *varões* quando se quer fallar d'esses homens notaveis, que Roquette calumnía, chamando-lhes *barões*.

Além d'estes erros e deficiencias imperdoaveis, ha outros que difficultam immenso a intelligencia das definições: é a falta de exemplos que as illucidem, e que ensinem ao mesmo tempo o emprego das palavras, — sendo certo que o diccionario sem exemplos é uma casa ás escuras, na imaginosa phrase empregada por um philologo moderno, para pôr em relevo a necessidade que têem os lexicographos de exemplificar as suas definições.

Se em geral os nossos diccionarios são deficientes, justo é dizer-se que nenhuma falta n'elles se encontra quanto a termos torpes, obscenos e offensivos da moral e do decoro. Este abuso, adoptado por todos os nossos lexicographos, desculpar-se-hia n'um grande vocabulario, especialmente destinado aos homens de lettras; mas é de todo o ponto reprehensivel n'uma obra escripta para uso da mocidade.

Se a pedagogia recommenda que se afaste a juven-

tude da convivencia de pessoas a quem possa ouvir termos torpes, não será porventura contradictorio, que se ponha ao seu alcance uma desenvolvida collecção d'esses termos no diccionario do idioma natal, cem vezes mais perigosa pelo accessorio das definições e pela auctoridade do diccionarista, do que pela sua simples audição?

A'cerca d'estes termos relevem-nos os leitores de não apresentarmos exemplos.

O diccionario da lingua portugueza, cuja publicação hoje encetamos, não contém nenhum d'esses vocabulos offensivos do pudor.

Sobre a etymologia das palavras, os nossos lexicographos não se mostram mais habilitados. A phantasia e o palpite parece terem determinado grande parte d'ellas. Demonstramol-o praticamente por meio de exemplos:

> *Bruxolear, bruxo* e *olhar*, ir olhando e vendo devagar e mysteriosamente como adivinho quando consulta as cartas para lêr a sina.» — (*Lacerda.*)

Os que conhecem que a fórma antiga de *bussola* era *bruxola*, vêem que este termo é o radical de bruxolear, verbo de significação frequentativa, qae se emprega em sentido figurado, para representar o movimento oscilatorio que as luzes apresentam, mórmente as alampadas, no acto de se extinguirem, ou quando o vento as agita.

> «*Burro*, do grego *purros*, ruivo, por ser esta geralmente a côr dos burros.» — (*Idem.*)

D'esta definição se conclue que o illustre prelado nunca os viu senão esfolados ou de loiça das Caldas.

> «*Chaga*, do persa *xaga*, ferida, cortadura; em egypcio *xat*, significa cortar, e *xaxi*, ferir.» — (*Lacerda.*)
>
> «*Chaga*, do persa *xaga*, cortadura, ferida ou nascida.» — (*Moraes.*)

Este termo é de origem directa do latim *plaga,* mudando o *pl* em *ch*, permutação frequentissima; *plumbo,* chumbo; *pluvis* chuva; *planus*, chão, etc.

. . . .

Por falta de espaço não podemos fazer mais transcripções d'este bello prologo, que occupa 23 paginas no DICCIONARIO a que nos referimos, e que, em seguida aos confrontos e á critica que faz dos diccionarios até hoje publicados, expõe e desenvolve admiravelmente, como já dissemos, as bases sobre que assenta esta obra, tanto na parte relativa á etymologia e formação das palavras, como á parte morphologica, á parte prosodica, e á parte puramente de definição, ou explanação, segundo as accepções actuaes de cada vocabulo.

OBRAS DE

J. P. Oliveira Martins

EDITADAS PELA

Livraria de Antonio Maria PEREIRA

50, 52, Rua Augusta, 52, 54, Lisboa

A vida de Nun'Alvares

(HISTORIA DO ESTABELECIMENTO DA DYNASTIA DE AVIZ EM PORTUGAL)

1 vol. de quasi 500 pag., in 4.º, adornado de 35 desenhos, br. 2$000 rs. Cartonado, 2$400 rs. Explendidamente encadernado, 3$200 rs.

Titulos dos capitulos:

Advertencia. — Capitulo I, O prior do Hospital. — II, O fim da dynastia. — III, O Messias de Lisboa.— IV, A guerra. — V, O throno de Aviz. — VI, Aljubarrota. — VII, Valverde. — VIII, Os inglezes.—IX, A sociedade nova. — X, O Santo Condestavel. — XI, Fr. Nuno de Santa Maria.

Appendices: A, Chronologia. — B, Bibliographia. — C, A canonisação do Condestavel.

«Ao findar a leitura d'este livro — leitura rapida, quasi precipitada e sofrega, que se accelerava de pagina para pagina, pela crescente ancia de o conhecer todo da primeira á ultima folha, da primeira á ultima linha — uma coisa particularmente me deixou em pasmo: — o não haver ainda sentido em volta de mim, n'esta nossa imprensa tão prompta á consagração de assumptos minimos, algum rumor, algum alvorotado

movimento de interesse que concitasse a attenção dos indifferentes para uma obra que tão victoriosamente se impõe á nossa admiração e aos nossos applausos.

O que me surprehendeu foi que, salvo uma ou outra excepção, não houvesse corrido na imprensa portugueza, sobre que infelizmente parece continuar pairando esse *genio tutelar das bagatelas*, de que fallava o poeta, um fremito unanime de enthusiasmo, d'este enthusiasmo que, ante uma altissima obra d'arte, acode do coração aos labios, irrecalcavel e transbordante.

E pensei — porque outra explicação não era acceitavel sem desprestigio para os homens de lettras portuguezes — que pouquissimos d'entre elles leram ainda o trabalho notabilissimo (e quando digo notabilissimo, não quero dizer impeccavel) do sr. Oliveira Martins. Trabalho difficil e complexo de resurreição historica, de que na litteratura portugueza só os *Filhos de D. João I* constituem precedente logico, obra em que o coração por egual collaborou com a intelligencia, quero acreditar que não esteja isenta de infidelidades na pormenorisação de factos, de exageros de sympathía pessoal e de predilecção artistica, que muito naturalmente adulterariam a firmeza d'um juizo, que ante o grande vulto do condestavel portuguez, não logrou conservar toda a sua frieza, e por conseguinte toda a sua serenidade critica.

Não esperava, claro está, que já se houvessem elaborado longas dissertações, prenhes de reparos profundos, copiosos de revelações inauditas, escalpellisando, palavra a palavra, um grosso volume de perto de 500 paginas, como é o da *Vida de Nun'Alvares*. Nem para tanto sequer haveria tempo, decorrido, como é, apenas um escasso mez desde o seu apparecimento.

Mas o que não podia negar-se, o que não podiam nem deviam negar todos os que empunham uma penna e pretendem ser escutados por um publico, era este primeiro desafogo de prazer e de vaidade que devemos

sentir ao ler na nossa lingua uma obra como esta, de tão larga e vigorosa envergadura.

Quando no primeiro numero d'esta *Revista* se annunciou o proximo apparecimento da *Vida de Nun' Alvares*, ao tempo ainda no prelo, escrevia-se: «Quem conhece os anteriores trabalhos de Oliveira Martins, as suas poderosas faculdades de evocação historica, as frescas e vivas côres com que a sua penna consegue pintar os acontecimentos que nos descreve, facilmente conjecturará que formoso livro ha de por sem duvida ser o que versa sobre um tão bello thema, o que tem por assumpto uma vida tão agitada como a do glorioso condestabre de Portugal, uma figura heroica de tão primacial grandeza como a do leal companheiro e amigo de D. João I.»

A leitura, agora completa, do volume, em que até, pelo que respeita á parte exclusivamente material, o editor documenta brilhantemente os progressos da livraria artistica da presente quadra, affirma, como certeza, o que então apenas se enunciára como previsão.

Nas breves palavras que servem de *advertencia* ao novo livro, o sr. Oliveira Martins explica a sua *maneira* de escrever historia accentuando a preferencia pela pintura synthetica e dramatica da vida das nações sobre a narrativa summaria da successão dos acontecimentos, e frizando ainda mais e melhor esta concepção, aliás já anteriormente definida na outra *advertencia* dos *Filhos de D. João I.*

«A historia — escrevia então o sr. Oliveira Martins — ha de ser sempre uma resurreição, e o seu processo mais adequado, o artistico ou synthetico. Ora a exemplificação d'este processo, de que o eminente escriptor relembra, como modelo, as vidas de Plutarco, se teve um primeiro e feliz ensaio nos *Filhos de D. João I*, tem agora uma execução integral e felicissima na *Vida de Nun' Alvares*.

Póde um tal processo offerecer reparos, principalmente porque impõe ao historiador a necessidade de se apaixonar a si proprio, para assim tambem melhor apaixonar o publico que o leia, pela disposição e estructura das situações theatraes que lhe desenvolva aos olhos. Mas, se não é este o mais seguro meio de dar a noção meticulosa e mesquinha dos factos, é-o sem duvida — e isto redime o escriptor d'algum venial peccado de inexactidão narrativa — de fixar a idéa geral d'uma epocha, a noção luminosa e clara d'um acontecimento, o contorno pronunciado e nitido d'um caracter. Ninguem todavia deixará de preferir á exposição morta de mumias inteiriçadas e inertes, a quente galvanisação de personagens e de scenas heroicas, que nos dêem, pelo calor e pelo alento que o historiador lhes influe, uma illusão de vida, e, com esta, se assim posso exprimir-me, uma verdadeira illusão de realidade. E na *Vida de Nun'Alvares* é tal o brilho das pinturas e o masculo vigor dos traços, que esses quadros não parecem, como tantos outros a que a vista nos anda acostumada, simples decorações de tapeçarias, frias e pesadas, mas gritantes illuminuras de velhos vitraes banhados de sol, offuscantes de colorido e de luz.

Se na *Historia de Portugal* o sr. Oliveira Martins pretendeu, como affirma, «realisar uma especie de pintura mural», onde se desenrolasse a tragedia portugueza nos seus momentos epicos, se n'essa historia o seu pincel, molhado em maravilhosas tintas, traçou quadros que lembram os grandes frescos de Giotto e de Orcagna, a figura do que elle chama o «Messias da patria portugueza» ergue-se como no templo romano a gigantesca e soberba estatua do *Moysés* de Miguel Angelo, larga e poderosamente talhada no magnifico marmore d'aquellas bellissimas paginas.

Se até aqui, ao percorrermos a galeria tão variada das hieraticas e proeminentes individualidades da nossa historia, deante de Nun'Alvares nos quedavamos

dominados pela audacia e pelo valor de que o santo condestavel foi a personificação mais lidima, heje, depois do trabalho do sr. Oliveira Martins, invade-nos um doce sentimento de uncção quasi religiosa — essa especie de adoração mystica que, melhor do que qualquer outro argumento, explica que o auctor chegou por vezes ao piedoso e communicativo fanatismo, que será talvez um dos defeitos, mas que é certamente uma das mais puras e innegaveis bellezas da sua formosissima obra.»

ALFREDO DA CUNHA *(Revista Nova)*.

Historia da Civilisação Iberica

3.ª edição; 1 vol. de XLI-320 pag. br. 700 reis, encadernado 900 réis

Introducção: O territorio — A raça — O caracter e a historia.—LIVRO I: *A constituição da sociedade:*— Invasões dos carthaginezes e romanos — Organisação da Hespanha romana.—LIVRO II: *Dissolução da Hespanha antiga:*—Constituição da monarchia visigothica — As instituições dos visigodos — A occupação arabe — Os mosarabes.—LIVRO III: *Formação da nacionalidade:*—Desenvolvimento espontaneo das nações peninsulares — Os elementos naturaes — Os elementos tradiccionaes — A monarchia catholica. — Livro IV: *O imperio da Hespanha:* — O genio peninsular — O mysticismo — Santo Ignacio de Loyola — Carlos V e o concilio de Trento — A descoberta das Indias — Camões — Causas da decadencia das nações peninsulares. — LIVRO V: *As ruinas*: — A peninsula nos seculos XVII e XVIII — O absolutismo. Carlos III e José I — A Hespanha contemporanea.

«E' um notabilissimo livro... tem paginas admiraveis

que, se as queremos comparar no rigor deductivo e na independencia, ás historias feitas, lembram-nos Gibbon.

Camillo Castello Branco *(Bibl. port. e estr.)*

«Es por su fondo y por su forma una produccion notable que haria por si sola la reputacion de su autor, si este no gosara ya, merecidamente, la de uno de los mas ilustrados escritores lusitanos de nuestro tiempo.»

(Revista européa, Madrid).

Historia de Portugal

(4.ª edição; 2 vol. de XI-317 e 329 pag.
—Encadernados, 1$800 réis

LIVRO I: *Descripção de Portugal:* — Os lusitanos —Fundamentos da nacionalidade — Geographia portugueza — A terra e o homem — A historia nacional. — LIVRO II: *Historia da Independencia* (DYNASTIA DE BORGONHA: 1109-1385) — A separação de Portugal— A conquista do Al-gharb — A monarchia e a justiça. — A crise. — LIVRO III: *A conquista do Mar Tenebroso* (DYNASTIA DE AVIZ: 1385-1500) — O infante D. Henrique — Portugal em Africa — O principe perfeito —Em demanda do Preste-Joham das Indias.—LIVRO IV: *A viagem da India* (1500-1640) — D. Francisco d'Almeida — Affonso de Albuquerque — D. João de Castro — Summario da derrota. Regresso ao reino. — LIVRO V: *A catastrophe* (DYNASTIA DE AVIZ, cont.: 1500-1580) — A côrte de D. Manuel — A inquisição (D. João III)—Jornada de Africa (D. Sebastião) — O Sebastianismo. — LIVRO VI: *A decomposição* (DOMINIO HESPANHOL: 1580-1640—DYNASTIA DE BRAGANÇA 1640-1777) — A educação dos jesuitas — Os Philippes — Portugal restaurado—As minas do Brazil (D. João V)— O Terramoto. O marquez de Pombal. — LIVRO VII: *A anarchia espontanea* (DYNASTIA DE BRAGANÇA,

cont.: 1777-1826)—A sociedade—A invasão francesa —1820—D. Miguel—A revolução liberal.—Appendices: Chronologia—Quadros genealogicos das dynastias nacionaes—Notas sobre a historiographia em Portugal.

«Uma obra que projectou um grande rastro de luz sobre o nosso movimento scientifico.»

Dr. Augusto Rocha (*Instituto*, de Coimbra).

«Temos finalmente uma historia portugueza que se ha de lêr».

Ramalho Ortigão (*Gazeta de Noticias*, Rio de Janeiro).

«Ha muito que não sae dos prelos portuguezes um livro mais serio, mais valioso, mais importante.»

Lobo d'Avila (*Revista de Coimbra*).

«Lê-se attentamente, porque a cada pagina se encontram inducções, panoramas, lances de vista que obrigam á reflexão... Em vez de pedestaes novos ás estatuas cyclicas da historia portugueza, dá-nos ressurreições.»

Camillo Castello branco (*Biblogr.*)

«The author endeavours to throw a critical light upon Portugueze history and rises to a lofty strain of eloquence... The sentiment of truth with which it is inspired gives it a high claim to public esteem.»

(*The Atheneum*, Londres).

O Brazil e as Colonias Portuguezas

(3.ª edição; 1 vol. de VIII-294 pag.—Broch. 700 réis —Encadernado, 900 réis)

LI ROI: *Formação das colonias na Africa e America:*—A descoberta e a occupação—A colonisação—A exploração dos sertões—As missões—Os jesuitas e

os indigenas no Brazil — A crise do Ultramar — Os hollandezes em Pernambuco.—LIVRO II: *Negros, assucar e ouro:* O trafico da escravatura — A escravidão no Brazil—O Estado do Maranhão—A expulsão dos jesuitas—O Brazil pombalino—A descoberta das minas — O ouro do Brazil—Constituição geographica da nação—As colonias africanas.—LIVRO III: *O imperio do Brazil:*— Historia da independencia — Geographia brazilica—A divisão do imperio—Os indigenas—A immigração africana e asiatica — A immigração européa — O desenvolvimento da riqueza.—LIVRO IV: *A Africa portugueza:* — Estatistica das colonias — O systema colonial africano—Os tres typos de colonias—As feitorias africanas e a concorrencia—As plantações e o trabalho indigena — A colonisação e a emigração portugueza — A emigração e a metropole. — LIVRO V: *A exploração do continente africano:*—Africa portentosa— As raças indigenas — A civilisação africana.

«E' um estudo profundamente meditado da historia da colonisação e dominio em uma parte da America do sul e nos outros pontos do globo.»

(Corr. de Portugal, Lisboa).

«Tem a grande vantagem de contribuir para o que nós chamaremos — a organisação das idéas e dos principios em Portugal... Grande copia de idéas cuja propagação é utilissima ao nosso paiz e ao nosso imperio americano.»

RODRIGUES de FREITAS. *(Commercio do Porto).*

«Obra consistente e de larguissimo interesse.»

SOUZA MONTEIRO *(O Atlantico).*

Portugal Contemporaneo

(2.ª edição; 2 vol. de XXII-411 e 467 pag., encadernados 2$400 réis)

LIVRO I: *A Carta Constitucional* (1826-28): — I. As esperanças jacobinas:—1. A morte de D. João VI —2. D. Pedro, brazileiro—3. Saldanha, o heroe.—II. A santa Alliança:—1. A guerra apostolica — 2. Metternich e Canning — 3. D. Miguel em Vienna — 4 A vinda do Messias.—III. O enfermo do occidente — 1. A fome — 2. Os partidos — 3. As classes. — IV. Fuit homo missus a Deo! — 1. O rei chegou!—2. Como a constituição morreu—Sic itur ad astra! — LIVRO II: *O reinado de D. Miguel* (1828-32): I. A sedição do norte — 1. A Junta do Porto — 2. Palmella. — 3. A Belfastada—4. A retirada para a Galliza.—II. O terror:—1. O rei enfermo—2. As forcas—3. As cadeias. —III. Portugal novo:—1. Os emigrados—2. A Terceira—3. A melhor das republicas. — IV. O principio do fim:—1. Influencia da revolução de julho — 2. Os conflictos inglez e francez — 3. O armamento da nação. — LIVRO III: *A guerra civil* (1832-34): — I. A aventura:—1. D. Pedro regente—2. A côrte de Paris — 3. Os voluntarios — 4. Belle-isle-en-Mer — 5. O exercito libertador.—II. As illusões perdidas: — 1. A recepção do Porto—2. Penafiel e Vallongo—3. Ponte Ferreira—4. Souto Redondo. — III. O cerco do Porto —1. O theatro da guerra — 2. O dia de S. Miguel — 3. D. Pedro, general d'inverno—4. Saldanha e a cholera — 5. A expedição do Algarve.—IV. A victoria: — 1. O cabo de S. Vicente — 2. Os ultimos dias do cerco — 3. D. Pedro em Lisboa — 4 Almoster-Asseiceira—5. A convenção de Evora-Monte. — V. Mousinho da Silveira:— 1. O ministro de D. Pedro— 2. A legislação da dictadura — 3. Critica do liberalismo. — LIVRO IV: *A anarchia liberal* (1834-39)—I. O regabofe—1. A sessão de 34—2. Os bens nacionaes— 3. O

Thesouro queimado — 4. A familia dos politicos — 5. Væ victis! — II. Passos Manuel — 1. A revolução de Setembro — 2. A Belemzada. — 3. As côrtes constituintes—4. As revoltas—5. As folhas caídas.—III. O romantismo—1. A Voz do propheta—2. A poesia das ruinas — O renascimento —4. A ordem.—LIVRO V: *O Cesarismo* (1839-51) — I. Costa-Cabral — 1. Os ordeiros —2. A restauração da Carta — 3. A Doutrina. —II. A reacção—1. A coalisão dos partidos—2. Torres-Novas e Almeida—3. A Maria-da-Fonte. —III. A guerra civil — 1. O 6 de outubro — 2. A Junta do Porto.—3. O Espectro—4. A primavera de 47.—IV. Os impenitentes—1. O cadaver da nação—2. O conde de Thomar.—LIVRO VI: *A Regeneração* (1851-68)— I. Alexandre Herculano — 1. A ultima revolta—2. O fim do Romantismo—3. O Solitario de Val-de-Lobos. II. A liquidação do passado — 1. A raposa e as suas manhas—2. A conversão da divida—3. Os historicos. — III. As gerações novas — 1. A iniciação pelo fomento—2. O iberismo—3. O socialismo—4. D. Pedro V. — IV. Conclusões— 1. As questões constitucionaes —2. As questões economicas—3. As questões geographicas.— Appendices: *A*, Chronologia —*B*, Os ministerios liberaes—*C*, Estatistica portugueza.

«Além de ter paginas primorosamente escriptas, é de uma exactidão consscienciosa quando se trata de factos positivos.»

A. DE SERPA PIMENTEL. *(Questões de politica.)*

«Trata os successos de hontem com a frieza que o historiador consegue adquirir para a apreciação de epochas distanciadas d'elle por seculos.»

(Corr. de Portugal, Lisboa).

«Uma purissima imparcialidade, uma nobre sede de verdade e de justiça são os unicos motores a que o espirito do author obedece no exame minucioso dos factos e suas causas.»

C. S. B. *(Jorn. do Com.*, Lisboa).

Elementos de Anthropologia

(3.ª edição; 1 vol. de XIII-268 pag.—Br. 700 réis —Encadernado, 900 réis)

INTRODUCÇAO.—LIVRO I: *A creação*:—A terra —A vida—O instincto—Genealogia do homem. —LIVRO II: *O anthropoide*:—O paraizo europeu—A vida nas arvores—A attitude erecta—Os documentos da transformação.—LIVRO III: *Caliban*:—As primeiras conquistas—O troglodita—A falla—O diluvio—LIVRO IV: *O selvagem*:—Chronologia paleontologica—O operario—O guerreiro—O artista e architecto—Os primitivos typos de europeus.—LIVRO V—*Os homens*:—As raças naturaes—Anthropologia e Ethnologia—O homem e a sociedade.—Noticia dos trabalhos do congresso de Lisboa.

«Satisfaz-nos o brilhante colorido das descripções, o calido vigor que soube insuflar n'aquellas paginas que se leem sem cansaço e alegremente. As phases mais notaveis e caracteristicas da vida d'este turbulento animal que se chama o homem, encontram-se cruditamente resumidas, concretisadas em capitulos scintillantes, poderosos.»

DR. AUGUSTO ROCHA. *(Coimbra medica)*.

«Como trabalho que se propõe agitar as questões e os pontos de vista scientificos do nosso tempo, merece da critica imparcial palavras de applauso.»

J. DE MATTOS (*Positivismo*, Porto).

«...Capitulos vivamente coloridos por um estylo elegante, formam uma leitura agradavel e que interessa de principio a fim, ainda mesmo para quem não adopta sempre o ponto de vista philosophico do author.»

L. WOODHOUSE *(Rev. de Coimbra.)*

As raças humanas e a civilisação primitiva

(2.ª edição) 2 vol. de LXXVIII-243 e 261 pag. Brochados 1$400 réis. Encadernados 1$800 réis.

INTRODUCÇÀO — I. A terra e os homens. — 1. A temperatura — 2. A alimentação — 3. A chorographia — 4. A paysagem — 5. A salubridade. — II. A civilisação e a natureza. LIVRO I — *Ethnographia geral:* — I. As classificações ethnogenicas. — II. Viagem á volta da terra — 1. Da Siberia ás Indias (mongolios e dravidas) — 2. De Malaka á Polynesia (malayos, papuas e australios) — 3. A Africa: do Cabo ao Mediterraneo (hottentotes, cafres, negros, nubios e afro-mediterraneos) — 4. Do Caucaso á India (mediterraneos da Asia) — 6. Da Groelandia á Terra-do-fogo (arcticos, americanos). LIVRO II — *As raças da Europa:* — I. As raças pre-historicas — II. A invasão aryana — III. Os italos-gregos — IV. Os celtas — V. Os germanos — VI. Os slavos. LIVRO III — *Stratigraphia ethnica* (Prolegomenos): — I. Os homens da natureza — 1. O pudor — 2. As relações sexuaes — 3. A alimentação. — II. Os barbaros — 1. A guerra — 2. A androphagia — 3. A morte — 4. A proto-escripta. — III. O homem social — 1. A casa e o templo — 2. Os numeros — 3. O alphabeto — 4. A moral — 5. Os cultos. LIVRO IV — *A civilisação mediterranea:* — I. Os imperios orientaes — II. Os phenicios — III. A era da pedra polida — IV. A éra do bronze — V. Conclusão — Bibliographia.

«A critica d'esta notavel obra de vulgarisação scientifica foi largamente feita, por occasião do seu apparecimento, em 1.ª edição, ha mais de dez annos. E os que d'ella se occuparam, embora alguns divergissem do auctor n'uma ou n'outra particularidade, n'um pon-

to concordaram sempre — no indiscutivel e real valor d'um trabalho de tal magnitude e largueza.

A presente edição vem acrescentada com um importantissimo appendice, essencial para o bom entendimento da obra, e no qual se contém a resposta do auctor ás censuras dos criticos.

Ahi o sr. Oliveira Martins tracta alguns pontos, em relação aos quaes julgou conveniente esclarecer os textos dos seus livros, e explica em resposta a alguem que lhe notára — *felix culpa!* — a viveza de certos quadros pintados pelo eminente historiador, a sua *maneira*, accusada de pouco didactica pelo referido censor.

«A minha *maneira*, escreve o sr. Oliveira Martins, não é com effeito didactica, porque os meus livros não teem a pretensão de se dirigir ao nosso magisterio sabio: dirigem-se ao publico, que os não leria de outra forma, ainda quando eu os podesse fazer differentes do que são.» E o publico tem-se encarregado de mostrar, pela soffreguidão com que procura os trabalhos do illustre escriptor, que a inimitavel *maneira* por este adoptada, e n'aquelles claros termos definida, é a que melhor e mais facilmente consegue insinuar-se na intelligencia e penetrar na comprehensão dos que teem a louvavel anciedade de aprender e de illustrar-se.

Alfredo da Cunha *(Revista Nova)*.

«Dizendo que na parte descriptiva, da quantidade de factos com que vem enriquecida, no modo claro e elegantissimo por que está escripta, a obra é um trabalho superior que devem ler quantos se interessam pelos estudos sociologicos, nós não fazemos mais do que ser justos.»

J. de Mattos *(Positivismo*, Porto).

«Puó tenersi come um vero trattato scientifico di etnologia e di antropologia generale.»

A. de Gubernatis *(N. Antologia*, Florença).

Systema dos Mythos Religiosos

1 vol. de XIX-355 pag. — Encadernado 1$000 réis.

INTRODUCÇÃO—LIVRO I—*Animismo:* — Genesis dos mythos — Invenção dos deuses — Animisação dos mortos —Os fetiches —Deus-Sol —O Egypto.—LIVRO II — *Naturalismo:* — A creação — A astrologia —Os cultos orgiacos—Os heroes— A Judéa.—LIVRO III — *Idealismo:* — A mythologia slavo germanica — A mythologia italiana — A Grecia.—LIVRO IV — *A mythologia christan:* — Crise da mythologia appolinea — Os factos de sobrevivencia nos tempos modernos — Demonologia — Religião e religiões.»

«L'aspetto noovo sotto il quale O. M. studió la mitologia era degno d'esser considerato da un antropologo, ed étnologo, e utile il vedere in quali rapporti si trovi lo svolgimento mitologico con la Storia e col carattere d'un popolo, e come abbiano potuto a vicenda l'uno influir sull'altro.

«Se dunque non accetteremo tutta la metafisica antropologica del chiaro mitologo portoghese piu que una volta dovremo accettare alcuni de suoi principii, fondati sopra una realtá storica che non puo sfuggire all'attenzione dell'osservatore; e quando si potra far davvero la Storia comparata della Mitologia, dal que siamo ancora lontani, anche dal libro dell' O. M. si potra cavaare molta luce.

«... abbraccio, senza dubio, con la sua mente un vasto d'osservazione; basta aver sotto gli occhi l'elenco de'libri ch'egli ha consultati pel suo lavoro për accorgersi che il dotto antropologo ha una rica erudizione in materia mitologica».

A. DE GUBERNATIS (*N. Antologia,* Florença.)

Quadro das Instituições Primitivas

(2.ª edição). 1 vol de XII-308 pag. Brochado 700 réis
Encadernado 900 réis.

LIVRO I — *A familia:* — A procreação — A posse das mulheres — O casamento — Sagração da esposa—

O templo domestico — A descendencia — Conclusões. LIVRO II — *A propriedade:* — Terra-vaga — As sortes — A gleba familiar — Individualisação — A conquista. LIVRO III — *A justiça:* — Os juizes — O juramento — O talião — Os usos (tribunaes, crimes e penas, multas, degredo) — As leis. LIVRO IV — *O Estado:* — A cidade — A monarchia — O patriciado — A conquista (a guerra, imperios, feodalismo) — A escravidão — Terra-patria.

«A larga acceitação que acolheu esta obra quando, ha annos, sahiu em 1.ª edição, explica-se, não só pelo nome laureado do escriptor que a firmava, como ainda pelo interesse capital dos assumptos de que se occupa. Porque este é um livro, cuja melhor recommendação está na mera enunciação dos capitulos que o compõem.

Tractando da familia, da propriedade, da justiça e do estado, o auctor propoz-se «estudar parcial e isoladamente as instituições creadas pelos instinctos racionaes-moraes dos homens, acompanhando o seu desenvolvimento espontaneo; até que, estabelecida a democracia civil e formada a nação, estabelecida a propriedade, consagrado o casamento, e concebida a authoridade abstracta das leis, os homens associados, já conscios da sua liberdade e da sua responsabilidade, iniciam a historia propondo theorias, doutrinas, constituições e codigos philosophicos, emquanto as sociedades, agitadas pelas concepções do espirito individual, se encaminham tumultuariamente para um ultimo estado, a que tanto se póde chamar positivo, como critico ou scientifico.»

Para base d'este estudo, o sr. Oliveira Martins, não se limitando aos documentos e provas fornecidas por sociedades estranhas á nossa, usou sempre, e quanto possivel, das noticias dos nossos navegadores e dos monumentos da Edade-media portugueza, no intuito de, não só concorrer com elementos novos e não ex-

plorados por estrangeiros, para enriquecer os fastos das instituições primitivas, mas tambem de mostrar aos nacionaes o valor de mais alguns traços historicos e de mais algumas instituições patrias.

D'onde se vê que o interesse geral, que uma tal obra deve inspirar, augmenta para nós portuguezes, pela feição accentuadamente nacional que o auctor procurou e soube imprimir aos seus valiosissimos estudos.»

ALFREDO DA CUNHA (*Revista Nova*).

«E' um estudo meditado e profundo das phases da sociedade desde o embryão até as formulas que chamamos civilisadas...

«As obras do author não se leem para passatempo ou simples deleite: reclamam attenção e meditação pelo interesse dos assumptos e pela copia de argumentos, provas e reflexões que acompanha a expressão.»

(*Correspondencia de Portugal*, Lisboa.)

«Quando, tottavia, si salva all'uomo l'ideal e si riconosce che le instituzioni umane sono il frutto di un cosi fatto ideale, ci basta e nom domandianno nulla di piu allo storico, e ci rallegriamo anzi che uno storico positivista non prenda le mosse del cranio, dai nervi, dai muscoli, ma senz'altro dalla mente umana.

«E' un comtenplare le vicendi umane dall'alto; e forse qualche positivista potrebbe esser tentato a richiamare il filosofo-antropologo portoghese ad un maggior sentimento della realta... ma é pure sempre consolante in mezzo a tanta preoccopazione delle cose materiale il trovare in Portugallo un giovine pensatore levar si cosi alto a misurare l'evoluzione ideale dell' umanita.

A. DE GUBERNATIS (*N. Antologia*, Florença.)

O Regime das Riquezas

(ELEMENTOS DE CHREMATISTICA)

1 vol. de XXVI-219 pag. — Encadernado 800 réis.

INTRODUCÇÃO—CAPITULO I—*A natureza:* — A terra — O lume—Os alimentos — Inventario das riquezas. — CAPITULO II — *O trabalho:* — A divisão — As ferramentas — Os productos. — CAPITULO III — *A circulação:* — Os vehiculos — O commercio — A moeda.—CAPITULO IV—*A consolidação:*—A população — A mina — A granja — A fabrica — A cidade da riqueza. — CAPITULO V — *A concorrencia:* — A conquista — A usura — Castas e classes.

«N'este livro... ha capitulos que mereciam ser editados pelo governo em quadros parietaes e ser distribuidos pelas escholas e pelas officinas como verdades e preceitos que deviam andar sempre presentes no espirito da geração actual.»

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO, na *Locomotiva.*

«Como todos os escriptos de O. M... o livro apresenta pensamentos originaes e apreciações que destoam das noções geralmente acceites, por convicção para alguns, e por preguiça de trabalhar, de discutir e criticar, para o maior numero.»

(*Corresp. de Portugal*, Lisboa.)

Taboas de Chronologia e Geographia Historica

(1 vol. de XLIV-449 pag. — Brochado 1$000 réis — Encadernado, 1$200 réis)

Primeira parte — Civilisações mongolicas — I China (A. C. 2197 — A. D. 1875). — II Japão (A. C. 660—A. D. 1876). — III Turquia (A. D. 1038-1883). — *Segunda parte* — Civilisações mediterraneas

da Asia e Africa—(Hamitas) Egypto (A. C. 3892 (?) — A. D. 1882). — (Semitas) I. Arabia (A. D. 622-1258). — Estados barbarescos da Africa setentrional — (Tunisia, Tripoli, Argelia, Marrocos, ilhas mediterraneas). — 2. Assyria-Chaldea (... — A. C. 538). — 3. Syria (... — A. D. 1291). — (Aryanos) 1. Persia (A. C. 717 — A. D. 1869). — 2. India (A. C. 2000 —A. D. 1877).—*Terceira parte* — **Civilisações mediterraneas da Europa** — I Grecia (A. C. 1533— A. D. 1881). — II Nações latinas — 1. Italia (A. C. 753 — A. D. 1878). — 2. França (A. C. 154 — A. D. 1881). — 3. Hespanha (A. C. 228 — A. D. 1874). — 4. Portugal (A. D. 1097-1861). — 5. Romania (A. D. 1806-1881). — III Nações germanicas — 1. Allemanha (A. D. 848-1871).—2. Inglaterra (A. D. 450 1882).— 3. Dinamarca (... — 1882). 4. Suecia Noruega(... — 1882). — 5. Suissa (A. C. 1291-1867). — 6. Hollanda (A. D. 1336-1872). — 7. Belgica (A. D. 1336-1866). —IV Nações slavas — 1. Austria-Hungria (A. D. 894-1878). — 2. Servia (A. D. 1806-78). — 3. Montenegro (A. D. 1456-1878). — 4. Russia (A. D. 842-1881). — *Quarta parte* — **Civilisação aryana da America**—Nações indo-européas— I America do Norte, familia germanica:—Estados-Unidos (A.D.1607-882). — II America Centro-austral, familia latina: — 1. Mexico (A. D. 1519-1872). — 2-6 Republicas da America Central (Guatemala, Honduras, Nicaragua, Costa Rica, Salvador, A. D. 1821-80). — 7-9. Columbia, Equador, Venezuella, (A. D. 1502-1870).—10-12. Peru, Chili, Bolivia (A. D. 1529-1866). — 13-15. Buenos-Ayres, Uruguay, Paraguay (A. D. 1515-1870). — 16. Brazil (A. D. 1525-1870).

Diz o auctor no Prologo d'este livro:

«Estudámos nas *Raças humanas* os elementos primordiaes do desenvolvimento organico das sociedades humanas, isto é, a capacidade constitucional da raça,

e a propriedade do lugar escolhido para o seu estabelecimento. Observámos ainda, que a estes elementos como que staticos da civilisação, havia a addicionar um terceiro e fortuito, que é a somma indeterminavel dos accidentes, origem das regressões, das quedas, das paralysações de desenvolvimento, e tambem muitas vezes da fortuna dos estados ou nações, em virtude dos choques determinados pela concorrencia internacional. E' isso o que geralmente se diz historia: é o *dynamismo* dos corpos sociaes, para o qual a observação não chega a fornecer-nos regras ou leis invariaveis, e que portanto chamamos fortuito — em opposição ao *organismo* particular de cada um d'esses corpos sociaes, cujas leis de desenvolvimento nos são sufficientemente conhecidas.

Apresentar o quadro summario da vida das sociedades humanas do nosso planeta, esboçando chronologicamente uma historia universal, eis o proposito d'este livro, indispensavel no plano da nossa *Bibliotheca*, e, ao que nos parece, ainda praticamente util, para o uso commum dos que não acompanham o desenvolvimento gradual da nossa construcção.»

Historia da Republica Romana

(2 vol. de XXXVII 454 e 472 pag. — Br. 2$000 réis —Encadernados, 2$400 réis

Introducção.—LIVRO I : A *cidade romana* :—I. Roma.—1. Fundação da cidade—2. A communidade—3. O temperamento social.—II. A lenda dos reis. —III. A constituição — 1. As classes do povo—2. O senado —3. As magistraturas—4. Os comicios— 5. O estado das pessoas.—IV. Plebs, o povo—1. Os tribunos plebeus—2. As XII taboas da Lei—3. Conquista da egualdade politica—4. *Nobilitas,* a aristocracia nova.—LI-

VRO II : *Unificação da Italia :* — I. A conquista da Etruria—1. Italia—2. Tomada de Veios—3. Invasão dos celtas. — II. Os samnitas — 1. Roma, capital dos latinos—2. As forcas caudinas—3. Insurreição da Italia contra Roma.—III. Pyrrho—1. O mundo grego—2. As milicias romanas—3. Heraklea e Asculo—4. O dissipar da chimera. — IV. Organisação italiana — 1. Expansão do dominio romano—2. As colonias—3. Roma no mar.—LIVRO III: *As guerras punicas* : — I. Carthago *(primeira guerra punica)*—1. A republica—2 Myla —3. Campanha de Africa—4 Conquista da Sicilia *(a primeira provincia)*.—II. Crise da Italia—1. Carthago e Hespanha — 2. Defeza das fronteiras italianas—3. Invasão da Italia *(segunda guerra punica)*.—III. Annibal—1. Trebia Trasimeno—2. Cannas—3. Syracusa e Carthagena—4. Capua—5. Zama.—IV. Catão-o-censor—1. A familia—2. A politica—3. A religião.—LIVRO IV : *Conquista do mundo* :—I. O oriente hellenico — 1. Cynoscephala *(segunda guerra macedonia)*—2. Magnesia *(guerra da Asia)* — 3. Pydna *(terceira guerra macedonia)*.—II. O occidente—1. A Cisalpina 2. *Delenda est Carthago!* *(terceira guerra punica)*—3. A Hespanha. — III. Roma triumphante. —IV. Os escravos.—1 O trafico—2. A *familia* urbana—3. A *familia* rural—4. A guerra.—V. A machina social—1. As finanças—2, A economia nacional — 3. A nação e as suas colonias—4. O governo—5 A constituição. — LIVRO V : *Socialismo e capitalismo:*—I. Os Gracchos 1. Tiberio, o reformador —2. Caio, o dictador—3. A restauração.—II. Mario — 1 A guerra jugurthina—2. Cimbros e teutões — 3. O exercito — 4. Saturnino e Glaucia.—III. A guerra Marsia—1. As leis Livias—2. A nação italiana — 3. A crise —IV- Cinna—1. A tomada da capital—2. A volta de Mario—3. O inferno em Roma.—LIVRO VI: *Os tyrannos:*—I Sylla—1. A guerra do Ponto — 2. A segunda restauração — 3, O dictador—4. A dictadura.—II. Pompeu—1 Os par-

tidos — 2. Sertorio — 3. Sparthaco — 4. A segunda guerra do Ponto—5. Verrina—6. Os piratas—7. Fim de Mithridates. Conquista da Syria.—III. Cicero e a gente fina—1. A sociedade elegante—2. A vida airada 3. Catalina. LIVRO VII — *O cesarismo*: I. O primeiro triumvirato — 1. A volta de Pompeu — 2. O consulado de Cesar — 3. O convento de Lucca. — II. As campanhas da Gallia — 1. A gente celtica — 2. Ariovisto — 3. Os belgas e os bretões — 4. Vercingetorix. — III. Carrha. — IV. A guerra civil — 1. O rompimento — 2. A fuga de Pompeu — 3. Ilerda — 4. Pharsalia — 5. Thapso — 6. A morte de Catão. — V. *Ave Cesar!* — 1. O monarcha — 2. O imperio — 3. O triumpho. — VI. Bruto — 1. A reacção — 2. *Tu quoque Brute!* — 3. O funeral de Cesar. — VII. Octavio Augusto — 1. Os triumviros — 1. Phillippo—3. A vida incomparavel — 4. Accio — O consorcio da morte!

A Inglaterra de hoje

(CARTAS D'UM VIAJANTE)

1 vol, de 260 paginas. brochade 600 reis. Encadernado, 800 réis.